



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
PROGRAMA ASSOCIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA**

ANA BEATRIZ JUVÊNIO GONÇALVES

**ATUAÇÃO DE TRANCISTAS NA CIDADE DE FORTALEZA: UM ESTUDO
ANTROPOLÓGICO NO *INSTAGRAM* SOBRE TRANÇAS, TRANSIÇÃO CAPILAR
E PROCESSOS DE DESCOLONIZAÇÃO**

REDENÇÃO

2023

ANA BEATRIZ JUVÊNIO GONÇALVES

ATUAÇÃO DE TRANCISTAS NA CIDADE DE FORTALEZA: UM ESTUDO
ANTROPOLÓGICO EM AMBIENTE VIRTUAL SOBRE *INSTAGRAM*, TRANSIÇÃO
CAPILAR E PROCESSOS DE DESCOLONIZAÇÃO

Dissertação apresentada ao Programa Associado de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Ceará e da Universidade da Integração da Lusofonia Afro-brasileira, como requisito parcial à obtenção do título de mestra em Antropologia. Área de concentração: Narrativas, Simbolismos, Emoções.

Orientadora: Profa. Dra. Denise Ferreira da Costa Cruz.

REDENÇÃO

2023

ANA BEATRIZ JUVÊNIO GONÇALVES

ATUAÇÃO DE TRANCISTAS NA CIDADE DE FORTALEZA: UM ESTUDO
ANTROPOLÓGICO EM AMBIENTE VIRTUAL SOBRE *INSTAGRAM*, TRANSIÇÃO
CAPILAR E PROCESSOS DE DESCOLONIZAÇÃO

Dissertação apresentada ao Programa Associado de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Ceará e da Universidade da Integração da Lusofonia Afro-brasileira, como requisito parcial à obtenção do título de mestra em Antropologia. Área de concentração: Narrativas, Simbolismos, Emoções.

Orientadora: Profa. Dra. Denise Ferreira da Costa Cruz.

Aprovada em: 19/05/2023

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Denise Ferreira da Costa Cruz (Orientadora)

Universidade Federal do Ceará (UFC) e Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB)

Profa. Dra. Susana Alem Abrantes

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Profa. Dra. Luane Bento dos Santos

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da UNILAB
Catalogação de Publicação na Fonte.

Gonçalves, Ana Beatriz Juvêncio.

G924a

Atuação de trancistas na cidade de Fortaleza: um estudo antropológico em ambiente virtual sobre Instagram, tranças, transição capilar e processos de descolonização / Ana Beatriz Juvêncio Gonçalves. - Redenção, 2023.
125f: il.

Dissertação - Curso de Mestrado Acadêmico em Antropologia, Programa Associado de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2023.

Orientador: Profa. Dra. Denise Ferreira da Costa Cruz.

1. Descolonização. 2. Ciberespaço. 3. Cabelo - Penteados afro. 4. Mulheres negras. I. Título

CE/UF/BSP

CDD 303.4834

Em memória de Jonael Lima Pontes e João
Batista Gonçalves do Nascimento.

RESUMO

Este trabalho apresenta uma análise reflexiva em torno da atuação de mulheres negras que exercem a profissão de trancistas na cidade de Fortaleza, capital do estado do Ceará. Este estudo se volta, em particular, para mulheres que exercem profissionalmente a prática do trançar; que geram renda e sustento por meio de seus conhecimentos e habilidades na feitura de penteados trançados; e que, desse modo, revitalizam e preservam este saber, que por sua vez, é uma herança etnocultural com origens em África (BYRD; THARPS, 2014; GOMES, 2019; SANTOS, 2013). As reflexões propostas neste estudo levam a compreender: como esse mercado se desenvolveu na cidade; quem são essas mulheres, como elas tornaram-se trancistas e como constroem suas identidades raciais; e por fim, que conhecimentos produzem, articulam e compartilham através da plataforma de rede social *Instagram*. Para tanto, o estudo se apoia em pesquisas já desenvolvidas nas ciências sociais que abordam a presença de mulheres negras e feministas no *ciberespaço* como agentes significativas na construção e ampliação de novos espaços de aprendizagens.

Palavras-chaves: identidade negra; trancistas e trançadeiras; antropologia; ciberespaço; descolonização.

ABSTRACT

This work presents a reflective analysis around the performance of black women who work as trancistas in the city of Fortaleza, capital of the state of Ceará. This study focuses, in particular, on women who practice braiding professionally; who generate income and livelihoods through their knowledge and skills in braiding hairstyles; and that, in this way, revitalize and preserve this knowledge, which in turn is an ethnocultural heritage with origins in Africa (BYRD; THARPS, 2014; GOMES, 2019; SANTOS, 2013). The reflections proposed in this study lead to understanding: how this market developed in the city; who these women are, how they became trancistas and how they construct their racial identities; and finally, what knowledge they produce, articulate and share through the Instagram social network platform. To this end, the study is based on research already developed in the social sciences that addresses the presence of black women and feminists in cyberspace as significant agents in the construction and expansion of new learning spaces.

Keywords: black identity; braiders and braiders; anthropology; cyberspace; decolonization.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 -	Interlocutoras centrais	29
Quadro 2 -	Quadro sinóptico das <i>redes sociais virtuais</i>	36
Mapa 1 -	Bairros de atuação das trancistas	31
Gráfico 1 -	Número de trancistas por tempo que trabalha como trancista	51
Gráfico 2 -	Evolução da Taxa de Participação por grupos de gênero e raça	75
Figura 1 -	Print de perfil no <i>Instagram</i>	38
Figura 2 -	<i>Logo</i> usadas em perfis estudados	39
Figura 3 -	Perfil no <i>Instagram</i> de <i>@trancas.mexerica</i>	41
Figura 4 -	Perfil no <i>Instagram</i> de <i>@studionayoliveira</i>	42
Figura 5 -	<i>Print</i> de conversa via <i>direct</i>	43
Figura 6 -	<i>Prints</i> de post em perfil <i>@fazendoasuacabeca</i>	44
Figura 7 -	Compilado de <i>prints</i> de <i>reels</i> no perfil <i>@abebe.trancas</i>	45
Figura 8 -	<i>Prints</i> de <i>stories</i> nos perfis <i>@jacktrancas</i> e <i>@boxbraids_ce</i>	46
Figura 9 -	<i>Prints</i> de <i>stories</i> e post publicado por <i>@yabatrancas</i>	48
Figura 10 -	<i>Prints</i> de <i>stories</i> publicado em perfil <i>@fazendoasuacabeca</i>	49
Figura 11 -	<i>Print</i> de perfil de Rafa Xavier	57
Figura 12 -	<i>Print</i> de conteúdo de Rafa Xavier no <i>Youtube</i>	59
Figura 13 -	<i>Thumbnails</i> usados por Rafa Xavier	60
Figura 14 -	<i>Print</i> de anúncio de pomada de Rafa Xavier em site <i>Shopee</i>	61
Figura 15 -	Conteúdo de divulgação publicado por Rafa Xavier	62
Figura 16 -	<i>Print</i> de perfil de <i>@esteticapreta_</i>	65
Figura 17 -	<i>Print</i> de post de <i>@esteticapreta_</i>	65
Figura 18 -	Montagem de fotos feita pela pesquisadora	67
Figura 19 -	<i>Print</i> de perfil de Brunex Hair	69
Figura 20 -	<i>Print</i> de site AKJOY	71
Figura 21 -	<i>Print</i> de conteúdo de Brunex Hair em <i>Youtube</i>	72
Figura 22 -	<i>Prints</i> de <i>stories</i> em perfil de Rana	73
Figura 23 -	<i>Post</i> de perfil <i>@blackworktrancismo</i>	79
Figura 24 -	<i>Stories</i> de perfil <i>@abebe.trancas</i>	80
Figura 25 -	<i>Post</i> em <i>Instagram</i>	81
Figura 26 -	<i>Post</i> em <i>Instagram</i>	82
Figura 27 -	<i>Stories</i> em perfil <i>@irunbraids_ (1/2)</i>	84

Figura 28 -	<i>Stories</i> em perfil @irunbraids_ (2/2)	84
Figura 29 -	<i>Post</i> em perfil @trancas.mexerica (1/3)	87
Figura 30 -	<i>Post</i> em perfil @trancas.mexerica (2/3)	88
Figura 31 -	<i>Post</i> em perfil @trancas.mexerica (3/3)	88
Figura 32 -	<i>Stories</i> em perfil @fazendoasuacabeça	90

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	REFLEXÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS	14
2.1	O cabelo que o colonialismo odiou (e nos ensinou a odiar)	14
2.2	No Ceará tem disso sim	21
2.3	As interlocutoras	23
2.4	Metodologias	26
2.4.1	<i>O ciberespaço e as redes sociais virtuais</i>	33
2.5	<i>Instagram</i>	36
2.5.1	<i>Interface</i>	38
2.6	Pandemia de SarsCov2	47
3	CIBERESPAÇO, TRANÇAS E TRANCISTAS	50
3.1	Como o <i>ciberespaço</i> está transformando a prática do trançar e suas reverberações na profissão	50
3.2	Denise Fonseca e Rafa Xavier	54
3.3	Rana e Bruna Hair	68
3.4	O empreendedorismo em pauta	73
4	TRANSIÇÃO CAPILAR, CIBERESPAÇO E TRANCISTAS	78
4.1	Como o fenômeno da transição capilar contribuiu para o aumento e valorização da profissão de trancista	78
4.2	O que é transição capilar?	80
4.3	Uma ambivalência acerca dos usos das tranças	93
5	DIÁLOGOS CONCLUSIVOS	95
	REFERÊNCIAS	100

APÊNDICE A - TABELA DE MAPEAMENTO DE PERFIS DE TRANCISTAS NO INSTAGRAM ATUANTES EM FORTALEZA	109
APÊNDICE B – TABELA DE TRANCISTAS QUE RESPONDERAM AO QUESTIONÁRIO	112
APÊNDICE C – TABELA DE BAIRROS APONTADOS COMO LOCAL DE ATUAÇÃO DAS TRANCISTAS POR NOME DE SUAS CONTAS NO INSTAGRAM	114
APÊNDICE D – FORMULÁRIO VIRTUAL DE MAPEAMENTO	116
APÊNDICE E – DISTRIBUIÇÃO DE TRANCISTAS POR BAIRRO	124

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta uma análise reflexiva em torno da atuação de mulheres negras que exercem a profissão de trancistas na cidade de Fortaleza, capital do estado do Ceará. Assim como a denominação trançadeira, trancista é o termo utilizado para se referir a quem faz tranças; este estudo se volta, em particular, para mulheres que exercem profissionalmente a prática do trançar; que geram renda e sustento por meio de seus conhecimentos e habilidades na feitura de penteados trançados; e que, desse modo, revitalizam e preservam este saber, que por sua vez, é uma herança etnocultural com origens em África (BYRD; THARPS, 2014; GOMES, 2019; SANTOS, 2013).

O interesse por estudar esta temática nasceu da minha experiência de mulher negra à procura de uma trancista na cidade de Fortaleza no ano de 2020. Ao tomar a decisão de que trançaria meus cabelos com uma profissional, busquei através do aplicativo *Instagram* a oferta do serviço, pois já havia tomado conhecimento da existência de perfis de trancistas neste aplicativo de rede social. O *Instagram* foi criado no ano de 2010, e opera através da instalação gratuita do aplicativo em aparelhos celulares capazes de hospedá-lo (*Android* e *IOS*). Em 2020, a plataforma de rede social contava com mais de 1 bilhão de usuários ativos no mundo; sendo o Brasil o segundo país com maior número de usuários, atrás apenas dos Estados Unidos da América¹.

Esta busca despertou-me o olhar para tal panorama na capital cearense, que eu desconhecia: a existência de um movimentado mercado de tranças fomentado, majoritariamente, por mulheres negras e jovens, usuárias do *Instagram*. Tal desconhecimento em minha trajetória como mulher negra, aponta inicialmente, para o fato de em minha família não haver trancistas; e de eu não ter tido as experiências com tranças na infância como as que crianças negras de cabelos cacheados e crespos costumam ter – como primeira técnica de manipulação dos cabelos (GOMES, [2006] 2019)². Assim, tendo os cabelos mais ondulados que crespos, as tranças só entraram em minha vida no final da adolescência, quando buscava referências negras no mundo externo ao familiar: na escola, na universidade e na *internet*. E na prática, fui trançada pela primeira vez por uma trancista profissional aos 24 anos, momento em que este estudo começa a ser idealizado.

Além do quantitativo de profissionais que encontrei, outro fator chamou-me

¹ A discussão sobre o *Instagram* será aprofundada no decorrer deste estudo.

² Ver Walker (1988) e hooks (2005).

atenção: a forte presença de conteúdos e narrativas de teor social, histórico e político acerca de questões raciais nos perfis de *Instagram* das trançistas. Já me interessava por investigar o advento das tecnologias digitais como mecanismo que permitiu novas possibilidades de expressão política para as mulheres (BARROS, 2009); e diante da constatação que as trançistas se apropriaram do *Instagram*, não apenas como um espaço de divulgação de seus trabalhos, mas também como local de disputa política de narrativas, decidi pesquisar este universo.

Assim, as reflexões propostas neste estudo levam a compreender: como esse mercado se desenvolveu na cidade; quem são essas mulheres, como elas tornaram-se trançistas e como constroem suas identidades raciais; e por fim, que conhecimentos produzem, articulam e compartilham através da plataforma de rede social *Instagram*. Para tanto, o estudo se apoia em pesquisas já desenvolvidas nas ciências sociais que abordam a presença de mulheres negras e feministas no *ciberespaço* como agentes significativas na construção e ampliação de novos espaços de aprendizagens (BARROS, 2009; PAZ, 2019). Pois, como será possível observar, o trabalho desempenhado por minhas interlocutoras não pode ser analisado separadamente de seu propósito enquanto ação política e formativa.

Assim, esta pesquisa propõe olhar para a atuação das trançistas, a partir de fontes digitais provenientes do ciberespaço, que se caracteriza, segundo Lévy (1999, p. 92) como “um espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial de computadores”; um local de disponibilização de informações possibilitado pela *internet* e pelas novas tecnologias, que se constitui como uma dimensão virtual da realidade, onde os indivíduos interagem pela forma de imagens, textos, áudios e vídeos através de dispositivos conectados à *internet* (RABAÇA, BARBOSA, 2001).

Nesse contexto, as narrativas analisadas estão relacionadas com as significativas mudanças produzidas pela universalização dos usos de aparatos tecnológicos, especialmente os *smartphones*, incorporados à vida cotidiana das pessoas. Destarte, pretendemos alimentar e atualizar a literatura produzida sobre trançistas e penteados afros a partir da dimensão do ciberespaço; ao apresentar como este novo cenário está posto e que novos elementos trazem aos estudos sobre tranças e salões étnicos.

É neste sentido, que entendo a importância desta discussão, visto que o trabalho desenvolvido por trançistas no ciberespaço se constitui, como apresentarei a seguir, como uma grande rede interconectada que produz processos formativos não formais e profissionalizantes com alcance de milhares de pessoas; e ao fazer isso, pretendo também discutir como essas movimentações, protagonizadas por mulheres negras, são capazes de impactar objetiva e

subjetivamente as vidas de umas das outras, especialmente, no que diz respeito a descolonização de seus corpos e mentes.

No Brasil, durante séculos, a prática de elaborar penteados trançados foi preservada e reinventada, especialmente pelas mãos de mulheres (SILVA, 2013). Para compreender a permanência e a constante reinvenção das tranças e das pessoas que as tecem, é preciso voltar-se para suas origens: o continente africano. Na maioria das sociedades da África Ocidental os cabelos funcionaram como transmissores de mensagens e simbologias; penteados diversos e sofisticados eram usados para indicar estado civil, idade, religião, identidade étnica e riqueza dentro da comunidade. Com isso, além de técnica e destreza, a manipulação do cabelo em África se apresenta como uma atividade requerente de status e responsabilidade social: “o cabeleireiro sempre teve um lugar especial na vida da comunidade” (BYRD; THARPS, 2014, l. 168).

É incontestável a força dos significados sociais, estéticos e espirituais que as civilizações africanas atribuem aos cabelos e aos que os manipulam. Assim como é inegável que esses valores acompanharam os povos negros na diáspora forçada provocada pelo colonialismo europeu que remonta ao século XV. Ao chegarem ao Brasil, sob a condição de escravizados, essas pessoas buscaram manter seus costumes e tradições dentro da nova realidade cruel que lhes foram impostas. Então, a prática de trançar os cabelos também se tornou uma forma de resistência e afirmação identitária “contra os estigmas que também acompanharam esses grupos no decorrer de sua história no contexto colonial brasileiro” (SILVA, 2013, p. 20).

Podemos afirmar, a partir da discussão trazida por Gomes (2006), que as preocupações dos (as) africanos (as) com o corpo e cabelo são muito antigas e que no “Novo Mundo” elas sofreram transformações, contudo permaneceram, de certo modo, no universo dos (as) negros (as) brasileiros (as) revestidas com outras abordagens. Reis (2010) argumenta que mesmo no período de escravidão, as dimensões de cuidados pelos cabelos e corpo negro não foram extintas, segundo a autora é possível observar a manutenção da vaidade com os cabelos e os trajes (mesmo em contextos tão complexos e cruéis) através das imagens retratadas pelos viajantes do século XIX como Rugendas e Debret. **Souza (2009) também nos revela a constância estética nos tempos de escravidão:**

Assim, as manipulações corpóreas realizadas sobre o cabelo por negros (as) fazem parte da memória coletiva afro-brasileira, seja com o uso de procedimentos como o famoso pente quente ou com as “afirmativas” tranças e outros penteados “afro”. Não são processos “novos” de comportamento estético contra o padrão hegemônico branco ocidental, tem suas

raízes em uma memória “ancestral”. Na realidade, são processos de comportamentos estéticos que viveram sobre forte opressão colonial/racial. Pois não foi fácil para os grupos africanos manterem parte de seus valores culturais no território brasileiro, principalmente alguns símbolos étnicos aplicados aos cabelos (SANTOS, 2013, p. 30 e 31).

Assim, consciente da longa e imbatível história dos penteados afros, neste estudo, também farei uma breve discussão sócio-histórica, acionando perspectivas e conceitos teóricos anticoloniais produzidos nas ciências sociais. Por conseguinte, a pesquisa também apoia-se nos estudos acerca dos cabelos dos negros e salões étnicos produzidos no Brasil (FIGUEIREDO, 1994; GOMES, 2002; COUTINHO, 2010; BOUZÓN, 2010; SANTOS, 2013; SILVA, 2013; SONGA, 2017; COSTA, 2017).

2 REFLEXÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

2.1 O cabelo que o colonialismo odiou (e nos ensinou a odiar)

Para compreender como se deram os processos de marginalização e inferiorização das estéticas negras no Brasil, apresento neste tópico um breve apanhado do contexto histórico em que os penteados trançados se situam.

“A história dos cabelos negros começa onde tudo começou – na África”, assim se inicia a obra “Hair Story - Untangling the Roots of Black Hair in America” de Ayana D. Byrd e Lori L. Tharps de 2014, um importante estudo em língua inglesa, ainda sem tradução para o português, que analisa a história cultural e política dos cabelos dos negros da África do século XV à América contemporânea. De certo, para discutir os cabelos dos negros brasileiros é preciso retornar à África e à diáspora, pois são de onde os negros brasileiros herdaram o costume de manipulação e ornamentação dos cabelos que tratamos neste estudo.

Para compreender como se deram os processos de marginalização e inferiorização das estéticas negras no Brasil, apresento neste tópico um breve apanhado do contexto histórico em que os penteados trançados se situam.

Tendo como objetivo investigar as trajetórias e atuações políticas e sociais das trançistas evidenciadas no meu objeto, é preciso contextualizar como que, de diversas formas, tanto o valor estético quanto a carga cultural dos cabelos foram e ainda são importantes nas civilizações africanas e afro-diaspóricas: um penteado poderia significar desde um dispositivo de atração entre casais à uma sinalização de um rito religioso, mesmo os cabelos desgrenhados e descuidados poderiam evidenciar um fato – como luto ou fraqueza moral. Byrd e Tharps (2014) descrevem que

Desde que as civilizações africanas floresceram, estilos de cabelo têm sido usados para indicar o estado civil, idade, religião, identidade étnica, riqueza e posição social de uma pessoa na comunidade. Em algumas culturas, o sobrenome de uma pessoa pode ser verificado simplesmente examinando o cabelo, porque cada clã tinha seu próprio penteado exclusivo. O penteado também serviu como um indicador das origens geográficas de uma pessoa. O povo Kuramo da Nigéria, por exemplo, era reconhecido por seu penteado único - uma cabeça raspada com um único tufo de cabelo deixado no topo. Na cultura wolof do Senegal, as jovens que não estavam em idade de casar raspavam parcialmente a cabeça para enfatizar sua indisponibilidade para o namoro (BYRD; THARPS, 2014, l. 131)³.

³ Original: Ever since African civilizations bloomed, hairstyles have been used to indicate a person's marital status, age, religion, ethnic identity, wealth, and rank within the community. In some cultures a person's surname could be ascertained simply by examining the hair because each clan had its own unique hairstyle. The hairstyle also served as an indicator of a person's geographic origins. The Kuramo people of Nigeria, for example, were recognized by their unique coiffure - a shaved head with a single tuft of hair left on top. In the Wolof culture of

O cabelo também carregava grande valor nas relações dos homens com a espiritualidade, por isso, também há o cuidado sobre quem os manipulava. Nessas tradições, a figura da cabeleireira (o)/trancista/trançadeira ocupava lugar de destaque, como também explicam Byrd e Tharps (2014):

Como o espírito de uma pessoa supostamente está aninhado no cabelo, a cabeleireira sempre teve um lugar especial na vida da comunidade. A cabeleireira costumava ser considerada o indivíduo mais confiável da sociedade. A tarefa complicada e demorada de pentear o cabelo incluía: lavar, pentear, untar, trançar, torcer e / ou decorar o cabelo com qualquer número de adornos, incluindo tecido, contas e conchas. O processo pode durar várias horas, às vezes vários dias. Frequentemente, as únicas ferramentas que a cabeleireira usava eram um pente de madeira entalhado à mão, óleo de palma e anos de *know-how* criativo. Em algumas culturas, o cabelo era penteado por um membro da família porque apenas um parente era o responsável por uma tarefa tão importante. Na tradição iorubá, todas as mulheres eram ensinadas a fazer tranças, mas qualquer jovem que mostrasse talento na arte de cabeleireira era incentivada a se tornar uma "mestra", assumindo a responsabilidade pelos penteados de toda a comunidade. Antes de uma "mestra" morrer, ela passava sua caixa de ferramentas de cabeleireira para uma sucessora dentro da família durante uma cerimônia sagrada. (BYRD; THARPS, 2014, l. 168)⁴.

É incontestável a força dos significados sociais, estéticos e espirituais que as civilizações africanas atribuíram aos cabelos. Assim como é inegável que esses valores acompanharam os povos negros na diáspora forçada, provocada pelo colonialismo europeu que remonta ao século XV.

O colonialismo se refere à estrutura de dominação e exploração que a expansão europeia estabeleceu em determinados territórios os quais já se viviam e se organizavam outros povos. Portugueses, espanhóis, franceses, ingleses e outras nações europeias foram responsáveis por produzir e fundamentar essa estrutura a fim de extrair e acumular riquezas. Através de uma violência extrema estabeleceram o controle e administração da economia e autoridade de territórios e povos nas Índias, América e África. Os colonizadores europeus expropriaram os nativos de suas terras e exploraram sua força de trabalho; extraíram os

Senegal, young girls who were not of marrying age partially shaved their heads to emphasize their unavailability for courting (tradução da pesquisadora).

⁴ Original: Because a person's spirit supposedly nestled in the hair, the hairdresser always held a special place in community life. The hairdresser was often considered the most trustworthy individual in society. The complicated and time-consuming task of hair grooming included washing, combing, oiling, braiding, twisting, and/or decorating the hair with any number of adornments including cloth, beads, and shells. The process could last several hours, sometimes several days. Often the only tools the hairdresser used were a hand-carved wooden comb (specifically designed with long teeth and rounded tips to remove tangles and knots without causing excessive pain), palm oil, and years of creative know-how. In some cultures the hair was groomed by a family member because only a relative could be trusted with such an important task. In the Yoruba tradition, all women were taught how to braid, but any young girl who showed talent in the art of hairdressing was encouraged to become a "master," assuming responsibility for the entire community's coiffures. Before a "master" died, she would pass on her box of hairdressing tools to a successor within the family during a sacred ceremony.

recursos naturais de seus territórios e sequestraram e traficaram seus povos (MIGNOLO, 2017).

Aproximadamente 20 milhões de africanos, entre homens, mulheres e crianças, foram acorrentados e forçados ao mercado de escravizados na costa que se estendia de Senegal até Angola (BYRD; THARPS, 2014). Apenas para o Brasil, cerca de 4,8 milhões de africanos escravizados foram transportados e comercializados entre os séculos XVI e XIX (IBGE, 2000). O período colonial foi cínica e erroneamente justificado através da retórica do progresso, salvação, desenvolvimento e modernização. A expansão europeia se colocava para o mundo não ocidental como exportadores da modernização, na busca por justificar toda e qualquer violência com a criação da noção da superioridade racial branca. A hegemonia eurocêntrica implicou na atribuição de “raça branca” a todos os dominadores “europeus”, e em contrapartida, a todos os dominados “não-europeus” o atributo de “raças de cor” (QUIJANO, 2009).

Há inúmeras formas de se abordar e compreender a noção de *superioridade racial* que o *colonialismo* desenvolveu, Mbembe (2017) o faz de maneira assertiva e irônica:

[...] a sua ávida necessidade de mitos destinados a fundamentar o seu poder, o hemisfério ocidental considerava-se o centro do globo, o país natal da razão, da vida universal e da verdade da Humanidade. Sendo o bairro mais civilizado do mundo, só o Ocidente inventou um «direito das gentes». Só ele conseguiu edificar uma sociedade civil das como um espaço público de reciprocidade do direito. Só ele deu origem a uma ideia de ser humano com direitos civis e políticos, permitindo-lhe desenvolver os seus poderes privados e públicos como pessoa, como cidadão que pertence ao género humano e, enquanto tal, preocupado com tudo o que é humano. Só ele codificou um rol de costumes, aceites por diferentes povos, que abrangem os rituais diplomáticos, as leis da guerra, os direitos de conquista, a moral pública e as boas maneiras, as técnicas do comércio, da religião e do governo. (MBEMBE, 2017, p. 27).

E se essas eram as qualidades do homem branco europeu – centro do globo – para “o resto” sobrava tudo o que era animalesco/primitivo, que necessitava ser civilizado. Seja no comércio negreiro, nas colônias de plantação ou de exploração, a condição do negro foi a de desumanização. Apesar de desenvolver uma estrutura de dominação através da subjugação e exploração, produzindo processos de violência extrema, o homem branco não se reconhecia como besta, pelo contrário, produziram o discurso de que agiam fundamentalmente como agentes civilizatórios. Dessa forma, o colonialismo determinou a aniquilação completa ou parcial de etnias, costumes, religiões, tradições e saberes... Todo conhecimento fora do domínio europeu foi denominado como primitivo.

Sendo assim, algumas perspectivas sobre os cabelos dos negros era de que seriam

primitivos. Byrd e Tharps (2014, 1 .221), explicam que “uma das primeiras coisas que os comerciantes de escravos fizeram com sua nova “carga” foi raspar a cabeça se elas ainda não tivessem sido desfalcadas por seus captores. Ao fazer isso, os feitores tiravam a dignidade e identidade que seus cabelos resguardavam conforme seus costumes e valores. As autoras explicam:

Presumivelmente, os traficantes de escravos raspavam as cabeças de seus novos escravos por motivos que consideraram sanitários, mas o efeito foi muito mais insidioso. A cabeça raspada foi o primeiro passo que os europeus deram para apagar a cultura do escravo e alterar a relação entre o africano e seu cabelo. Separar os indivíduos da família e da comunidade nos navios negreiros durante a passagem do meio aumentou sua alienação de tudo o que já conheceram. Chegando sem seus estilos de cabelo característicos, Mandingos, Fulanis, Ibos e Ashantis entraram no Novo Mundo, exatamente como os europeus pretendiam, como bens móveis anônimos. (BYRD; THARPS, 2014, p. 221)⁵.

No Novo Mundo, os escravizados africanos enfrentaram uma realidade cruel e desumanizante; foram forçados a um caminho de auto ódio e sentimentos de inferioridade.

Enquanto na África as mulheres podiam passar horas por dia arrumando os cabelos e arrumando-os nos estilos tradicionais, nas plantações usavam lenços ou lenços confeccionados com retalhos de tecido grosseiro fornecidos por mestres avaros para manter os cabelos bem escondidos. Em parte como proteção do sol escaldante e moscas pairando e em parte por vergonha do cabelo agora feio, o trapo tornou-se onipresente na cultura escrava. (BYRD; THARPS, 2014, p. 227).

Os donos de escravizados respaldados pela comunidade científica patologizaram as características dos povos africanos e os destinaram ao fundo da escala evolutiva, e desse modo, “a lavagem cerebral dos proprietários de escravos se enraizou” (BYRD; THARPS, 2014, p. 284).

Dito isso, é interessante inserir uma reflexão acerca da noção de *colonialidade* cunhada pelo intelectual peruano Aníbal Quijano. O termo se diferencia do colonialismo à medida que a colonialidade se mostra mais profunda e duradoura, capaz de se impor na intersubjetividade dos sujeitos e criar fortes raízes em todas as esferas da vida. Para Quijano (2009), a manutenção e reprodução do poder eurocêntrico dependeu do mecanismo de naturalizar – possuindo ou não alguma referência na natureza/biologia – os lugares dos sujeitos nas relações de poder. Para isso, foi produzida a categoria “raça”, que “estabeleceu-se

⁵Original: Presumably the slave traders shaved the heads of their new slaves for what they considered sanitary reasons, but the effect was much more insidious. The shaved head was the first step the Europeans took to erase the slave’s culture and alter the relationship between the African and his or her hair. Separating individuals from family and community on the slave ships during the middle passage furthered their alienation from everything they had ever known. Arriving without their signature hairstyles, Mandingos, Fulanis, Ibos, and Ashantis entered the New World, just as the Europeans intended, like anonymous chattel.

e reproduziu-se como a forma básica da classificação societal universal do capitalismo mundial e como o fundamento das novas identidades geoculturais e das suas relações de poder no mundo” (QUIJANO, 2009, p. 106-107). O autor explica ainda que:

O fato de que os europeus ocidentais imaginaram ser a culminação de uma trajetória civilizatória desde um estado de natureza, levou-os também a pensar-se como os modernos da humanidade e de sua história, isto é, como o novo e ao mesmo tempo o mais avançado da espécie. Mas já que ao mesmo tempo atribuíam ao restante da espécie o pertencimento a uma categoria, por natureza, inferior e por isso anterior, isto é, o passado no processo da espécie, os europeus imaginaram também serem não apenas os portadores exclusivos de tal modernidade, mas igualmente seus exclusivos criadores e protagonistas. O notável disso não é que os europeus se imaginaram e pensaram a si mesmos e ao restante da espécie desse modo –isso não é um privilégio dos europeus– mas o fato de que foram capazes de difundir e de estabelecer essa perspectiva histórica como hegemônica dentro do novo universo intersubjetivo do padrão mundial do poder. (QUIJANO, 2005, p.122).

A perspectiva eurocêntrica, ou melhor, a colonialidade, é o que continua presente entranhada no ser e sentir dos povos que conquistaram sua independência formal após o fim da administração colonial. Isso pode ser visto e sentido no campo psicológico, espiritual, institucional, estético... Dito de outra forma, mesmo que finde o colonialismo ainda resta a colonialidade.

O Brasil, ao ter seus territórios pré-estabelecidos pelos povos nativos destruídos parcial ou totalmente, e logo depois, reestruturados a partir da colonização europeia, teve novos padrões estéticos impostos. O branco foi associado ao belo, puro e civilizado. O negro ao feio, sujo e animalesco. Essas classificações decorrem da narrativa mítica que estabeleceu a naturalização (biológica) da inferioridade/desumanidade dos negros, mesmo que:

A cor da pele, a forma e a cor do cabelo, dos olhos, a forma e o tamanho do nariz etc., não têm nenhuma consequência na estrutura biológica do indivíduo e certamente menos ainda nas suas capacidades históricas. E, do mesmo modo, ser trabalhador ‘manual’ ou ‘intelectual’ não tem relação com a estrutura biológica. Por outras palavras, o papel que cada um desses elementos joga na classificação social, ou seja, na distribuição do poder, não tem nada a ver com a biologia, nem com a ‘natureza’. Tal papel é o resultado das disputas pelo controlo dos meios sociais (QUIJANO, 2009, p. 106).

A hierarquização dos fenótipos do negro pelo europeu no período de escravidão foi uma criação arbitrária do homem branco, nessa mentalidade quanto mais próximos da aparência do europeu mais toleráveis os negros se tornavam. Gomes ([2006], 2019) descreve como essa hierarquia era reforçada:

Um escravo de cabelo alisado ou anelado e pele clara era comprado, no mercado, por um preço superior em relação ao seu companheiro de cabelo crespo e pele escura. Essa hierarquização foi, aos poucos, sendo introjetada pelos próprios negros e, mesmo após a abolição, muitos continuaram considerando os sujeitos do seu

grupo étnico/racial que apresentavam pele escura e cabelo crespo como menos atrativos, inteligentes e menos dignos. (GOMES, [2006],2019, p. 276).

Os fenótipos dos classificados como não-brancos foram postos no campo do indesejado, exótico. O cabelo liso e loiro, fenótipos europeus, se impuseram como características valorizadas e desejadas, e o que se aproxima disso chega mais perto de ser aceito socialmente. Por outro lado, ao cabelo crespo foi atribuído o primitivo e selvagem. Sobre isso, Kilomba (2020) discorre:

Mais do que a cor de pele, o cabelo tornou-se a mais poderosa marca de servidão durante o período de escravização. Uma vez escravizadas/os, a cor da pele de africanas/os passou a ser tolerada pelos senhores brancos, mas o cabelo não, que acabou se tornando um símbolo de “primitividade”, desordem, inferioridade e não-civilização. O cabelo africano foi então classificado como “cabelo ruim”. Ao mesmo tempo, negras e negros foram pressionadas/os a alisar o “cabelo ruim” com produtos químicos apropriados, desenvolvidos por indústrias europeias. Essas eram formas de controle e apagamento dos chamados “sinais repulsivos” da negritude. Nesse contexto, o cabelo tornou-se o instrumento mais importante da consciência política entre africanas/os e africanas/os da diáspora. Dreadlocks, rasta, cabelos crespos ou “black” e penteados africanos transmitem uma mensagem política de fortalecimento racial e um protesto contra a opressão racial. Eles são políticos e moldam as posições de mulheres negras em relação a “raça”, gênero e beleza. (KILOMBA, 2020, p. 1498).

É neste sentido que esta investigação elabora as *trancistas*, como mulheres negras que até hoje tornam-se instrumentos de resistência e fortalecimento da autoestima negra, ao transmitirem a mensagem política de afirmação da beleza e das tradições de herança africana. Pois, semelhante aos estigmas que Kilomba (2020) descreve ao falar dos Estados Unidos, no Brasil, o cabelo, junto à cor da pele, se tornou elementar na construção das identidades negras. É possível perceber a importância dos cabelos tanto nos processos de afirmação de uma identidade negra quanto nos processos de embranquecimento e negação.

Assim como o mito da democracia racial é discursado como forma de encobrir os conflitos raciais, o estilo de cabelo, o tipo de penteado, de manipulação e o sentido a eles atribuídos pelo sujeito que os adota podem ser usados para camuflar o pertencimento étnico/racial, na tentativa de encobrir dilemas referentes ao processo de construção da identidade negra. Mas tal comportamento pode também representar um processo de reconhecimento das raízes africanas assim como a de reação, resistência e denúncia contra o racismo. E ainda pode expressar um estilo de vida (GOMES, [2006], 2019, p. 35).

hooks⁶ (2008) afirma que o cabelo continua, apesar dos avanços nas políticas raciais, sendo uma obsessão para as mulheres negras. A autora fala a partir de como cresceu no Sul dos Estados Unidos, mas suas experiências também são vivenciadas, com suas

⁶ O nome da autora (que é fictício e escolhido em homenagem a bisavó) é escrito com a primeira letra em minúsculo em respeito ao seu posicionamento de assim usá-lo, para, segundo ela, chamar atenção para a substância de seus livros e não para si.

particularidades, por mulheres negras brasileiras. Para hooks, quando o negro estadunidense passa a transitar o meio social branco (pós integração) os cabelos se tornam ainda mais uma preocupação. A aparência mais parecida possível a dos brancos significava maiores chances de triunfo. Gomes (2019) explica que tanto nos EUA quanto no Brasil, durante o período de escravidão, os brancos hierarquizaram a cor da pele e o tipo de cabelo dos escravizados. Essa classificação era usada, por exemplo, para escolher os negros que trabalhariam dentro da casa do escravagista. No tráfico negreiro, ambas as características faziam o valor do escravizado ser superior ao de pele mais escura e cabelo mais crespo.

Gonzalez (2020, p. 25) ao refletir acerca do processo de perpetuação do racismo enquanto construção ideológica ressalta que “a eficácia do discurso ideológico é dada pela sua internalização por parte dos atores (tanto os beneficiários quanto os prejudicados), que o reproduzem em sua consciência e em seu comportamento imediatos”; odiar os próprios cabelos desde a infância é um dos efeitos perversos da interiorização dos estigmas que acompanham os sujeitos negros.

As instituições modernas pós colonização continuaram produzindo discriminação racial estética, formal ou implicitamente. Ser admitida ou não em uma vaga de emprego pode, ainda hoje, depender de modificar a forma natural de seus cabelos. Mulheres negras com cabelos naturais, trançados ou com *dreads* são consideradas menos profissionais do que as negras com cabelos lisos. Gonzalez (2020) afirma que anúncios de jornais na seção de empregos que usam expressões como “boa aparência” fazem uso de um código cujo sentido indica que não há lugar para a mulher negra. Essas formas de classificações arbitrárias e hierárquicas também se entranharam no imaginário dos próprios negros, introjetando traumas e auto ódio (GOMES, 2002).

Apesar disso, os penteados trançados foram herdados e mantidos como expressões estéticas e culturais pelos povos da diáspora africana, mesmo contra as forças do poder colonial. No contexto brasileiro, ainda que seus significados tenham sido alterados ao longo do tempo e espaço, os penteados trançados ainda explicitam a existência de um estilo negro de pentear-se e adornar-se, o qual demarca uma herança africana no território brasileiro (GOMES, 2002).

A preservação e manutenção do costume das tranças sobreviveu ao longo dos séculos desde a chegada dos primeiros africanos no Brasil através de gerações de famílias negras, especialmente, pelas mãos das mulheres, que aprendiam a trançar com suas avós, mães e tias e faziam a cabeça uma das outras, envolvidas em gestos de cuidado e intimidade. Gomes ([2006], 2019) descreve que no contexto brasileiro:

Encontramos nas famílias negras a prática de trançar cabelos como um dos primeiros recursos estéticos a serem utilizados na manipulação dos fios, principalmente quando estes se apresentam crespos e em corpos femininos. Os penteados trançados na vida de mulheres negras fazem parte das intervenções corporais estéticas utilizadas sobre os cabelos ao longo da história de vida. Saber adornar os cabelos com penteados trançados não é nenhuma novidade para muitas mulheres negras, pelo contrário, estilizar os cabelos com tranças é uma prática do íntimo, normalmente, aprendida no contexto familiar ou em outros espaços de sociabilidades negras. Fazer “trancinhas” soltas, rasteirinhas, embutidas e coquinhos são modos de pentear e organizar os cabelos repetidos na história de muitas famílias negras e mestiças, principalmente para encaminhar seus filhos à escola. (GOMES, [2006], 2019, p. 127).

Todavia, para esta reflexão não nos voltaremos aos processos de preservação das tranças no seio das famílias negras brasileiras, ainda que esses elementos sejam abordados e analisados a partir das narrativas das interlocutoras. Destarte, esta investigação tem como objetivo voltar-se para as figuras que são intituladas como trançadeiras ou trancistas: mulheres que exercem profissionalmente a prática do trançar, que geram renda e sustento por meio de seus conhecimentos e habilidades; e que, além disso, revitalizam e preservam a herança cultural dos penteados de origem africana.

2.2 No Ceará tem disso sim

Como já foi dito, os sujeitos dessa pesquisa são mulheres negras que trançam cabelos profissionalmente, na cidade de Fortaleza - Ceará, seja em seus salões especializados ou em suas residências. É bem-vindo, neste momento, fazer uma breve contextualização acerca da história de Fortaleza, em especial, ao que se relaciona com as particularidades do “racismo à cearense”.

Segundo Linhares (2013, p. 30), “contar a história de uma cidade é tentar mostrar como se forma um espaço social ou como se forma um sistema de relações num determinado espaço”. Assim, ao situar este estudo no universo de Fortaleza, é preciso ressaltar como a questão racial se expressa na história deste lugar. Ao discorrer sobre o Ceará, o autor supracitado destaca como a historiografia oficial do estado elaborou cuidadosamente a fábula do paraíso racial, mas apenas incorporando o indígena e o branco. A presença do negro, todavia, foi apagada da história e sua invisibilidade fora explicada pela ausência da mão de obra negra intensiva na economia do estado. Sobre isso, o historiador Sousa (2006) explica que,

(...) de forma geral, percebemos que as principais características do racismo em relação ao negro no Ceará são: a estigmatização social assentada na crença de um

passado escravista degradante, mesmo que a historiografia tradicional defenda que a instituição da escravidão fora irrelevante da categorização/identificação étnica nas relações sociais por parte dos negros, que revela por um lado a tentativa de suprimir situações sociais conflituosas por motivos de diferenciação étnica, entendidas como constrangedoras, e por outro lado, o desejo do negro em evadir-se dessa identificação, aproximando-se da categoria e status de branco, caracterizando o ideal de embranquecimento; e a depreciação das manifestações culturais afro-brasileiras, processo que se estabeleceu simultaneamente pela alienação e pela expropriação dessa cultura, e tem suas raízes, ao mesmo tempo em que se imbrica nas características citadas anteriormente. Assim, devemos compreendê-las como faces de uma mesma realidade, articulando-se e influenciando-se mutuamente. (SOUSA, 2006, p. 94).

Segundo mostra o Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará – IPECE (2020), a população declarada preta no Ceará é a menor do Nordeste: 5,9% se reconhecem pretas, 66,2% como pardas e 27,23% brancas. Todavia, um elemento importante a destacar é o que mostrou a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - Pnad (2018), que apontou que entre os anos de 2012 e 2018, a população declarada como preta aumentou e as declaradas como brancas diminuíram em todas as regiões do Brasil, de forma mais acentuada no Nordeste. Esse cenário pode ser explicado como um reflexo que expressa as conquistas dos movimentos negros e o acesso às políticas públicas criadas para a população negra; o reconhecimento cada vez maior das identidades negras é resposta aos longos e incansáveis anos de luta no pós-abolição para que esses sujeitos não tenham suas identidades massacradas frente aos estigmas racistas que os acompanham desde a escravidão.

Dimensionar como o racismo se manifesta aqui, perpassa pela compreensão dos discursos de negação da presença dessas identidades. Apesar de ser conhecida como “Terra da Luz” por ter sido a primeira província a abolir a escravidão no Brasil, o negro cearense tem sua existência negada e silenciada na historiografia oficial. Ironicamente, a abolição da escravatura no Ceará é um dos marcos fundadores de sua história e é usada de forma recorrente como um fator de orgulho local, porém, a continuidade desta narrativa é a construção de uma ideologia racista que faz desaparecer os próprios negros na constituição do Estado (RIBARD; FUNES, 2020).

Sem dúvida, nas última décadas, a historiografia cearense produzida acerca da presença negra, tem contado com os esforços de diversos historiadores comprometidos em desconstruir a ideia de uma participação inexpressiva e garantir aos negros um lugar nessa história⁷. Há de se ressaltar as incontestáveis manifestações de origem africana na cultura cearense, como os autos de congo, a irmandade Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, boi bumba, o maracatu, samba e batuque (RIBARD; FUNES; 2020). Enfim, nas palavras de Ribard e Funes (2020, p.42): “perceber o negro na sociedade cearense é uma

⁷ Essa discussão não será aprofundada neste estudo, para isso, ver: Funes, 2002 e Ferreira Sobrinho, 2005.

questão de saber olhar e querer ver”. Assim, com outros olhares, podemos conhecer e afirmar as origens congo-angolanas da maioria dos negros escravizados que chegaram ao Ceará.

Os objetivos da discussão acima são o de demonstrar como a cidade de Fortaleza, onde situam-se as interlocutoras, possuem características e particularidades no que diz respeito à questão racial que devem ser levadas em consideração ao analisarmos as experiências e histórias de vida das trancistas. Parafraseando Luiz Gonzaga, o rei do baião pernambucano que viveu no Ceará: “vocês vão me adesculpar, mas arrepiro essa expressão: no Ceará tem negro sim, no Ceará tem disso sim”. (GONZAGA, 1988 [1950]).

2.3 As interlocutoras

As trajetórias das trancistas de Fortaleza, com quem faço interlocução, darão forma e densidade a este estudo. Evidencia-se não apenas a dimensão estética do serviço mas, uma maneira de constituir e fazer suas próprias identidades e de outrem. Para compreender a noção de “identidades negras”, parto da compreensão de Gomes ([2006], 2019) que entende

[...] a construção da identidade negra como um movimento que não se dá apenas a começar do olhar de dentro, do próprio negro sobre si mesmo e seu corpo, mas também na relação com o olhar do outro, do que está fora. [...] como um processo construído historicamente em uma sociedade que padece de um racismo ambíguo e do mito da democracia racial. Como qualquer processo identitário, ela se constrói no contato com o outro, no contraste com o outro, na negociação, na troca, no conflito e no diálogo. (GOMES, 2019, p.28).

A identidade negra é abordada, nesta pesquisa, ao se relacionar com a dimensão estética e com os processos de *tornar-se/saber-se negra*. Sousa (1983) define que

saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas é também, e sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas possibilidades. (SOUSA, 1983, p.17).

Sobre isso, a autora afirma que a/o brasileira/o

enquanto negro, ele não possui uma identidade positiva, a qual possa afirmar ou negar. É que, no Brasil, nascer com a pele preta e/ou outros caracteres do tipo negroide e compartilhar de uma mesma história de desenraizamento, escravidão e discriminação racial, não organiza, por si só, uma identidade negra. Ser negro é, além disso, tomar consciência do processo ideológico que, através de um discurso mítico acerca de si, engendra uma estrutura de desconhecimento que o aprisiona numa imagem alienada, na qual não se reconhece. Ser negro é tomar posse desta consciência e criar uma nova consciência que reassegure o respeito às diferenças e que reafirme uma dignidade alheia a qualquer nível de exploração. Assim, ser negro não é uma condição dada, a priori. É um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro. (SOUSA, 1983, p.77).

Ante o exposto é que esta investigação, ao abordar as trajetórias de vida das transgêneras, entrecruza e toca profundamente as reflexões acerca de suas experiências de *tornar-se negra/saber-se negra*. Pois, neste sentido, observo e compreendo, a partir de seus relatos, recorrentes, autorreflexões em que elas narram experiências e episódios de *saber-se negras*, em que entendem que “o negro é diferente”, e como descreve Souza (1983, p. 26), isso significa ser “diferente, inferior e subalterno ao branco. Porque aqui, a diferença não abriga qualquer vestígio de neutralidade e se define em relação a um outro, o branco, proprietário exclusivo do lugar de referência, a partir do qual o negro será definido e se autodefinirá”. Ouvi diversos relatos de episódios em que minhas interlocutoras parecem ter sentido e lidado com essa “diferença”:

Eu lembro muito disso também: mesmo ela [sua mãe branca de cabelo liso] conseguindo dar uma atenção pro meu cabelo, eu olhava muito pro (sic) dela e ficava pensando, né: ‘Poxa por que que o meu não é assim?’ Eu achava a coisa mais linda o dela e assim, não só isso, né? Mas o fato da minha mãe ter o cabelo assim e de ver outras meninas que tinham o cabelo liso, a forma como elas... sei lá, a mobilidade que o cabelo tinha, né? Eu acho que a minha mãe ter o cabelo liso, sei lá, de alguma forma aumentou esse... não sei exatamente, mas essa forma como eu me olhava e olhava pras (sic) outras meninas também. Eu lembro de na minha infância ser uma coisa muito dolorosa assim às vezes eu ia dormir puxando o cabelo pra ver se ele ficava liso. (GALEAZZI, 2021a, informação verbal).

Então, eu comecei a alisar o cabelo e, eu tinha mais ou menos uns onze, doze anos, né? Eu estava achando que no sétimo ano do ensino fundamental e o meu primeiro alisamento na verdade foi um relaxamento, né? Eu relatava pra minha mãe que eu sofria muita discriminação, né? Por causa do cabelo, meu cabelo sempre foi muito volumoso. Então, as pessoas, né? Os colegas de classe sempre falavam muito mal do meu cabelo, chegava em casa chorando e eu lembro que uma vez eu cheguei em casa, né? E minha mãe tinha comprado o alisante. (KÉSSIA, 2022a, informação verbal).

Não à toa os relatos acima se referem à infância, pois essas experiências começam a ocorrer desde cedo. Segundo Cruz (2017), é na infância que a criança negra começará a se olhar no espelho e passará a sentir sentimentos conflitantes e difíceis, e isso ocorrerá junto a vulnerabilidade própria da infância, momento que estamos construindo subjetividades, modos de perceber, de pensar, que nos levam a sentir e agir de determinada forma na vida adulta. Sobre sua pesquisa de doutoramento, a autora escreve:

todas nós fomos crianças um dia. Mesmo que de maneira esparsa, difusa e reconstruída, todas temos memórias sobre como vivenciamos nossa trajetória de vida. Quando retomo meus diários de campo, quando escuto as entrevistas que realizei, ou quando leio os textos de mulheres negras que pesquisam e ensaiam sobre cabelos, essas reminiscências aparecem de maneira eloquente. Era a partir dessas trajetórias que eu iniciava as perguntas nas entrevistas que realizei. Era assim que começávamos a nos conhecer. (CRUZ, 2017, p. 73).

Ainda que não tenha iniciado as conversas com minhas interlocutoras com indagações sobre a infância, o tema foi recorrente nesses diálogos ao conversarmos sobre nossas trajetórias, especialmente quando as trançistas rememoravam e relatavam experiências em que ao vivenciar o racismo, elas lidavam e encontravam-se com o *saber-se negra*.

Contudo, *tornar-se negra/saber-se negra* é perceber-se diferente, é estar exposta a todas as dimensões do racismo e deparar-se com ele na realidade prática, e frente a isso: “comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas possibilidades” (SOUSA, 1983, p.17). As trançistas relatadas nesse estudo evocam essa noção e têm o entendimento de que estão trabalhando com uma estética que é vista como *diferente*; mas, nesse processo difundem uma mensagem ideológica que traz uma heteronomia ao mundo da beleza, divergindo do discurso e das práticas hegemônicas que consideram apenas bela e privilegiada a estética branca.

Vejamos a seguir depoimentos de duas interlocutoras; o primeiro foi compartilhado como *stories* fixo, sempre disponível aos seguidores e de acesso facilitado no perfil do *Instagram* da interlocutora:

Depois de tantas pesquisas, eu pude conhecer a história por trás das tranças, que vai muito além da estética. Apesar que, meu trabalho busca empoderar esteticamente sim, mas além disso eu quero repassar essa história ancestral adiante. E, também, empoderar mulheres para que se amem e se aceitem cada vez mais! Trançar o seu cabelo é descobrir outras mil versões de si mesma, e é um ato de resistência, contra todo o preconceito enraizado na nossa sociedade contra todos os estereótipos criados que não cabem mais nessa realidade atual. (MONIQUE, 2021, informação verbal).

O segundo é um relato obtido através de uma conversa entre mim e a interlocutora Denise, que aconteceu por meio da ferramenta *direct* do aplicativo de rede social *Instagram*:

Entrei no ramo das tranças com a intenção de me encontrar profissionalmente ajudando meus irmãos de cor a se reconhecerem, aceitarem seus cabelos naturais e se conectarem consigo por outra ótica: enxergando sua beleza fora do padrão pregado pela sociedade. Tendo em vista que crescemos e somos ensinados e que tudo que é originário do ser negro e sua cultura é feio, errado, sujo. Nas tranças tive oportunidade de ajudar minha mãe, minhas tias e várias outras mulheres a passar pela transição capilar, de procedimentos químicos que mudam a estrutura dos fios da sua forma natural para o liso dito como belo. Esses procedimentos não só tem a característica de mudar a estrutura capilar como também muda nossa postura para consigo, pois tem o poder de anular quem você é para se adequar ao que o outro aceita. (FONSECA, 2021^a, informação verbal).

Sobre o segundo relato, em particular, é possível refletir acerca de movimentos de descolonização, pois a trançista dá significado ao seu trabalho na possibilidade de exercer uma mudança na ordem do mundo, na exata medida em que sua atuação desempenha força contrária às forças que alimentam a situação colonial. Denise atua na confrontação às

opressões coloniais e é capaz de ajudar a “criar” novas mulheres; ao orientar sua mãe, suas tias e outras pessoas no processo de parar de alisar seus cabelos crespos. A atuação de Denise tenciona a descolonização dos corpos negros e como afirmou Angela Davis “quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela” (DAVIS apud ALVES, 2017). Fanon (1979, p. 26-27) salientou:

A descolonização jamais passa despercebida porque atinge o ser, modifica fundamentalmente o ser, transforma espectadores sobrecarregados de inessencialidade em atores privilegiados, colhidos de modo quase grandioso pela roda viva da história. Introduce no ser um ritmo próprio, transmitido por homens novos, uma nova linguagem, uma nova humanidade. A descolonização é, em verdade, criação de homens novos. Mas esta criação não recebe sua legitimidade de nenhum poder sobrenatural; a 'coisa' colonizada se faz no processo mesmo pelo qual se liberta.

Ao vivenciar os processos de tornarem-se trancistas e atuarem em sua profissão, essas mulheres podem contribuir com o processo de “criar novas mulheres”; elas passam a livrar-se da concepção tradicionalista que define a pessoa negra como inferior e submissa, e “compromete-se a resgatar sua história e recriá-la em suas potencialidades” (SOUZA, 1983, p. 17). As interlocutoras mobilizam narrativas que partem da experiência de *saber-se negra* numa sociedade de hegemonia branca, mas, principalmente, constroem seus próprios discursos sobre si mesmas, que são marcados fortemente por histórias de resistência e subversão a submissão ideológica da estética branca hegemônica.

Ante a isso, as trancistas assumem um papel importante de descolonização dos modos de ser e estar no mundo de pessoas negras, ao passo que apresentam outros modos de se relacionar com os cabelos negros. Não há mais um cabelo para lutar contra, mas sim há cabelos crespos belos, que representam orgulho e não demandam necessidade de modificação. A modificação proposta pelas trancistas apresentam-se como formas de embelezamento, como realização pessoal e afirmação de si, através de penteados variados e sofisticados que não propõem a descaracterização do cabelo crespo, mas sim a possibilidade de ressaltá-los em suas próprias características.

2.4 Metodologias

Como descrito anteriormente, ao procurar uma trancista ao final do ano de 2020, me deparei com uma grande oferta de profissionais no *ciberespaço*, sendo encontradas, majoritariamente, mulheres negras e jovens. Este fator despertou-me o olhar para tal panorama na capital cearense: a existência de um movimentado mercado do serviço de trançar

fomentado por esses sujeitos. A fim de corroborar com a hipótese, busquei identificar e reunir o máximo de trancistas com contas ativas na rede social *Instagram* para perfilar essas profissionais; este esforço resultou no mapeamento de 86 perfis.

Após a identificação dos perfis, elaborei um questionário desenvolvido com a ferramenta *Google Forms*⁸ com o intuito de aplicá-lo ao maior número de trancistas que conseguisse. O questionário⁹ indagou as seguintes temáticas divididas em tópicos:

1. Nome da trancista
2. Nome de sua página no Instagram
3. Estado e cidade de origem
4. Idade
5. Gênero
6. Religião
7. Escolaridade
8. Raça
9. Estado conjugal
10. Quantidade de filhos
11. Tipo de cabelo
12. Uso de procedimentos químicos para alisamento capilar
13. Idade do primeiro alisamento capilar
14. Transição Capilar e idade inicial
15. Denominação profissional
16. Tempo de atuação
17. Como aprenderam a trançar
18. Uso da plataforma de rede social *Instagram*
19. Autoria de conteúdo publicado em *Instagram*
20. Uso de outras plataformas de rede social
21. Venda de produtos através do *Instagram*
22. Principal fonte de renda
23. Local de atendimento
24. Formas de divulgação do trabalho

⁸ *Google Forms* é um aplicativo de gerenciamento de pesquisas lançado pela *Google*. Os usuários podem usar o *Google Forms* para pesquisar e coletar informações sobre outras pessoas e podem ser usados para questionários e formulários de registro.

⁹ Ver o questionário na íntegra em apêndice

O questionário foi aplicado através da ferramenta de troca de mensagens dentro da própria plataforma de rede social Instagram. Para isso entrei em contato com cada uma das transistas virtualmente, apresento-me e solicito que participem da pesquisa respondendo ao questionário. Neste contato inicial envio a seguinte mensagem em texto: “Olá! Tudo bem?! Me chamo Beatriz, sou estudante do Programa Associado de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Ceará (UFC) e da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Estou desenvolvendo uma pesquisa sobre as mulheres transistas na cidade de Fortaleza. Encontrei seu perfil por meio do Instagram e gostaria de convidá-la para participar desse estudo. Gostaria de saber o que essas mulheres têm a dizer sobre seus trabalhos e suas experiências. Este é um primeiro contato, gostaria de criar um diálogo e pedir que você respondesse a um questionário online que ajudará na pesquisa. Seria um prazer poder criar essa interação com você e já a parabeno pelo seu trabalho! Abraço”.

Com o contato inicial obtive diversos tipos de respostas, como as apresentadas a seguir no formato de *print* tirados das conversas reais:







Dos 86 perfis identificados, após o contato e o envio do questionário, 58 respostas são obtidas. O restante dos perfis não respondeu ao contato ou responderam, mas não preencheram o questionário; apenas um dos perfis respondeu diretamente que preferia

não participar da pesquisa. Desse modo, traço um perfil geral das transcistas a partir das 58 respostas obtidas. Após esses primeiros movimentos, busco conhecer a história das transcistas e a partir de suas respostas e receptividade, aprofundar nossas relações. Desse modo, identifico e escolho dez interlocutoras que demonstraram maior interesse e disponibilidade em participar da pesquisa. Conversas foram desenvolvidas e pude estabelecer proximidade para fazer perguntas sobre suas histórias de vidas e ouvi-las.

Apresento no quadro a seguir, resumidamente – a título de organização da leitura do texto – as dez interlocutoras centrais:

Quadro 1 – Interlocutoras centrais

Interlocutoras	Fotografia	Descrição
Capitu		<p>Capitu (nome social) é dona da página no <i>Instagram</i> @trancismoafro; nasceu em Fortaleza; tem 25 anos e ensino médio completo. Mantém um relacionamento estável e é mãe de um filho. A transcista afirma não possuir religião e se autodeclara preta. Possui cabelos cacheados, já fez uso de procedimentos químicos para alisar os cabelos e passou por transição capilar. O ofício de transcista é sua principal fonte de renda.</p>
Denise Fonseca		<p>Denise é dona da página no <i>Instagram</i> @esteticapreta; nasceu em Fortaleza; tem 23 anos e ensino médio completo. É solteira e mãe de um filho. A transcista afirma não possuir religião e se autodeclara preta. Possui cabelos cacheados e nunca usou procedimentos químicos para alisar os cabelos. O ofício de transcista é sua principal fonte de renda.</p>
Isabelle Galeazzi		<p>Isabelle é dona da página @nzinga.trancismo; nasceu em Porto Velho e mora em Fortaleza desde criança. Tem 22 anos e estuda psicologia. É casada e não possui filhos. A transcista afirma não possuir religião e se autodeclara parda. Possui cabelos cacheados e os alisou pela primeira vez aos 13 anos; aos 18 passou por transição capilar. O ofício de transcista é sua principal fonte de renda.</p>

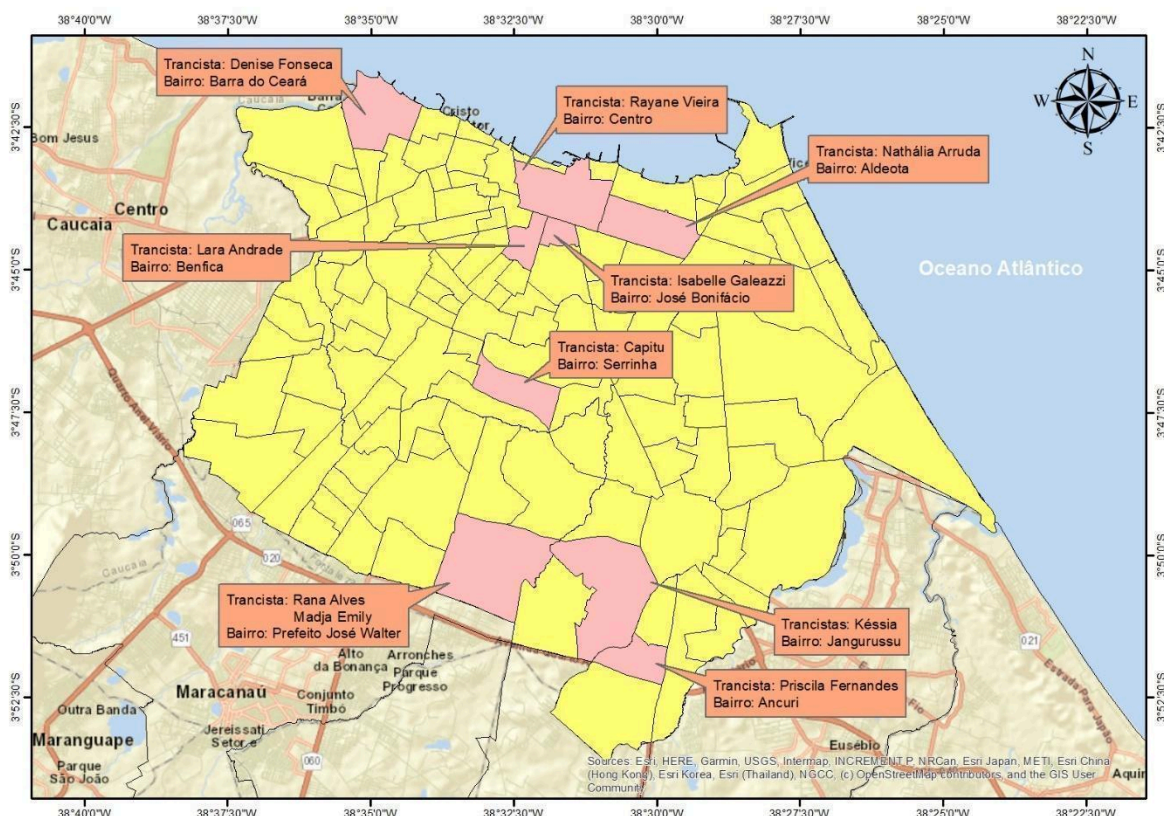
Késsia		Késsia é dona da página @abebe.trancas; nasceu em Fortaleza; tem 24 anos e estuda Letras. É solteira e não possui filhos. A trancista se autodeclara preta. Sua renda é composta por seu trabalho como trancista e como professora de português.
Lara Andrade		Lara é dona da página no Instagram @irunbraids_; nasceu em Fortaleza; tem 23 anos e estuda Zootecnia. É solteira e não possui filhos. A trancista é do candomblé e se autodeclara preta. Possui cabelos crespos e os alisou pela primeira vez aos 12 anos e passou por transição capilar aos 16. O ofício de trancista é sua principal fonte de renda.
Madja Emily		Madja é dona da página no Instagram @trancas.mexerica; nasceu em Fortaleza e tem 24 anos. Durante a pesquisa se formou em psicologia e seu TCC tem como temática central cabelos crespos. É solteira e não possui filhos. A trancista afirma que é cristã e se autodeclara preta. Possui cabelos cacheados; alisou os cabelos pela primeira vez aos 9 anos e passou por transição capilar aos 20. O ofício de trancista é sua principal fonte de renda.
Nathália Arruda		Nathália é dona da página @estudioproafro; nasceu no Ceará. Tem 24 anos e possui ensino médio completo. É casada e não possui filhos. A trancista afirma não possuir religião e se autodeclara preta. Possui cabelos lisos. O ofício de trancista é sua principal fonte de renda.
Priscila Fernandes		Priscila é dona da página @blackworktrancismo; nasceu em Fortaleza. Tem 31 anos e possui graduação completa. É casada e é mãe de uma filha. A trancista é umbandista e se autodeclara parda. Possui cabelos cacheados; os alisou pela primeira vez aos 16 anos e passou por transição capilar aos 26. O ofício de trancista é sua principal fonte de renda.

Rana Alves		<p>Rana é dona da página @ranaafrotrancas. Nasceu em Fortaleza; tem 31 anos e possui graduação completa. É solteira e não possui filhos. A trancista afirma não ter religião e se autodeclara preta. Possui cabelos cacheados e já passou por transição capilar. O ofício de trancista é sua principal fonte de renda.</p>
Rayane Vieira		<p>Rayane é dona da página @fazendoasuacabeca. Nasceu em Fortaleza e reside em Caucaia. É solteira e não possui filhos. A trancista afirma não ter religião e se autodeclara preta. Possui cabelos cacheados; os alisou pela primeira vez aos 12 anos e passou por transição capilar aos 21. O ofício de trancista é sua principal fonte de renda.</p>

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2022).

A seguir, para uma melhor visualização geográfica, apresento o mapa de Fortaleza demarcado com os respectivos bairros de atuação das trancistas:

Mapa 1 – Bairros de atuação das trancistas



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Contempla o trabalho de campo (presencial) dois encontros em que tive a experiência de ser trançada por minhas próprias interlocutoras e uma em que fui trançada no salão de uma interlocutora, mas por sua trancista assistente. Estes momentos funcionaram como estratégias de aproximação, foram concebidos como maneiras de inserção em campo; ser trançada por tais mulheres foi uma oportunidade para construir confiança e envolvimento entre nós. Desse modo, compõem este estudo relatos etnográficos dos encontros em que estive com algumas participantes da pesquisa em seus espaços de trabalho.

A primeira trancista que conheci pessoalmente foi Capitu, em dezembro de 2020. A trancista de 24 anos atendeu-me em sua casa localizada no bairro Serrinha, situado na periferia de Fortaleza. Seu espaço de trabalho era uma parte reservada na antessala de sua casa; nela havia um espelho grande, uma cadeira e um pequeno móvel em que alguns materiais eram guardados, como pacotes de cabelos sintéticos, pentes e pomadas. Esses elementos estavam dispostos em uma configuração em que apenas uma parte da área fosse ocupada para esse fim, e no restante do espaço observei coisas pertencentes ao cotidiano doméstico. Sem adentrar na casa não era possível identificar que ali funcionava um salão de trancista, mas ao entrar, ao lado do espelho vi um banner pendurado na parede; nele estava o

nome de sua marca nas redes sociais, telefone para contato e ilustrações mostrando penteados trançados em cabeças de mulheres negras. Capitu também trabalhava como trancista em um salão de beleza como funcionária em outro bairro periférico.

A segunda experiência foi com Priscila, de 31 anos, em novembro de 2021, que recebeu-me em sua casa no bairro Jangurussu. Na época, a trancista cuidava da filha de um pouco mais de um ano de idade ao mesmo tempo em que atendia suas clientes. Priscila foi uma das primeiras interlocutoras com quem, após apresentar-me enquanto pesquisadora, demonstrou disponibilidade em participar deste estudo. Conversamos algumas vezes através da rede social *Instagram* e posteriormente combinamos um horário para que ela trançasse meus cabelos. Assim como o espaço de Capitu, ela reservou uma parte da sala de sua casa para realizar os atendimentos. O espaço era composto por uma cadeira para a cliente, um espelho redondo pendurado na parede e pequenas prateleiras de apoio para seus materiais. No lado oposto estavam posicionados sofá e televisão de uso doméstico.

Houve ainda um terceiro encontro presencial em setembro de 2022 com a interlocutora Isabelle Galeazzi. Neste dia fui trançada em seu salão de atendimento por sua trancista assistente, Laila Borges. Por um compromisso de Isabelle não consegui ser trançada por ela naquele dia, mas ainda nos encontramos e pude passar o restante do dia em sua casa – a trancista atende em um espaço reservado dentro da casa em que reside no bairro José Bonifácio.

Esses encontros e os diálogos desenvolvidos a partir deles são material empírico para as discussões apresentadas. As conversas enquanto estava sendo trançada pelas mãos de minhas interlocutoras contribuem com esta pesquisa, especialmente, no que diz respeito à construção de relações de confiança e reciprocidade. As histórias de vida de minhas interlocutoras são a matéria prima para as reflexões aqui apresentadas, somam-se ainda, as minhas memórias e sentimentos acionados durante as conversas e interações em campo. Contudo, a construção desse estudo é feito principalmente através do *ciberespaço*, o que será apresentado na próxima seção.

2.4.1 O ciberespaço e as redes sociais virtuais

O *locus empírico* desse estudo é o *ciberespaço*, particularmente, a *rede social virtual Instagram*, onde a pesquisa se iniciou e permitiu uma conexão com minhas interlocutoras. No decurso deste estudo tal ambiente é considerado como principal campo, apesar de haver inserções feitas de forma presencial pontualmente. Portanto, é preciso

conceituar essa categoria a fim de construir entendimento teórico-metodológico, que servirá na delimitação da problemática e situará meu objeto de estudo dentro do ambiente virtual.

A fim de conceituar o *ciberespaço*, mobilizo algumas teorias e estudos que trataram dessa noção que emergiu com o advento da *internet* em larga escala. Segundo Lévy (1999), podemos entender o *ciberespaço*

como o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores. Essa definição inclui o conjunto dos sistemas de comunicação eletrônicos, na medida em que transmitem informações provenientes de fontes digitais ou destinados à digitalização. (LÉVY, 1999, p. 92).

A partir da criação das novas tecnologias comunicacionais – especialmente da *internet* e posteriormente, do *smartphone* – um novo espaço-tempo estrutura-se: as informações circulam instantaneamente e a comunicação entre os indivíduos independe de estarem no mesmo espaço geofísico. Lévy (1999) discorre que, no ciberespaço, pode-se

não apenas ler um livro, navegar em um hipertexto, olhar uma série de imagens, ver um vídeo, interagir com uma simulação, ouvir uma música gravada em uma memória distante, mas também alimentar essa memória com textos, imagens etc. Torna-se possível, então, que comunidades dispersas possam comunicar-se por meio de compartilhamento de uma telememória na qual cada membro lê e escreve, qualquer que seja sua posição geográfica. (LÉVY, 1999, p. 94).

O autor afirma que o ciberespaço destronou os tradicionais veículos de comunicação – a televisão, o rádio, a imprensa – ao fugir do sistema *um para todos*: em que “um centro emissor envia mensagens na direção de receptores passivos e sobretudo isolados uns dos outros” (LÉVY, 1998, p. 44); além disso, também superou as limitações dos sistemas *um para um*, como o correio e o telefone: que apesar de permitirem precisão e reciprocidade nas trocas de mensagens, não são eficazes em contextos em grande escala. Por sua vez, o ciberespaço, inovou ao permitir a reciprocidade na comunicação e sua partilha em larga escala, criando o sistema *todos para todos*: em que não há apenas um polo emissor, mas sim a interação entre os participantes. Todo esse conteúdo comunicacional sedimenta progressivamente uma memória, que constitui o próprio ciberespaço (LÉVY, 1998).

Dentro do que se constitui como ciberespaço¹⁰, esse estudo se volta para as *redes sociais virtuais*; denominação de difícil singularização explicativa, pois essas redes podem ser vistas como um lugar de oferta de serviços, aparelho técnico, um suporte, um protocolo de

¹⁰ Outros estudos importantes foram desenvolvidos para categorizar o ciberespaço; como um lugar onde o conhecimento é propagado de maneira rápida, as ideias se pulverizam, existem disputas simbólicas, berços de narrativas e a intensa conexão entre o mundo social e as redes (LÉVY, 1996; CASTELLS, 2003; LEMOS, 2000; SANTAELLA, 2003).

troca, um coletivo ou uma cultura; “trata-se de uma marca muito particular, uma vez que ela encarna, ao mesmo tempo, uma mídia, um tipo de ferramenta, um modo de comunicação e um espaço de encontro” (JEANNERET, 2015, p. 21).

Fazendo um recorte da amplitude de possibilidades de como se pode definir o que são as redes sociais virtuais, as delimito conforme Recuero (2009):

Redes sociais na Internet são constituídas de representações dos atores sociais e de suas conexões. Essas representações são, geralmente, individualizadas e personalizadas. [...] As conexões, por outro lado, são os elementos que vão criar a estrutura na qual as representações formam as redes sociais. Essas conexões, na mediação da Internet, podem ser de tipos variados, construídas pelos atores através da interação, mas mantidas pelos sistemas online. Por conta disso, essas redes são estruturas diferenciadas. Ora, é apenas por conta desta mediação específica que é possível a um ator ter, por exemplo, centenas ou, até mesmo, milhares de conexões, que são mantidas apenas com o auxílio das ferramentas técnicas. Assim, redes sociais na Internet podem ser muito maiores e mais amplas que as redes offline, com um potencial de informação que está presente nessas conexões.

Conforme aponta o relatório 2021 Digital Global (KEMP, 2021), há uma expressiva quantidade de pessoas conectadas à *internet* mundialmente; particularmente, no Brasil, os acessos acontecem de forma massiva. Somente no ano de 2020, 134 milhões de brasileiros se conectaram à internet, sendo que 85% deles fizeram isso todos os dias. Deste universo, 130 milhões manipularam dispositivos móveis e 66% mantiveram perfis em mídias sociais. Nesse contexto, as *redes sociais virtuais* desencadearam uma série de mudanças na rotina e cotidiano das pessoas. Segundo o mesmo estudo, a quantidade de horas despendidas, no Brasil, a cada dia na *internet*, em média, é de dez horas e oito minutos, sendo somente em redes sociais três horas e quarenta e dois minutos; e os que assistem vídeos online representavam 98% dessa amostragem. Essa interação constante ocasiona mudanças estruturais nos processos de trocas de informações: “quanto mais informação trocamos com o ambiente que nos cerca, com os atores da nossa rede, maior será nossa bagagem de conhecimento, maior será nosso estoque de informação” (TOMAÉL; ALCARÁ; CHIARA, 2005, p. 95). Esse fluxo constante é alimentado massivamente pela participação dos internautas e por trocas permitidas pelas redes.

Nas *redes sociais virtuais*,

isso é possibilitado por um software social que, com uma interface amigável, integra recursos além dos da tecnologia da informação. O uso desses recursos gera uma rede em que os membros convidam seus amigos, conhecidos, sócios, clientes, fornecedores e outras pessoas de seus contatos para participar de sua rede, desenvolvendo uma rede de contatos profissional e pessoal, que certamente terá pontos de contatos com outras redes. Enfim, são ambientes que possibilitam a formação de grupos de interesses que interagem por meio de relacionamentos comuns. (TOMAÉL; ALCARÁ; CHIARA; 2005, p. 95).

Trata-se de uma configuração que permite sempre a manutenção de uma comunicação relacional (JEANNERET, 2015). Assim, entende-se que a noção de rede representa, como afirma Marteleto (2001, p. 72), “um conjunto de participantes autônomos, unindo ideias e recursos em torno de valores e interesses compartilhados”, tendo os seus efeitos percebidos dentro e fora do espaço virtual: nas interações com o Estado, sociedade, instituições representativas, relacionamentos pessoais dentre outras.





Contudo, esses espaços

não se limitam apenas a amizades ou bate papos pessoais, mas envolve *marketing*, educação, criatividade cultural, distribuição de mídia e entretenimento, aplicações de saúde e, também, o ativismo sociopolítico. As possibilidades de expressão nas redes sociais possuem essa dualidade: assim como podem gerar dispersão, informação de má qualidade etc., podem criar informações de qualidade e alternativas às mídias de massa. Nesse contexto, também estão localizadas as ações ativistas articuladas por indivíduos ou coletivos. (PAZ, 2019, p. 83).

As questões que emergem são pensadas a partir desse panorama. As narrativas analisadas estão, em maior medida, situadas nas *redes sociais virtuais* que, por sua vez, estão localizadas dentro do ciberespaço. Os principais materiais de pesquisa abrangem os conteúdos publicados na plataforma de rede social *Instagram*; na próxima sessão exponho o panorama de seu surgimento e explico sua interface.

Todavia, outros materiais compartilhados em outras redes sociais relacionadas com as discussões apresentadas também serão analisados. Antes de aprofundar a discussão sobre o *Instagram*, sumariamente, apresento a seguir um quadro sinóptico que coloca em evidência as plataformas de *redes sociais* que serão estudadas e/ou citadas no decurso dessa pesquisa:

Quadro 2 - Quadro sinóptico das *redes sociais virtuais*

Rede Social	Logo	Ano		Usuários		Descrição
		Mundo	Brasil	Mundo	Brasil	
<i>Youtube</i>		2005	2007	2,56 bi	138mi	É uma plataforma que permite que usuários compartilhem vídeos e interajam com seus autores através de comentários; este modelo permite aos criadores ganharem dinheiro por meio de publicidade, venda de mercadorias, assinaturas dentre outras;
<i>Facebook</i>		2004	2008	2,91 bi	116mi	“O Facebook é o maior serviço de redes sociais na internet em quantidade de usuários ativos. É, portanto, [...] o mais frequente e intensamente estudado em pesquisas de comunicação digital e áreas afins” (PRIMO et al., 2018).
<i>Whatsapp</i>		2009	2009	2bi	129mi	“WhatsApp é um aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz para smartphones. Além de mensagens de texto, os usuários podem enviar imagens, vídeos e documentos em PDF, além de fazer ligações grátis por meio de uma conexão com a internet” (WHATSAPP, 2022).
<i>Instagram</i>		2010	2010	1,48bi	119,5mi	O Instagram é uma rede social virtual de compartilhamento de fotos e vídeos entre seus usuários, que admite aplicar filtros digitais e compartilhá-los no ciberespaço através da plataforma.

Fonte: Kemp (2022).

2.5 Instagram

O *Instagram* foi criado por Kevin Systrom e Mike Krieger nos Estados Unidos no ano de 2010. Inicialmente, o aplicativo era disponível apenas para usuários de aparelhos da

Apple (iOS), e apenas três meses após seu lançamento, a rede social chegou ao marco de 1 milhão de usuários. Em 2012, o aplicativo ganha uma versão para os aparelhos *Android* e é vendido para a empresa *Facebook* por cerca de US\$ 1 bilhão, neste momento, já contava com cerca de 30 milhões de usuários. Atualmente, o *Instagram* conta com mais de 1 bilhão de usuários; e o Brasil é o segundo país em número de perfis, ficando atrás apenas de seu país de origem, os Estados Unidos.

O *Instagram* apresentou uma adesão massiva desde sua criação, com isso, empresas do mundo inteiro passaram a usar a rede social em suas estratégias publicitárias. Empresas passaram a usar a plataforma para manter o contato com seus clientes, desde grandes marcas mundiais à pequenas iniciativas comerciais ou de oferta de serviços (PIZA, 2012). É neste contexto que as trançistas deste estudo se fazem presentes na plataforma virtual.

Para realizar o estudo, iniciei um mapeamento de perfis ativos de trançistas na rede social. Havia compreendido suas presenças nesta rede como uma forma de divulgar e viabilizar a oferta de seus serviços. Ademais, já tinha despertado interesse nas redes sociais das trançistas, pois havia identificado em muitas delas a presença de narrativas – muitas vezes partindo de suas próprias trajetórias – sobre a promoção e valorização das características físicas e culturais oriundas da ancestralidade africana do negro brasileiro, além de conteúdos acerca da história social dos penteados e experiências de racismo¹¹.

Inicialmente, estabeleci os seguintes elementos centrais a serem averiguados nos perfis: nomeação da página virtual e/ou do salão de beleza; quais serviços são oferecidos e quais produtos são vendidos; números de publicações e seguidores; data da primeira publicação; em que lugares da cidade acontecem os atendimentos e como são realizados; existência ou não da apropriação da temática racial; textos de apresentação do usuário.

A busca pelos perfis foi iniciada a partir da página @fazendoasuacabeça; a conheci e passei a acompanhá-la em minha conta pessoal no *Instagram* quando uma pessoa do meu círculo de amigas foi trançada e divulgou o resultado em sua conta. Essa foi a origem de minha introdução em campo, mesmo ainda não tendo ciência disso, pois naquele momento procurava uma trançista apenas para trançar meus cabelos. Quando decidi iniciar esse estudo, foi a partir desse perfil que comecei a mapear outras contas semelhantes e a

¹¹ É preciso dizer que também observo perfis que não elaboram discussões acerca do que fazem na rede social e focam em construí-las como uma vitrine que reproduz os trabalhos que são feitos e oferecidos. Pois, ter o cabelo trançado pode surgir como uma forma de afirmação identitária através da estética afro. Porém, essa reivindicação afro referenciada pode ou não existir, tanto por quem adere ao penteado quanto por quem o faz.

entrar em contato com elas a fim de produzir interações que me propiciassem material empírico necessário à esta investigação.

O total de 86 perfis foram mapeados dentro do período de março de 2021 a abril de 2022. Este número não representa a totalidade de trançistas atuantes em Fortaleza, tampouco das que mantêm perfis ativos no *Instagram*. Este estudo não pretende representar todas as trançistas de Fortaleza ou esgotar o tema em suas possibilidades. Entretanto, minha intenção foi identificar o maior número possível de perfis existentes; a procura foi cessada quando não mais me deparei com novas contas que encaixassem nos critérios das minhas buscas. Os filtros específicos que delimitavam a busca eram que: o perfil estivesse ativo; com publicações recentes; e que a área de atendimento estivesse geograficamente dentro de Fortaleza - Ce.

2.5.1 Interface

Após criar uma conta virtual, já é possível participar da *rede social virtual Instagram*. Para isso, é solicitado: número do celular ou *e-mail* e nome completo; o interessado também deverá criar um nome de usuário e senha. Cada conta possuirá um “nome de usuário” único que o identificará dentro da plataforma. Nas páginas do perfil de cada usuário é possível saber a quantidade de fotos que foram publicadas, o número de seguidores que possui e quantas páginas segue. Veja na figura a seguir:

Figura 1 - Print de perfil no *Instagram*



Fonte: Fazendo a sua Cabeça! (2021a)

Neste perfil foram publicados 242 fotos e/ou vídeos, seguidas 919 outras páginas e têm 2.938 seguidores. O nome de usuário do perfil é @fazendoasuacabeca; o nome

comercial é “Fazendo a sua cabeça”; e, no espaço que a rede social disponibiliza ao usuário para que apresente sua “biografia”, foram escritos alguns dos serviços que oferecem e as informações sobre forma de atendimento e pagamento, horário de funcionamento e número de telefone para contato; por fim, há um link de acesso que levará para a conta de *WhatsApp*¹² da página. Também podemos observar o uso de alguns *emojis* – caracteres que formam uma pequena imagem que ilustra expressões faciais, imagens de objetos, animais, entre outros.

Assim, as manipulações corpóreas realizadas sobre o cabelo por negros (as) fazem parte da memória coletiva afro-brasileira, seja com o uso de procedimentos como o famoso pente quente ou com as “afirmativas” tranças e outros penteados “afro”. Não são processos “novos” de comportamento estético contra o padrão hegemônico branco ocidental, tem suas raízes em uma memória “ancestral”. Na realidade, são processos de comportamentos estéticos que viveram sobre forte opressão colonial/racial. Pois não foi nada fácil para os grupos africanos manterem parte de seus valores culturais no território brasileiro, principalmente alguns símbolos étnicos aplicados aos cabelos (LUCINDA, 2004, p. 105).

É possível observar, na Figura 2, que há uma imagem no perfil da página; isto pois a plataforma possibilita que o usuário a insira para que ele se identifique visualmente ou o represente. Veja a seguir algumas das imagens escolhidas por quatro dos perfis estudados – a maioria dos perfis usam *logo* e outros, em menor frequência, usam fotos das próprias tranças.

¹² Ver Quadro 2.

Figura 2 - Logo usadas em perfis estudados



Fonte: Da esquerda para a direita, de cima para baixo: Mexerica Tranças (2021); Pró Afro (2021); Afro Hair (2021); Raiane braids (2021).

A designação de “seguidores” é referente ao número de pessoas que optam por “seguir” uma página no *Instagram*; e “seguir”, por sua vez, significa optar por ter acesso e acompanhar o conteúdo de determinada página. Sobre as/os “seguidoras/es”, deve-se saber que

Os indivíduos que integram a comunidade não necessariamente se conhecem além da realidade virtual, mas mantêm laços, mesmo que fracos e informais uns com os outros. O interesse pelo ato de tirar fotos e a instantaneidade da colocação da imagem na rede é o princípio básico que une os indivíduos da comunidade. A quantidade de indivíduos inscritos nessa rede indica a preferência pela rapidez e dinâmica da propagação de informações, consequência do processo de informacionalização dentro da esfera social. Além dessa dinâmica, outro atrativo encontrado foi a possibilidade de popularização dos indivíduos dentro da rede, já que quanto maior o número de seguidores, mais prestígio o usuário terá dentro da comunidade. (PIZA, 2012, p. 43).

Nas configurações do *Instagram*, há a opção de o usuário tornar a conta privada: em que apenas os “seguidores” que tiverem seus pedidos de “seguir” aprovados pelos proprietários do perfil possam ver o conteúdo da conta. Todavia, o padrão de configuração do aplicativo é que as contas sejam públicas: em que qualquer pessoa pode ter acesso ao perfil e conteúdo compartilhado na conta sem que seja um “seguidor”; ainda assim, “seguir” uma página pública permite que as atualizações desta página apareçam em seu *feed*.

O *feed*, segundo o próprio *site* do *Instagram*, através de um de seus diretores, é “uma mistura de fotos e vídeos de pessoas que você segue, publicações sugeridas e muito mais” (MOSSERI, 2022). O que cada usuário vê em seu *feed* depende dos perfis que segue e dos conteúdos em que tem mais interesse; mas, de forma geral, o *feed* reúne todas as publicações em ordem cronológica dos perfis que são seguidos pelo usuário; todavia também é afetado pela “ação opaca e silenciosa dos algoritmos” (PAZ, 2019, p. 74), que:

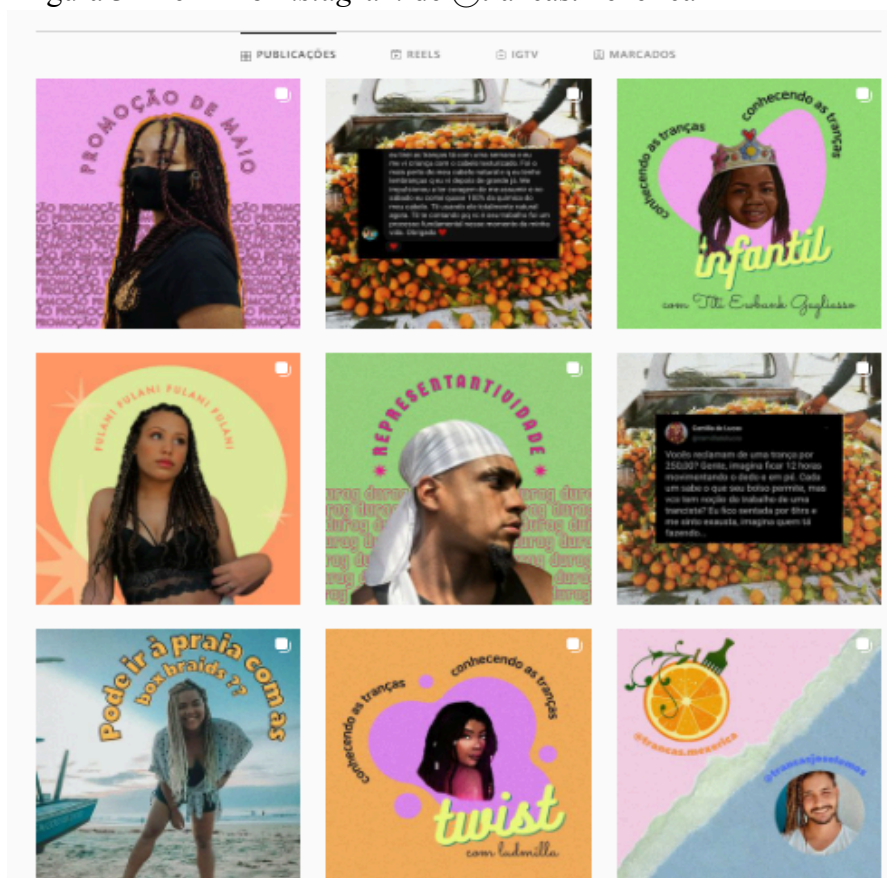
Codifica uma quantidade expressiva de dados sobre os gostos, preferências dos internautas, cujo valor agregado a essa massa de dados proporciona a essas plataformas um valor de mercado incomum. Nesse sentido, compreende-se porque as mídias sociais privilegiam tanto a popularidade, que somam clicks em botões como *like*, que revelam gostos e preferências dos usuários. (PAZ, 2019, p.145).

Ou, na versão ou justificativa da empresa: “no *Instagram*, estamos sempre tentando mostrar conteúdo de contas com as quais você interage e considera mais interessantes. Com isso, também minimizamos a chance de você encontrar conteúdo que pode ser desagradável ou que possa fazer com que não se sinta em segurança” (INSTAGRAM, 2022). Tal faceta dessas contradições das redes sociais não será abordada no presente trabalho, tanto por fugir do escopo de investigação quanto pela proteção que tais empresas colocam sobre esses dados capitalizáveis.¹³

Em cada perfil estão armazenadas as fotos que já foram publicadas pelos usuários, que são organizadas em ordem cronológica da mais recente às mais antigas. Veja a seguir um *print* de 11 de maio de 2021 do perfil @trancas.mexerica. Neste caso, a trancista Madja Emily construiu um perfil com publicações com conteúdo autoral e diversificado, como por exemplo, uma foto para divulgar uma promoção mensal e outra trazendo relato sobre o sofrimento causado pela pandemia. Contudo, neste *print* e nas demais publicações, o que mais se acentuou foi a recorrência de conteúdo explicativo relacionado à identidade, racismo e representatividade. Voltarei a essa discussão posteriormente.

¹³ Para mais detalhes sobre a implicação dos algoritmos e a questão racial, veja Paz (2019).

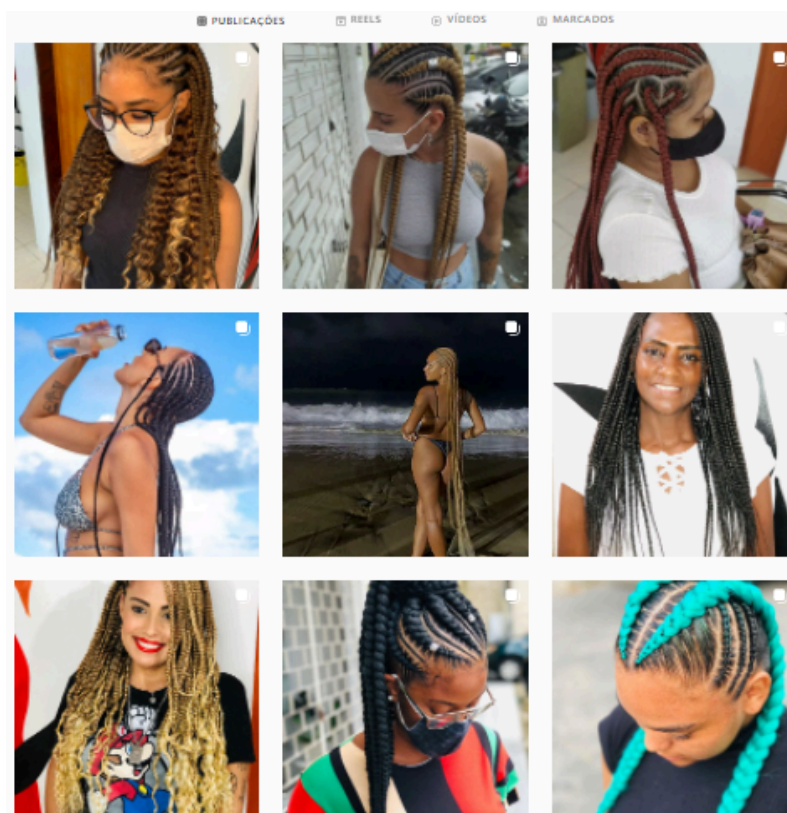
Figura 3 - Perfil no *Instagram* de @trancas.mexerica



Fonte: Mexerica Tranças (2021a).

Já o perfil a seguir, apresenta majoritariamente fotos de clientes após realizarem algum procedimento oferecido pela trancista, em algumas fotos elas ainda estão no salão de beleza e em outras estão em outros espaços, como na praia – essas fotos são geralmente enviadas pelas clientes para as trancistas a fim de publicizar o penteado e o serviço. A página se chama @studionayoliveira e é alimentada pela trancista Nayara Moura.

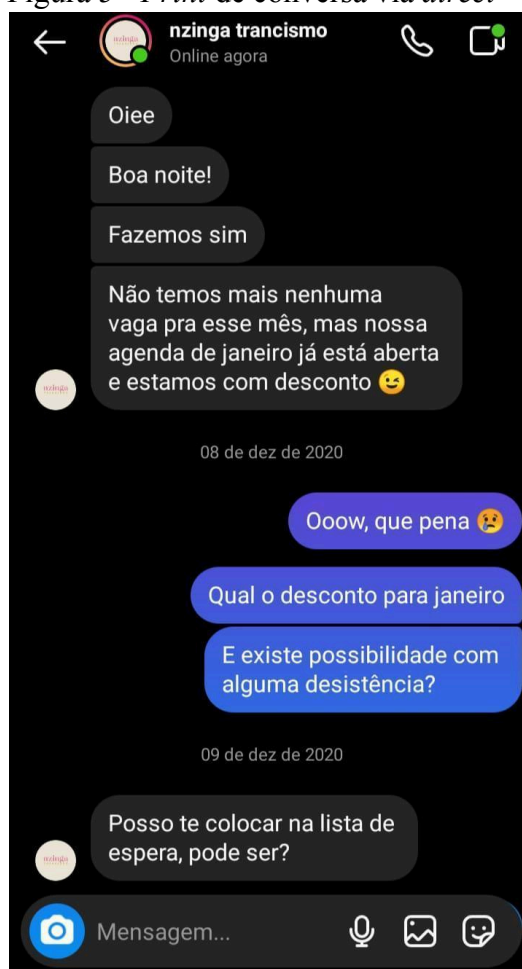
Figura 4 - Perfil no *Instagram* de @studionayoliveira



Fonte: Studio Nay Oliveira (2022).

A plataforma também conta com a possibilidade de trocar mensagens instantâneas e de forma privada entre os usuários, no chamado “*direct*”¹⁴. Algumas trancistas usam esta ferramenta para fazer orçamentos, marcar atendimentos, e sanar quaisquer dúvidas de clientes. Na imagem a seguir ilustro esta função ao apresentar uma troca de conversa que tive com a trancista Isabelle através de minha conta pessoal no *Instagram* em sua página @nzinga.trancismo, quando estava à procura de marcar um horário.

¹⁴ Na figura 2 pode-se observar a opção “Enviar mensagem”, desse modo o usuário será direcionado para o “direct” e poderá interagir com o administrador do perfil.

Figura 5 - *Print* de conversa via *direct*

Fonte: Print feito pela autora (2020).

No mais, o *Instagram* se constitui, sobretudo, da interação dos usuários a partir de comentários, reações e discussões em volta do conteúdo compartilhado. Os conteúdos são, principalmente, fotos e vídeos de curta duração; a publicação desses elementos pode ser feita através de três recursos principais: os posts, os *reels* e os *stories*.

Os *posts* são os conteúdos em formato de imagem ou vídeo (com no máximo 1 minuto sem cortes) que são publicados pelos usuários e compõem o *feed* da plataforma de rede social. Em cada *post* é possível: legendar, adicionar uma localização e “marcar” outros usuários da rede para que estes sejam notificados acerca da publicação. Na figura abaixo apresento um *print* de um *post* feito pelo perfil @fazendoasuacabeça: nele, está uma foto das duas trancistas atuantes no salão e abaixo pode-se ver a quantidade de “curtidas” dos seguidores; já a legenda, mostra uma breve apresentação da dupla, e posteriormente é possível ver dois comentários feitos por duas seguidoras.

Figura 6 - *Prints* de *post* em perfil @fazendoasuacabeca



Fonte: Fazendo a sua cabeça (2020).

Os *reels* também compõem o *feed*, mas possuem o formato de vídeo, com duração de 30 segundos. Sua utilização é proposta pelo *Instagram* para que o usuário da rede social “expresse a sua essência com vídeos curtos e divertidos” e “dê vida às suas ideias com as ferramentas de criação” (INSTAGRAM, 2022). Algumas das trancistas que acompanhei se esforçam para publicar esse tipo de conteúdo, que exige determinado tempo e conhecimento técnico para sua produção; a fim de engajar seus seguidores e alcançar novos perfis. Na figura a seguir, mostro *prints* de um mesmo *reels* em que a trancista Késsia ensina como usar cinco acessórios diferentes para, segundo ela, aproveitar um pouco mais o penteado quando este já apresenta *frizz* – que são os fios que escapam da tessitura das tranças e ficam arrepiados.

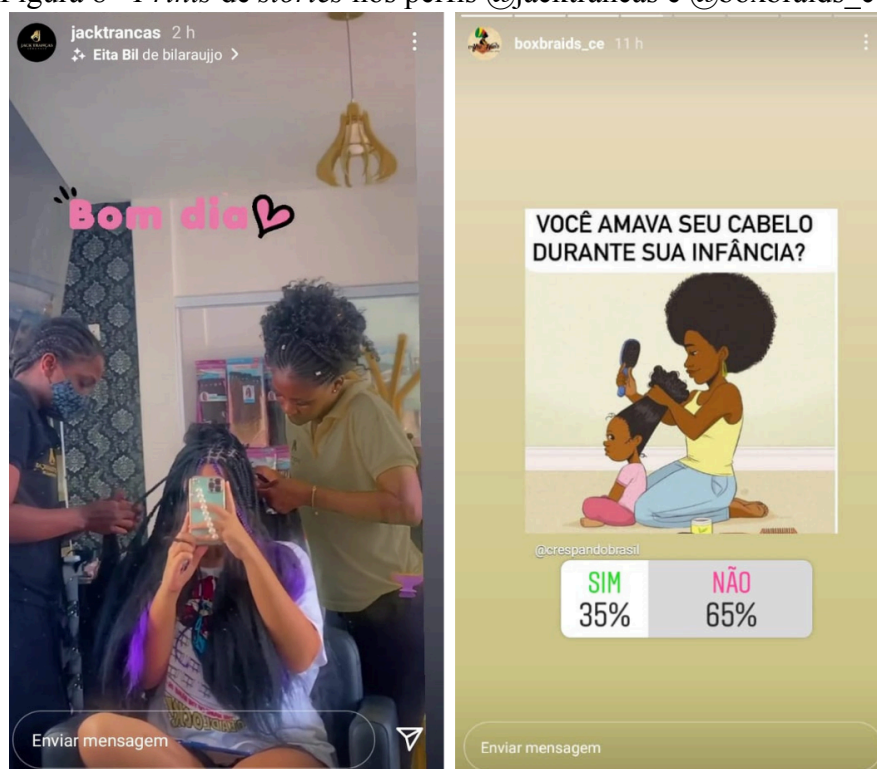
Figura 7 – Compilado de *prints* de *reels* no perfil @abebe.trancas



Fonte: Abebé Tranças (2022a).

Os *stories* são descritos pelo *Instagram* como: “uma forma rápida e fácil de compartilhar momentos e experiências” (INSTAGRAM, 2022); em que fotos, vídeos, textos, músicas e figurinhas podem ser usados para dar vida à sua história. Além disso, os *stories* contam com recursos interativos, em que os usuários podem, por exemplo, criar enquetes e receber *feedbacks* de seus seguidores. Uma diferença entre as formas *posts* e *stories* está no fato, do último permanecer disponível por apenas 24 horas; todavia, também é possível fixá-los nos perfis, colocando-os em “destaque”, desse modo, eles ficarão disponíveis permanentemente ou até que o usuário os oculte. Na figura a seguir apresento dois exemplos de *stories*: o da esquerda foi publicado no perfil @jacktrancas, nele, pode-se ver uma foto registrada por uma cliente enquanto está sendo trançada por duas trancistas no salão; já o *stories* da direita foi publicado pelo perfil @boxbraids_ce e apresenta o resultado de uma enquete, em que a pergunta “você amava seu cabelo durante sua infância?” foi respondida pelos seguidores da página e o resultado foi de 35% de sim e 65% de não.

Figura 8 - *Prints de stories* nos perfis @jacktrancas e @boxbraids_ce



Fonte: Jack Tranças (2022); Afro Hair (2022).

A plataforma ainda possibilita que sua página seja para uso pessoal ou profissional. Ao optar pelo uso profissional o usuário terá um leque de ferramentas que potencializarão o uso para esta finalidade. Com essa escolha, o usuário terá duas opções para categorizar o perfil profissional: como “comercial” ou como categoria “Criador(a) de conteúdo”¹⁵.

Nesta sessão, foram explicados os principais conceitos mobilizados pela pesquisa a partir do ciberespaço; e explanou-se os principais elementos da interface da *rede social*

¹⁵ A categoria “Comercial” é descrita como “Melhor para varejistas, negócios locais, marcas, organizações e prestadores de serviços”. Essa categoria acrescenta a disponibilidade de três ferramentas: (1) “saiba mais sobre seus seguidores: Obtenha *insights* sobre seus seguidores e veja como está o desempenho das suas publicações; (2) Alcance seus clientes: Crie promoções no Instagram para alcançar mais clientes e expandir seu negócio; (3) Obtenha novas opções de contato: Adicione um botão de contato ao seu perfil para que as pessoas possam entrar em contato com você mais facilmente”. Ao escolher possuir um perfil “Comercial” você também deve selecionar “uma categoria que descreva melhor o que você faz. Você terá a opção de exibir ou ocultar isso no seu perfil”. O aplicativo apresenta uma lista de sugestões que você pode selecionar: blog pessoal; Produto/Serviço; Arte; Musicista/banda; Compras e varejo; Saúde/beleza; Mercearia. Outras dezenas de opções estão disponíveis para serem pesquisadas e selecionadas. Já a categoria “Criador(a) de conteúdo digital” é descrita como “Melhor para figuras públicas, produtores de conteúdo, artistas e influenciadores”. Também tem três ferramentas acrescentadas: (1) “Controles de perfil flexível: Você pode optar por ocultar ou exibir informações de contato e botões no seu perfil; (2) Mensagens simplificadas: Uma nova caixa de entrada facilita o gerenciamento de solicitações de contato e a conexão com os fãs; (3) Mais ferramentas de crescimento: Obtenha *insights* mais avançados e alcance mais pessoas com promoções. Assim como a “comercial” ao escolher possuir um perfil “Criador(a) de conteúdo digital” você deve selecionar “uma categoria que descreva melhor o que você faz. Você terá a opção de exibir ou ocultar isso no seu perfil”; as sugestões são as mesmas citadas anteriormente.

virtual Instagram. As questões levantadas a partir do acompanhamento do conteúdo compartilhado pelas trancistas em suas páginas no *Instagram* guiam as reflexões dos capítulos seguintes desta dissertação.

2.6 Pandemia de SarsCov2

É imprescindível dizer que durante os anos em que essa pesquisa foi desenvolvida, uma pandemia assolava o mundo; o que influenciou diretamente no trabalho de campo deste estudo e minha própria vida.

A pandemia, ainda em curso, foi resultado da disseminação de uma doença respiratória aguda causada pelo vírus chamado SARS-CoV-2. Em dezembro de 2019, a China informou à Organização Mundial de Saúde (OMS) acerca da identificação do novo vírus e no decorrer dos meses seguintes novos casos foram notificados fora do país de origem e rapidamente se alastrou pelo mundo. Apesar de afetar com mais gravidade determinados grupos de riscos – idosos(os) e pessoas com doenças respiratórias preexistentes – a chamada covid-19 pode afetar qualquer pessoa. Em março de 2022, somava-se 26.568 mil mortes no Estado do Ceará e 655 mil em todo Brasil (CORONAVÍRUS BRASIL, 2022).

O primeiro caso no Brasil foi registrado em São Paulo em fevereiro de 2020 e com isso, diversas medidas foram tomadas pelos governos (federais, estaduais e municipais) para combater e minimizar os efeitos da pandemia. Medidas profiláticas – que tem o intuito de impedir ou reduzir a transmissão da doença – foram adotadas ao redor do mundo, como: o fechamento de fronteiras nacionais, restrições de voos nos aeroportos e rigoroso controle de entrada e de saída em cada país. A medida mais difundida pelas autoridades sanitárias foi a prática do distanciamento social ou isolamento social; em que há o controle da mobilidade da população por meio do fechamento do comércio, escolas e universidades, com apenas os serviços essenciais em funcionamento.

Com isso, como grande parte dos trabalhadores no país, as trancistas tiveram que manter seus salões fechados e os atendimentos suspensos enquanto as medidas de distanciamento social estavam em voga. Quando voltaram a atender após a suspensão gradativa das medidas, além de manterem o uso obrigatório de máscara, as trancistas passaram a não aceitar que suas clientes levassem acompanhantes para os espaços de atendimento, a fim de evitar ambientes aglomerados. Por isso, a imersão no campo como pesquisadora e cliente ao mesmo tempo foi um recurso para possibilitar a realização desses

encontros sem que minha presença representasse um perigo a mais de contaminação para as participantes da pesquisa.

Durante a pesquisa foi notável a preocupação de grande parte de minhas interlocutoras em adaptar seus atendimentos aos cuidados necessários advindos da pandemia. Na figura a seguir, apresento um *stories* e um *post* feitos no perfil @yabatrancas que demonstram tais preocupações:

Figura 9 – Prints de *stories* e *post* publicado por @yabatrancas



Fonte: Yabá Tranças (2021); Yabá Tranças (2021b).

Em um outro *post* sobre os atendimentos da trancista Silmara, em 6 de março de 2021, ela escreve na legenda:

Aqui na Yabá Tranças não podemos fingir que nada está acontecendo enquanto morrem 2 mil pessoas por dia!!! Negar esse cenário vai contra aquilo que acreditamos. Diante do atual momento da pandemia e seguindo os decretos do Governo Estadual, a agenda de março encontra-se cancelada até segunda ordem, ou até que os casos de covid diminuam. (Entrevista com Silmara Teixeira, 2021).

Durante a pandemia, além das preocupações e orientações publicadas pelas trancistas através do *Instagram* (ver imagem à esquerda, na figura 11), também acompanhei o adoecimento de várias delas que tiveram o diagnóstico de covid-19 e interromperam seus atendimentos durante o tempo recomendado pelos agentes de saúde. Exemplo disso, aconteceu com as trancistas Rayane e Cel, que testemunharam sobre isso no perfil da dupla

@fazendoasuacabeca, como é possível ver no *print* a direita na figura 11:

Figura 10 - *Prints* de *stories* publicado em perfil @fazendoasuacabeca



Fonte: Fazendo a sua cabeça (2021a).

Diante desse contexto, decidi conduzir a pesquisa levando-a inicialmente através do ciberespaço. O contexto pandêmico me obriga a aceitar as limitações e desperta meus olhos para novas possibilidades, potenciais e reformulações metodológicas. Destarte, este recurso não é justificado apenas como forma de não estagnar a investigação em meio a pandemia, mas também, o ciberespaço, especificamente, a rede social *Instagram*, mostrou-se como fundamental para encontrar e mapear as transcistas, e por conseguinte, como elemento de maior interesse para o entendimento das questões levantadas no decorrer do estudo.

3 CIBERESPAÇO, TRANÇAS E TRANCISTAS

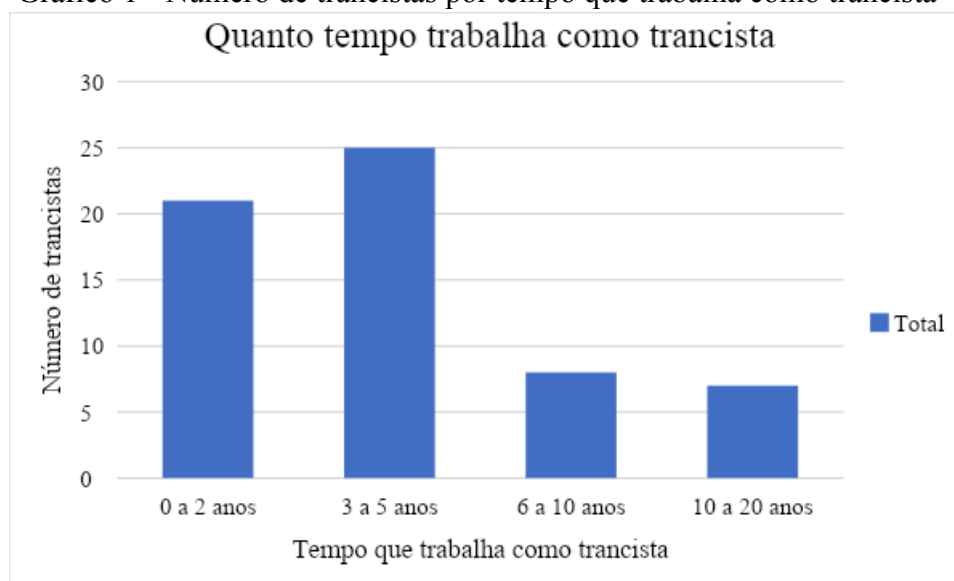
3.1 Como o *ciberespaço* está transformando a prática do trançar e suas reverberações na profissão

Neste capítulo são evidenciadas as trajetórias de trancistas que desempenham essa profissão há no máximo cinco anos e que aprenderam a trançar, principalmente, com o acesso ao ciberespaço. Esta discussão foi pensada a partir do crescimento que percebi, através da aplicação de questionários, na elevação do número de mulheres com esse ofício na cidade de Fortaleza entre 2016 e 2021. Aqui, abordo esse fenômeno, essencialmente, relacionando-o com a dimensão do ciberespaço. Serão privilegiadas as narrativas que trazem à tona movimentos de descolonização de mentes e corpos negros a partir da experiência com o cabelo e a profissão de trancista.

De acordo com a análise dos dados coletados através dos questionários desenvolvidos com a ferramenta *Google Forms* com 61 trancistas que atuam em Fortaleza, confirmei a hipótese inicial de que a maior parte em atuação na cidade são mulheres jovens e negras. A partir do questionário, foi possível aferir que, em sua maioria, são mulheres, sendo 61 para 3 homens, que foram excluídos da amostra por uma escolha metodológica. Pretas e pardas são 57 e brancas 7; em média, têm idades de 25 anos, especificamente, a mais jovem com 15 e a mais velha com 44.

Diante disso, outra informação importante que a compilação das respostas dos questionários mostrou foi quanto ao tempo de atuação dessas mulheres na profissão.

Gráfico 1 - Número de trancistas por tempo que trabalha como trancista



Fonte: Elaboração da pesquisadora (2022).

De acordo com suas respostas, pode-se afirmar que houve um significativo incremento a partir dos últimos cinco anos. Haja vista o percentual de 75,4% de trancistas que começaram a desempenhar essas atividades no período destacado (2016-2021).

O interesse frente ao indicativo crescimento da profissão nos últimos anos aumenta à medida que relaciono este elemento com a forma que essas trancistas – que começaram a trançar nos últimos cinco anos – aprenderam a trançar. Em sua maioria, de acordo com suas respostas ao questionário, aprenderam a trançar com o auxílio da *internet*.

Após o contato inicial a respeito do questionário, passo a dialogar com as trancistas e convido-as para uma entrevista, para que pudesse aprofundar o conhecimento acerca de suas trajetórias. Esses contatos foram realizados através das redes sociais *Instagram* e *Whatsapp*.

Logo, em meio aos nossos diálogos, o papel do ciberespaço se destaca em suas narrativas; tanto na forma como aprenderam a trançar quanto na maneira como o ciberespaço fez parte do desenvolvimento de suas profissões. Tendo em vista que, das trancistas que passaram a atuar nos últimos cinco anos, muitas delas aprenderam em meio ao *ciberespaço*; e, a maioria, iniciaram a oferta de seus serviços através de perfis profissionais nas redes sociais.

O crescimento de profissionais da área atuantes na cidade nos últimos anos será relacionado – tendo como destaque a forma como elas aprenderam a trançar e como se estabeleceram através das redes sociais – com a facilidade de acesso à *internet* que também cresce com o passar dos últimos anos e, neste sentido, também destaca-se o ciberespaço como elemento tecnológico capaz de conectar ideias e pessoas com interesses em comum, de forma

a revolucionar as formas de comunicação dos seres humanos.

O fato de aprender a trançar em meio a internet traz uma nova dimensão para os estudos desenvolvidos acerca da prática de trançar, pois os penteados trançados sempre foram atribuídos ao espaço familiar, em que as mulheres aprendiam com outras mulheres de suas famílias, assim, a prática originária das populações africanas foi sendo preservada e recriada na cultura afro-brasileira. Na literatura acerca dos penteados afros, o trançar aparece como um conhecimento que costuma ser experienciado e apreendido dentro de contextos familiares (GOMES, 2002; SANTOS, 2013). Santos (2013) afirma que

As práticas e técnicas corporais de trançar cabelos tem sido experiências de natureza do privado, pelo fato de serem normalmente aprendidas nos contextos familiares, por outro lado também são vistas como práticas do público comunitário, por serem em muitos momentos aprendidas em outros espaços de sociabilidades negras, tais como: terreiros, vizinhança, ações do movimentos negros e em curso profissionalizantes de cabeleireiras étnicas. (SANTOS, 2016, p. 7).

Nas experiências das trançistas que são apresentadas a seguir, o que identificou-se foi uma realidade com diferenças significativas no que se relaciona as experiências em contextos familiares, mas, os espaços de sociabilidades negras persistem: refiro-me ao ciberespaço. Essas interlocutoras não aprenderam a trançar com suas mães, tias, ou avós, elas aprenderam sim com outras mulheres negras, mas essas estiveram por trás de telas de computadores e *smartphones*, em vídeos de tutoriais no *YouTube* e em outras redes sociais. Isso é possível pelo fato de o ciberespaço permitir a interação de pessoas de qualquer lugar do mundo, independentemente de sua localização física. Além de permitir, como apontado por Paz (2017, p.23), “a ampliação de práticas ativistas e políticas de mulheres negras, instituindo aprendizagens e processos formativos”.

Em alguns dos relatos de minhas interlocutoras, ao serem indagadas sobre a presença da prática de trançar em suas famílias e sobre seus usos durante suas infâncias e adolescências, as respostas sinalizaram a ausência ou a falta de significância dos penteados nessas fases de suas vidas. Vejamos algumas dessas falas ouvidas em nossas conversas:

Por incrível que pareça fui uma pretinha que mal usei trança na infância (...), os cuidados eram mínimos (...) então se resumia a lavar e usar o creme que tinha disponível pra (sic) desembaraçar e é isso. (FONSECA, 2021b, informação verbal).

Sobre a relação com as tranças na infância, eu não tinha! Tipo assim, minha mãe não fazia. E minha família é muito reduzida ao meu núcleo familiar, eu não tinha contato com meus parentes. Eu também nem lembro muito da infância, eu lembro de algumas fotos de penteados e tal que minha mãe fazia, sempre deixando meu cabelo bem cacheado com dedoliss, mas trança mesmo ela não sabe. Então, na infância mesmo, eu nunca tive muito contato com as tranças. (KÉSSIA, 2022b, informação

verbal).

Minha mãe fazia apenas em época de São João. Mas o contato mesmo foi quando eu já era grande. (CAPITU, 2021, informação verbal).

É a coisa que eu mais digo, eu não me lembro de ter visto ninguém da minha família trançar. Minha mãe não trança. (FERNANDES, 2021, informação verbal).

É preciso ressaltar, que na experiência de outras trançistas, as tranças foram sim um costume vivenciado em seus contextos familiares, como relatado nas histórias de Isabelle e Rana; em que suas mães trançavam seus cabelos quando eram meninas, especialmente para irem à escola. Ambas, afirmam a influência de suas mães no gosto em que desenvolveram pelos penteados, sendo inclusive, parte de seus aprendizados técnicos oriundos de seus ensinamentos. Contudo, mesmo vivenciando a prática em seus contextos familiares, a *internet* não deixou de ser citada como fonte de pesquisa e aprendizado para que aperfeiçoar suas técnicas e se profissionalizar, além de ter contato com reflexões críticas acerca da importância histórica dos penteados afro e como meio de divulgação e logística de atendimentos. Vejamos o que Isabelle diz em uma de nossas conversas:

Desde a minha infância eu usei bastante, minha mãe fazia trança em mim, fazia muita trança. Ela é uma mulher branca, mas ela sempre se esforçou pra entender assim a dinâmica do meu cabelo. Colocar de um jeito que eu me sentisse mais confortável e tal. Então ela fazia as tranças rasteiras, eu lembro de gostar muito de quando ela tava com disposição pra trançar meu cabelo inteiro em várias tranças soltas. Era meu penteado favorito. Tanto que uma das minhas fotos que eu mais gosto de quando eu era criança é uma que eu tô com o cabelo assim. (GALEAZZI, 2021b, informação verbal).

Isabelle destaca a importância de sua mãe na forma como se relacionou com seus cabelos na infância e afirma que esse costume perdurou até sua adolescência, em que ela mesma passou a fazer tranças em si e em todas as suas colegas de escola. Sobre como passou a trabalhar com as tranças, ela conta:

Eu não fiz um curso nem nada, mas já existia muito material no *Youtube*. Então tudo eu fui vendo no *Youtube*: vídeo da Nataly Neri, que eu gosto muito dela e aprendi tudo assim. E via vídeo, mas eu também não sou muito de ficar vendo, eu vejo, aí vou fazer. (GALEAZZI, 2021b, informação verbal).

A experiência de Rana se assemelha com a de Isabelle, ela me relatou sua relação com o trançar assim:

Desde que me conheço por gente minha mãe [negra] trançou meu cabelo, ia pra escola de cabelo trançado e nunca imaginei como ia se tornar importante. (...) Minha mãe sempre foi minha modelo, e eu aprendi com ela e na cabeça dela como fazer nagôs, comecei aprendendo as tranças enraizadas, e caçando técnicas no *YouTube*, em *site*, no *Instagram* em todo lugar, fui aprendendo técnicas e aperfeiçoando as

minhas, até que decidi que queria trabalhar com isso. (ALVES, 2022a, informação verbal).

As narrativas de Isabelle e Rana nos mostram que a importância da *internet* – para além de permitir o contato com a prática e significados do trançar por parte de quem não os tinha – também apresenta papel determinante para quem busca aprofundar seus conhecimentos, técnicas, reflexões e divulgação do trabalho. Retornaremos a discussão sobre a experiência de Isabelle e Rana mais a frente, as coloco aqui para ressaltar que a importância da *internet* para o crescimento e desenvolvimento da profissão seja percebida em todas suas potências e minúcias.

Ante a isso, discutiremos a seguir, as experiências de trançistas que tanto não tiveram nenhum ou pouco contato com as tranças em contexto familiar, quanto as que vivenciaram essas experiências, e mesmo assim, evidenciam a *internet* como ferramenta fundamental para seus processos formativos enquanto trançistas. Destarte, serão discutidas como mulheres negras atuantes na *internet* se tornam referências para as interlocutoras em suas trajetórias enquanto trançistas. Analisaremos também a própria atuação e importância das referências citadas pelas interlocutoras, que foram principalmente mulheres negras que estão no ciberespaço como artistas, criadoras de conteúdo, mentoras de cursos *online*, *Youtubers* e influenciadoras digitais.

As histórias de vida das trançistas contadas e analisadas a seguir têm em comum:

- a) são mulheres autodeclaradas pretas e pardas;
- b) são jovens, com idades entre 15 e 44 anos;
- c) passaram a trabalhar como trançistas entre os anos de 2016 e 2021 na cidade de Fortaleza;
- d) possuem um perfil profissional no *Instagram*;
- e) aprenderam a trançar ou se aperfeiçoaram através de outras mulheres negras atuantes em redes sociais;
- e, f) evocam frequentemente narrativas relacionadas a questões raciais e a descolonização de corpos e mentes negras.

3.2 Denise Fonseca e Rafa Xavier

Neste tópico, entenderemos como as trajetórias de Denise e Rana, duas mulheres negras residentes da cidade de Fortaleza, conectaram-se aos trabalhos de Rafa Xavier, de Belo Horizonte (MG) e Bruna Hair, de Ribeirão Preto (SP), ambas trançistas com mais de 100 mil seguidores no *Instagram* e mentoras de cursos *online* para trançistas.

O ciberespaço pode ser visto como instrumento que permite transpor barreiras geográficas e conectar essas mulheres, através dessa tecnologia mulheres negras estão sendo capazes de movimentar e fazer crescer o mercado e dar continuidade à história dos penteados

afros ao capacitar novas profissionais à distância, de forma a preservar a prática transatlântica e afro-diaspórica do trançar; sem que seus significados históricos, culturais e políticos sejam perdidos ou fragmentados em meio a fluidez própria do ciberespaço.

Para iniciar esta reflexão, lança-se o olhar sobre a trajetória de Denise Fonseca. Denise é uma mulher de 23 anos, autodeclarada preta, mãe de um menino de 4 e residente do bairro Barra do Ceará, periferia de Fortaleza. A trancista é uma das interlocutoras que não tiveram as tranças presentes em sua infância e adolescência, mas que teve contato e aprendeu a trançar através da *internet*. Ela conta que:

Por incrível que pareça fui uma pretinha que mal usei trança na infância. Tinha um relacionamento tranquilo com meu cabelo apesar de herdar alguns toques. Nunca tive problema de aceitação e tal, mas os cuidados eram mínimos porque a única fonte de renda da casa era meu pai e as prioridades eram outras, não em investimento em cosméticos. Acho que foi a partir daí que nasceu minha sede de independência. (...) Então se resumia a lavar e usar o creme que tinha disponível pra desembaraçar e é isso. Desde meu primeiro contato com meu dinheiro minha prioridade é meu cabelo. Acredito muito que isso é herança dos nossos antepassados. A conexão com nosso cabelo. (FONSECA, 2021c, informação verbal).

Para Denise, as tranças surgem fora de seu contexto familiar e seu conhecimento sobre elas é desenvolvido a partir de suas próprias pesquisas no ciberespaço. Ainda que fora de seu contexto familiar, as tranças são introduzidas em sua vida através de outra mulher negra, engajada na preservação e valorização da prática do trançar enquanto elemento da cultura afro-brasileira, a trancista Rafa Xavier. Denise descreve como esta conexão ocorreu:

Eu sempre quis usar tranças, mas sempre fui muito chata com quem iria fazer! Então pesquisava muito para saber os fundamentos e assim ver quem se adequava e escolheria para fazer o procedimento. Nessas inúmeras pesquisas nas redes e *YouTube* achei a Rafa Xavier, que é uma negona foda historiadora e que trabalhava trançando e formando novas trancistas. Passei a acompanhar ela e o discurso se adequava inteiramente a mim: buscando independência financeira, autonomia, público-alvo de mulheres pretas... Aí ela me conquistou, rs. Pedi dinheiro emprestado para o vizinho para ajudar a pagar o curso, ia devolver com as parcelas do auxílio emergencial. E assim iniciei. (FONSECA, 2021c, informação verbal).

Ao procurar informações sobre tranças no ciberespaço a partir do desejo de fazer em si, Denise conhece o trabalho desenvolvido pela trancista Rafa Xavier no *Instagram*¹⁶. O encontro alimenta seu interesse pelas tranças e a desperta para a possibilidade dela mesma tornar-se trancista. Rapidamente, Denise decidiu fazer os cursos *online* ofertados por Rafa Xavier e investir na profissão. Antes disso, Denise já havia tido diversas experiências no mercado de trabalho e trouxe em seus relatos uma sequência de frustrações e violências

¹⁶ Disponível na página @braidsrafa

vividas nesses empregos:

Fui pro mercado de trabalho através do Primeiro passo, lá eles te distribuem pra empresas públicas e privadas para estágios, acabei indo pra uma empresa privada onde fui muito hostilizada. Passei 6 meses sofrendo assédio, outras agressões que só tive noção a pouco tempo. Já trabalhei em eventos, serviços gerais, coqueira, faxina. [...] Ah, já fui atendente e caixa também. (FONSECA, 2021c, informação verbal).

Denise relata que sempre esteve em busca de trabalho, mas principalmente depois de ser mãe. Sobre o período após ter terminado o ensino médio, ela conta:

Aposentei cedo o sonho de ir pra faculdade porque até então não tinha nenhuma área que me preenchesse. Mas era meu objetivo pós ensino médio ir direto pro superior. Mas a realidade de precisar mais de dinheiro do que do ensino falou mais alto. Nesse período vagava de canto a outro pra conseguir dinheiro mais sem nunca fazer algo com propósito. (FONSECA, 2021c, informação verbal).

Neste contexto, Denise viu a possibilidade de tornar-se trancista tanto como uma oportunidade de ter uma fonte de renda como também identificou um propósito na profissão, ela diz:

Entrei no ramo das tranças com a intenção de me encontrar profissionalmente ajudando meus irmãos de cor a se reconhecerem, aceitarem seus cabelos naturais e se conectarem consigo por outra ótica: enxergando sua beleza fora do padrão pregado pela sociedade. Tendo em vista que crescemos e somos ensinados que tudo que é originário do ser negro e sua cultura é feio, errado, sujo. (FONSECA, 2021c, informação verbal).

Além da dimensão financeira, política e afetiva que deu sentido à profissão de trancista para Denise, este ofício também possibilitou que ela mantivesse uma renda sem se submeter a estrutura de empresas no mercado de trabalho formal, espaços que remetem aos assédios que já havia sofrido. Sobre isso ela afirma:

Vi no trancismo uma forma de sustentar meu sonho de ajudar o próximo, de me possibilitar uma carreira promissora abrangendo outras áreas da beleza e saúde, pois a estética atua significativamente o nosso bem-estar, me permite autonomia sobre carreira e vida pessoal, pois tenho o poder flexibilizar a minha maneira a rotina que desejo, e principalmente mas não menos importante, não me coloca à mercê do mercado de trabalho convencional que é excludente e que já me deu muitos prejuízos mentais. Desvalorização, assédios, má remuneração entre outros adicionais. (FONSECA, 2021c, informação verbal).

A insatisfação com o mercado de trabalho formal aparecerá novamente nas narrativas de outras interlocutoras, o que converge com a realidade posta no Brasil, em que, para mulheres negras o “trabalho por conta própria” está associado às dificuldades de inserção e permanência nesse âmbito que envolve as contratações em regime celetista e à necessidade

iminente. Por isso, observaremos como as discussões sobre trabalhar por conta própria e empreender atravessam significativamente as narrativas das trancistas.

Contudo, a profissão de trancista foi apresentada a Denise a partir de Rafa Xavier; que teve papel fundamental na construção e ressignificação dos novos sentidos elaborados por Denise. Discutiremos a seguir sobre quem é Rafa Xavier e como sua atuação na *internet* se tornou uma referência para Denise e outras milhares de mulheres, trancistas e trançadas.

Rafa é uma mulher preta de Belo Horizonte, formada em história pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Por volta do ano de 2018, quando ainda estava cursando sua graduação, Rafa fez um curso de tranças e começou a trançar em uma salinha na casa de sua avó como uma oportunidade de gerar renda. A trancista ressalta em sua história que não teve nenhuma inspiração ou referência familiar para a escolha da área de profissão, e explica que seu pai era serralheiro e sua mãe, cuidadora de idosos.

Após algum tempo, Rafa passou a obter um retorno financeiro satisfatório e decidiu investir mais na profissão e no mercado. A trancista participou do projeto Afrolab desenvolvido pelo @pretahubdigital, que é um programa de capacitação técnica e criativa para mulheres negras empreendedoras. Após passar por essa formação, ela cria a página @braidsrafa no *Instagram* e passa a se dedicar inteiramente à profissão e a crescer em números e alcance na *internet*. A seguir um *print* do *Instagram* de Rafa Xavier:

Figura 11 - Print de perfil de Rafa Xavier



Fonte: Braids Rafa (2022a).

Rafa Xavier também passou a aliar sua formação de historiadora com a sua profissão de trancista, sobre isso, ela conta para seus inscritos no *Youtube*, em um vídeo intitulado “Como surgiu Braids Rafa? [Quem é Rafa Xavier – parte 2]”:

Quando eu comecei a aliar a Rafa historiadora, que há tempos estava escondida, com a Rafa trancista, e vi que as duas caminhavam juntas, eu comecei a ter uma personalidade diferente no meu trabalho. Porque para além de falar sobre técnica, sobre cuidados com o cabelo, sobre está trançada de um modo geral, eu comecei a trazer para as pessoas aquela minha experiência dos estudos e do dia a dia com as clientes, sobre o que de fato significa estar trançada, qual é o impacto social e cultural que isso gera para as pessoas. De que forma que o movimento negro vinha se reinventando, de que forma que a ideia do que era beleza, beleza negra, vinha mudando também. Por que ali em 2018/2019 começo de 2020, tava sendo o auge das movimentações acerca desse empoderamento, da beleza negra, do retorno a ancestralidade. Então, tudo isso que tinha a ver com minha formação eu vim incrementando no meu trabalho e aí eu fui ganhando outros espaços. Consegui juntar minha parte técnica com esse saber acadêmico que eu tinha e aí eu fui migrando para outras áreas. Nesse momento foi que eu comecei a produzir novos conteúdos na internet. Comecei a produzir meu primeiros vídeos, comecei de forma tímida aparecer nas redes sociais, gravava vídeo de um minuto, de dois minutos... Dava umas dicas, falava sobre essas questões de impacto histórico-social, falava sobre como as trancistas podiam usar desses saberes também para empoderar o próprio trabalho. (...) Fui transformando tudo isso em conteúdo para ajudar outras trancistas. (XAVIER, 2022a).

Dessa forma, a trancista e historiadora conseguiu alcançar milhares de mulheres, seu perfil @braidsrafa no *Instagram* conta com 102 mil seguidores. Sobre seu público, no mesmo vídeo citado acima, ela conta que:

Quando essas trancistas começaram a perceber todos esses conteúdos e viam que aquilo fazia sentido, elas começaram a chegar na minha página e começaram a consumir esse conteúdo todo. E nesse momento me deu um estalo, porque eu percebi que tava (sic) falando não só mais com as minhas clientes, com o público que queria trançar cabelos, mas eu também estava me comunicando com outras trancistas. E foi nesse momento então que surgiu meu carro chefe que é o ‘Programa viver de tranças’. (XAVIER, 2022a).

O “Programa viver de tranças” é um curso *online* de 15 módulos, abordando e ensinando cinco temas centrais: técnicas de tranças nagô; técnicas de tranças soltas; *marketing* magnético¹⁷; autoconhecimento e gestão de negócios. A proposta principal do curso é ensinar como conquistar uma renda mensal de dois a cinco mil reais trançando cabelo partindo do zero, se inserir no mercado e se diferenciar da concorrência. O fator do curso ser à distância possibilitou que Rafa Xavier alcançasse mulheres de todo o país. O curso custava, em março de 2022, 357,00 reais pagando à vista ou podia ser pago em doze parcelas 34,78 reais. Rafa possui um perfil no *Instagram* específico para o curso, o @programaviverdetranças, que possui, em março de 2022, 18,2 mil seguidores.

As aulas do curso são realizadas através de seu canal no *Youtube* intitulado de “Rafa Xavier Trancista”, o acesso às aulas é exclusivo para os matriculados no Programa.

¹⁷ “No marketing magnético, a estratégia é justamente contrária: ao invés de empurrar produtos, o que se foca é puxar o consumidor, como um ímã faz com objetos de metal. Através de certos métodos, é possível atrair o cliente até você, o pondo em busca do valor agregado ao que está sendo divulgado” (FERRAZ, 2016).

Além disso, em seu canal nesta plataforma, que conta com 38,2 mil inscritos (março de 2022), a trancista também apresenta vídeos com acesso livre para o público geral, com demais conteúdos formativos e outros em que faz relatos de sua trajetória e experiências. Veja na imagem a seguir, alguns dos temas que esses vídeos trazem, como, por exemplo, um com o título “Como fazer *twist*?” com duração de 9min e 14seg:

Figura 12 - *Print* de conteúdo de Rafa Xavier no *Youtube*



Fonte: Xavier (2022b).

Além de ensinar as técnicas manuais para fazer os penteados, seus cursos e os conteúdos em geral publicados no *Instagram* e *Youtube*, também ensinam como desenvolver a profissão através das redes sociais. No *Instagram*, por meio de *posts* e *stories*, Rafa dá dicas para suas/seus seguidores de como usar esses mesmos recursos para aumentar o alcance de seus perfis. Exemplo disso, são conteúdos com *thumbnails*¹⁸ como: “Organize seus *posts* e

¹⁸ “Uma thumbnail é uma imagem em miniatura e comprimida usada na internet para prever a imagem original. A palavra thumbnail vem da palavra “Thumb” que significa polegar e “nail” que significa unha. Ou seja, unha do polegar. Mas no meio digital as thumbnails são utilizadas como sinônimo de miniaturas. Utilizada em diversos meios digitais, a thumbnail pode ser a diferença entre o clique e a desistência do usuário” (PATEL, c2022).

stories!”, “Rafa, eu não tenho ideias do que postar”, “Como criar uma rotina de postagens?”, “Como ter conteúdo sempre?”. Nesse tipo de conteúdo, a trancista escreve na legenda de imagens ou de vídeos de curta duração, textos expositivos e explicativos referentes às frases das imagem ou ao conteúdo do vídeo. Vejamos algumas das imagens utilizadas nesses conteúdos:

Figura 13 - *Thumbnails* usados por Rafa Xavier



Fonte: Braids Rafa (2022b).

Em um desses *posts*, com a frase de *thumbnail* “Como ter conteúdo sempre?”, a trancista responde em vídeo a uma pergunta feita por uma de suas seguidoras: “como evitar falar sempre das mesmas coisas no meu *Instagram*?”. Ela responde:

Eu acho que não precisa de vocês esgotarem um conteúdo só, né? A gente tem várias coisas para falar, vocês precisam fazer tipo o que a gente chama de linha editorial do trabalho de vocês. Então, o que acontece? Olha, ‘quais são os possíveis assuntos que eu vou trazer?’ Eu vou falar sobre tranças nagô, eu vou falar sobre tranças soltas, eu vou falar sobre as minhas experiências como trancista, eu vou falar sobre as principais inseguranças e dúvidas que os clientes têm. Enfim, cria aí pelo menos uns quatro a cinco tópicos temáticos. Ah, eu vou falar sobre transição capilar, porque isso também tem a ver com o nosso trabalho, vou falar um pouco sobre cultura negra, alguma coisa assim. E aí vocês trabalham cada dia da semana um tema, entendeu? E aí vocês conseguem tornar a página de vocês mais dinâmica. Podem perceber, eu não falo uma semana inteira sobre a mesma coisa. Um dia eu estou falando sobre técnica, um dia estou falando sobre *marketing*, um dia eu estou falando sobre gestão de negócio, um dia eu estou falando sobre organização financeira, outro dia eu estou contando alguma coisa sobre a minha experiência, outro dia eu estou só postando um *reels* fazendo uma gracinha para vocês, não é

isso? Assim a gente vai conseguindo trazer uma dinâmica para o nosso trabalho. (XAVIER, 2021a).

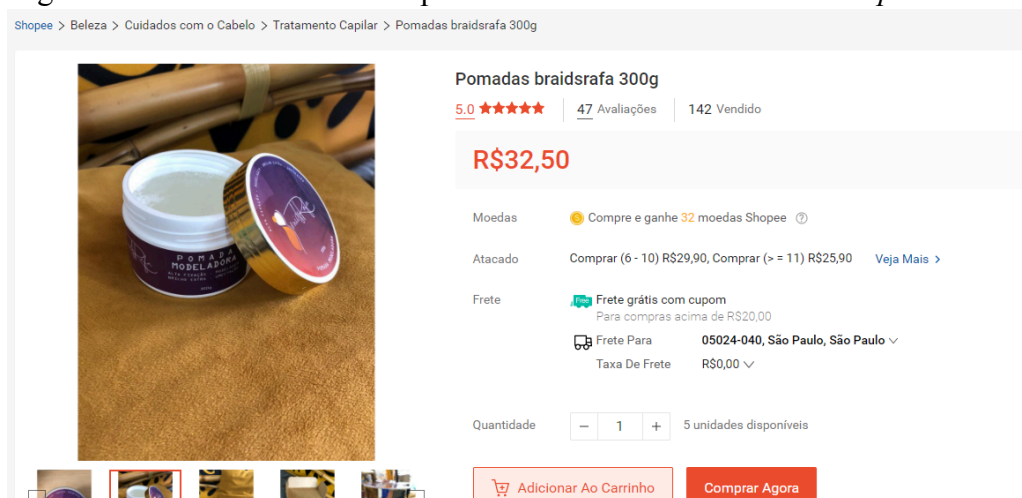
No universo do ciberespaço, onde profissionais de diversas áreas estão presentes em busca de conquistar clientela, conteúdos como estes se tornam cada vez mais requisitados por profissionais que estão desenvolvendo novos empreendimentos e buscam a consolidação de clientes.

Além dos cursos e minicursos, a trancista também lançou sua própria linha de pomada específica para usar nos penteados trançados. Esse tipo de pomada é um dos itens básicos na lista de materiais usados pelas trancistas, ao lado de pentes e cabelos sintéticos. O cosmético é vendido de forma *online* através da rede social *Whatsapp*, onde você pode fazer pedidos diretamente; e/ou por meio do *site* de vendas online *Shopee*, que entrega para todo o país. O produto está disponível em dois volumes, 150g e 300g, que custam entre 19,90 e 32,50 reais respectivamente, havendo variação de preços nas opções varejo e atacado. No *site Shopee*, o produto leva em sua descrição o texto a seguir:

A linha Braidsrafa de pomadas modeladoras é pensada para atender as necessidades das crespas, cacheadas e trançadas que necessitam de um produto de altíssima fixação e que, em contrapartida, não altere a estrutura capilar e não deixe os fios embranquecidos, com o aspecto opaco ou oleoso. A função deste produto é ajudar na modelagem dos fios com brilho, nutrição e fixação suficiente para os mais diversos penteados e modelos de tranças box e nagô. (ROQUE, c2022).

A seguir, veja a imagem do produto anunciado do *site Shopee*:

Figura 14 - Print de anúncio de pomada de Rafa Xavier em *site Shopee*



Fonte: Roque (c2022).

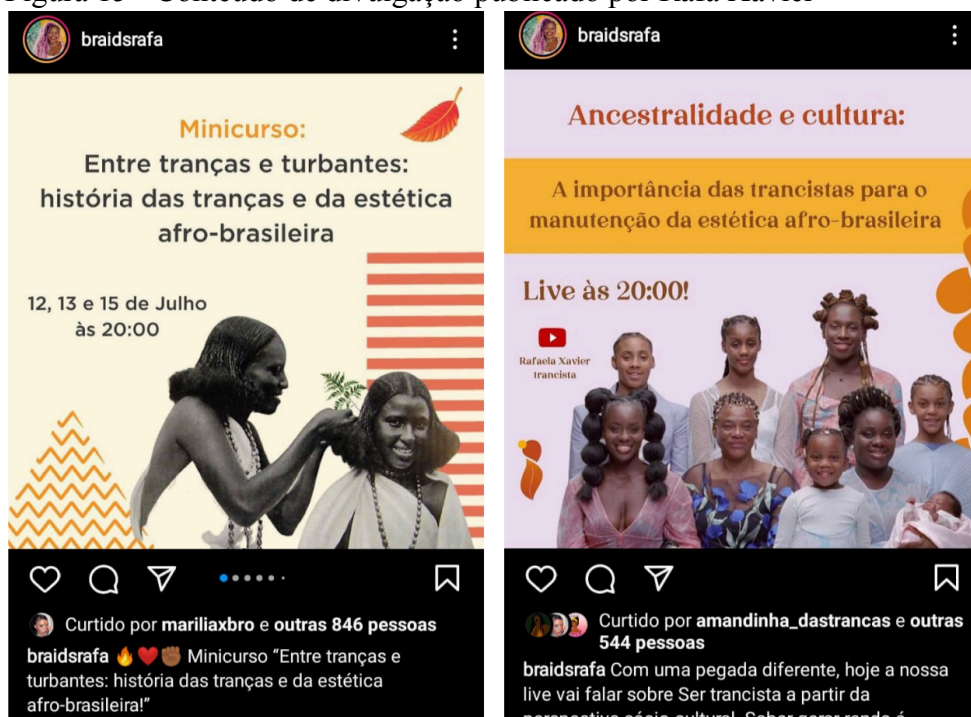
Destarte, é crucial refletir acerca do teor político e histórico nos conteúdos de Rafa Xavier. Como exposto anteriormente, ela constrói narrativas acerca de diversos assuntos

que se relacionam com tranças e trancistas, de forma a convidar as pessoas a conhecer a história dos penteados afros e a partir de novas perspectivas, descolonizar mentes e corpos negros. Além de ensinar as técnicas para trançar e sobre como conduzir perfis comerciais no *Instagram*, a trancista também já ofertou *lives* gratuitas e minicursos pagos acerca da história sociocultural das tranças. As *lives* possuem um formato informal e são transmitidas em tempo real através do *Youtube*, nelas, a trancista fala e responde às indagações de sua audiência. Em uma *live* intitulada de “A importância das trancistas para a manutenção da estética afro-brasileira”, Rafa descreveu sua motivação para a publicação da *live*:

Com uma pegada diferente, hoje a nossa *live* vai falar sobre Ser trancista a partir da perspectiva sociocultural. Saber gerar renda é importante, mas, mais que isso, reconhecer o valor do que fazemos através da nossa origem e ancestralidade é o que nos dá força para manter essa tradição! (XAVIER, 2021b).

Na figura a seguir apresento dois *posts* no perfil do *Instagram* de Rafa em que ela divulga: no *print* a esquerda, o minicurso intitulado “Entre tranças e turbantes: história das tranças e da estética afro-brasileira”; e, no *print* a direita, uma *live* intitulada “Ancestralidade e Cultura: a importância das trancistas para a manutenção da estética afro-brasileira”.

Figura 15 - Conteúdo de divulgação publicado por Rafa Xavier



Fonte: Braids Rafa (2020); Xavier (2021b).

Rafa oferta, periodicamente, o minicurso “Entre tranças e turbantes: história das tranças e da estética afro-brasileira”, que dá direito aos participantes um certificado com carga

horária de 6 horas/aulas divididas em três dias de encontros virtuais. No caso do minicurso, o valor para participar é de 30,00 reais, com a opção de acrescentar o acesso a 3-ebooks referentes ao conteúdo das aulas adicionando 20,00 reais ao valor inicial. O tema de cada aula é, respectivamente: (1) “Herança africana na construção da cultura estética afro-brasileira”; (2) “A construção do imaginário brasileiro sobre o negro”; (3) “Tranças, turbantes e transição capilar como símbolos da resistência e resgate cultural do povo preto”. Em *post* de divulgação do curso Rafa explica os temas das aulas:

Nessa aula [1] você vai aprender: a história da utilização das tranças e a importância do cabelo para as culturas africanas; quais são alguns desses povos africanos e como cada um deles entendia suas práticas estéticas conectado às suas sociedades e culturas; a forma como os povos africanos escravizados mantiveram vivas suas tradições na construção de uma cultura afro-brasileira. Nessa aula [2] você vai aprender, principalmente: o modo como o colonialismo utilizou do domínio das ferramentas de representação para desumanizar corpos negros e desenvolver as narrativas que até hoje embasam o racismo estrutural no nosso país; as razões pelas quais essas práticas são perdidas e apagadas do imaginário da população afro-brasileira; entenderemos, a partir disso, que nossos problemas de afeto, de estima, de odiar nossos traços e de não ver beleza nos nossos, fazem parte desse processo de embaquecimento da população e apagamento da cultura afro. A última aula [3] terá como foco entender a importância do resgate dos símbolos da cultura afro como forma de reafirmação da nossa existência; vamos falar sobre o movimento negro no Brasil, algumas de suas realizações e das atuais tentativas de descolonizar a forma como pessoas negras se enxergam esteticamente; vamos aprender porque, para as pessoas negras, o uso de tranças tem sido tão importante no contexto atual, bem como o processo de transição capilar; por fim, falarei também das discussões sobre apropriação cultural e como elas atravessam toda a temática do minicurso. (XAVIER, 2020).

É notável na atuação profissional de Rafa Xavier, a preocupação com a preservação e valorização da história dos penteados afro para a sociedade afro-brasileira; além de ser perceptível sua atuação política pela descolonização do olhar do negro sobre o negro. Em seu perfil há *stories* fixos sobre seu posicionamento sobre o assunto e é possível confirmar a dimensão política que Rafa atribui à sua profissão:

Veja bem: canso de dizer que não é só saber trançar. Uma trancista que não conhece ou não reconhece a importância da história dos cabelos afros, dificilmente vai ser uma trancista bem-sucedida no mercado. Inclusive, dominar essa história reforça ainda mais a imagem de autoridade que o seu cliente tem sobre você. Nós estamos lidando com pessoas negras e que, por isso somente, também fazem parte dessa história e muitas vezes nem sabem. Seu cliente chega com vários traumas capilares, inseguranças sobre usar tranças ou não, sobre colocar colorido ou não etc. Se você é uma trancista que não entende historicamente de onde essas nossas dores vêm, dificilmente você vai saber acolher da forma correta essa cliente. Trançar cabelos e ser trancista, pra mim Rafa, nada mais é que repetir o processo dos nossos ancestrais a partir das ressignificações que temos hoje enquanto trancistas e pessoas negras. É pra mim muito difícil não entender qualquer trança que faço como um processo de afeto, de cura, de cuidado. E isso sob o entendimento de que nós, pessoas negras, temos uma história de dor com nossos cabelos e de apagamento de nossos traços. Então pra mim, Rafa, meu papel ao trançar cabelos é devolver essa autoestima que

nos foi arrancada através desses nossos próprios saberes. (XAVIER, 2021c).

Rafa aborda em seus conteúdos formativos suas próprias inquietações, preocupações e anseios. Além de acionar a dimensão histórica e política da prática do trançar; é possível compreender sua atuação na *internet*, além da dimensão laboral, como uma forma de ação política. A trancista se apropria do ciberespaço como mecanismo tecnológico comunicacional e consegue fazer ecoar sua voz e movimentar uma articulação em rede de mulheres negras interessadas no saber do trançar. Processos formativos como estes são notáveis em sua potencialidade de transformar e recriar novas narrativas. Seguindo Josso (2007) é possível refletir que esses processos formativos desencadeiam não apenas aprendizado profissional, mas também existencial:

Todo projeto de formação cruza, à sua maneira e nas palavras de seu autor, com a temática da existencialidade associada à questão subsequente da identidade (identidade para si, identidade para os outros). Um dispositivo de formação que, por pouco que seja, integre a reflexão sobre esse projeto, a partir, por exemplo, de uma análise de histórias de vida dos aprendentes, pode, desse modo, ver aflorar e penetrar nas preocupações existenciais dos aprendentes adultos. Assim, a questão do sentido da formação, vista através do projeto de formação, apresenta-se como uma voz de acesso às questões de sentido que hoje permeiam os atores sociais, seja no exercício de sua profissão – eles se assumem como porta-vozes dos problemas dos grupos sociais com os quais operam –, seja nas vivências questionadas e questionadoras de sua própria vida. (JOSSO, 2007, p. 414).

É neste sentido que o encontro entre Rafa e Denise desencadeia múltiplas formas de aquisição de novas perspectivas existenciais. Retomando a história de Denise – que apresentou Rafa Xavier como sua mentora no início de sua trajetória na profissão – é possível notar como as duas mulheres negras compartilham significados e sentimentos convergentes quando dão sentido a suas atividades profissionais. A identificação e o aprendizado oriundos da atuação de Rafa, perpassa principalmente ao que diz respeito às discussões sobre a construção de identidades negras descolonizadas, à valorização da história e cultura afro e com o desejo por autonomia financeira.

Com o aparato técnico, teórico e reflexivo desenvolvido nos cursos formativos de Rafa Xavier, Denise dá início a sua carreira como trancista com a criação de seu perfil profissional no *Instagram*, intitulado como *@esteticapreta_*; que possuía, em março de 2022, 1.370 mil seguidoras(es) e completou um ano em atividade em novembro de 2021.

Figura 16 - *Print* de perfil de @esteticapreta_

Fonte: Estética Preta (2022a).

Veja como o sentido atribuído por Denise à sua profissão também passa por propósitos coletivos relacionados à população negra:

Em novembro completo 1 ano que me tornei trancista, após no ápice da pandemia fazer um investimento num curso online com técnicas e história das tranças e me vejo realizada de ter achado meu lugar. Aqui vou crescer e evoluir profissional e pessoalmente. A meta é alcançar a independência financeira, ajudar quem tiver a meu alcance e levar ao topo quem conseguir. Empregar várias pessoas, uma rede de apoio onde só o bem é semeado e prosperado. (Entrevista com Denise Fonseca, 2021c).

Figura 17 - *Print* de post de @esteticapreta_

Fonte: Estetica Preta (2022b).

Todo trabalho elaborado e desenvolvido por Rafa Xavier se constitui e constrói uma grande rede de compartilhamento de conhecimento, ideias, técnicas e práticas capazes de alcançar milhares de mulheres negras. Denise afirma “ter achado seu lugar” quando fala sobre sua atuação enquanto trançista; este “lugar” é onde mulheres negras criam e recriam suas histórias com poder de autoria, de fala e de escuta. Do encontro através da *internet* entre as ideias de Rafa Xavier e os anseios de Denise Fonseca, nasce o sentimento de pertença de Denise a um “lugar”, um lugar onde pessoas negras se reconhecem, se acolhem, se ensinam. Quando o negro acha seu lugar é quando o negro se encontra com os seus, e nesse encontro, constrói um futuro diferente.

Ao observarmos as experiências de Denise e Rafa e o encontro entre elas, podemos perceber como que a prática de trançar, que foi preservada ao longo dos séculos através, principalmente, de mulheres negras em contextos familiares e em espaços de sociabilidades negras (SANTOS, 2019) também passa a contar com a internet e as redes sociais como mecanismo de disseminação, manutenção e ressignificação da tradição do trançar.

Denise tem consciência do poder do compartilhamento de ideias e encontro de pessoas negras, sobre isso, ela elabora:

O mercado das tranças está em ascensão graças a muita resistência dos nossos ancestrais que conseguiram nos manter conectados à essa prática milenar. Tentaram apagar nossas origens, marginalizaram e sexualizaram nossos corpos, mas continuamos resistindo. Esse poder todo fez com que alcançássemos cada vez mais o público preto e começamos a mudar também a forma como o mercado nos enxerga. Produtos voltados para nossa cor, pro nosso cabelo ganhou cada vez mais espaço. Artistas negros também passaram a tomar pra si mais a responsabilidade de conscientização, protagonizando e nos dando representatividade. Iza, Ludmila, Beyoncé, Rihanna... se tornam referências não só de status, mas também de inspirações capilares já que a mudança de visual impacta diretamente a vida. (Entrevista com Denise Fonseca, 2021c).

Denise cita as cantoras negras brasileiras Iza e Ludmila, a norte-americana Beyoncé e a barbadense Rihanna como personagens de influência de sua história com seus cabelos e os penteados afro. Essas celebridades estão constantemente usando penteados afro e mobilizando ressignificações das estéticas negras em um mundo racista que impõe a imagem do branco como beleza hegemônica. Na imagem a seguir vemos um compilado com fotografias das quatro cantoras citadas usando penteados trançados. São, respectivamente, da direita para a esquerda, de cima para baixo, Iza, Ludmilla, Beyoncé e Rihanna.

Figura 18 - Montagem de fotos feita pela pesquisadora



Fonte: Compilado elaborado por pesquisadora (2022).

No caso de Denise, seus processos formativos se deram a partir de outra trançista como mentora, Rafa Xavier, a partir de cursos formais online; mas ela também é impactada a partir da circulação de imagens e ideias, principalmente, a partir de referências que não estão necessariamente inseridas em atividades formalizadas e estruturadas como ensino/aprendizagem; mas estão situadas nas áreas artísticas, comunicacionais, culturais e políticas, como no caso das cantoras citadas.

Assim, em meio ao ciberespaço, mulheres negras criam esses movimentos capazes de romper com as narrativas hegemônicas que criam imagens de inferioridade e negatividade frente às estéticas negras. Denise apresenta o desejo de compartilhar o conhecimento que obteve através de Rafa Xavier, a fim de dar continuidade à circulação das ideias e práticas que ela mesma aprendeu e agora também pode praticar, compartilhar e ensinar.

Por fim, é preciso destacar que, em 17 de janeiro de 2022, Rafa Xavier anunciou através de um *post* no *Instagram* que pararia de fazer atendimentos de clientes regularmente para se dedicar totalmente às alunas do “Programa viver de tranças” e a outros projetos em que estava planejando e desenvolvendo. Entre muitos projetos lançados por Rafa, o de maior destaque foi a criação de um espaço especializado em oferecer atendimentos à noivas negras a partir de um olhar afrocentrado, localizado em Belo Horizonte. O perfil do empreendimento

no *Instagram* foi intitulado de @maalum.oficial e além de Rafa como realizadora, apresenta mais três mulheres negras em sua equipe (NOIVAS NEGRAS, 2022).

3.3 Rana e Bruna Hair

Em diálogo com a história de Denise, apresento a seguir, a história de Rana, que aos 16 anos decidiu que queria trabalhar com tranças e iniciou, aos 17, seu processo de profissionalização. Diferente de Denise, que teve contato com as tranças a partir da vida adulta, para Rana, elas estão presentes em suas memórias mais antigas. Em seu caso, as tranças fizeram parte de sua infância, em que sua mãe trançava seus cabelos como forma de *lidar*¹⁹ com os cachos da filha; e de sua adolescência, em que a própria Rana passou a gostar de manipular e criar penteados em seus cabelos.

Neste contexto, Rana faz parte do grupo minoritário de minhas interlocutoras, que nunca alisaram seus cabelos. Ao longo de sua adolescência ela aprendeu a amar seus cachos e usá-los de diversas formas. Interessante ressaltar, que os processos que ampliaram as discussões sobre aceitação e valorização dos cabelos cacheados e crespos ocorreram em meados da década de 2010, mesmo período em que Rana passava pela adolescência e podia acessar essas movimentações e construir sua identidade de forma positiva a partir de referências que a melhor representasse. Ao indagar a interlocutora sobre como aprendeu a trançar, ela conta que:

Para falar sobre isso preciso voltar muito no tempo. Desde que me conheço por gente minha mãe trançou meu cabelo, ia pra escola de cabelo trançado e nunca imaginei como ia se tornar importante. Meu cabelo é cacheado e ela não sabia lidar. Então, eu vivia de tranças no cabelo. Na minha pré-adolescência, mais ou menos aos 12/13 anos, quando estava me aceitando, aceitando meus cachos, deixando eles soltos (vivia com ele amarrado num afro puff) sempre fazia vários penteados, as vezes dois coques, ou várias trancinhas soltas no próprio cabelo. E assim, foram passando os anos, juntamente com meus cachos saindo, saia minha criatividade de criar novos penteados e ir para escola. (ALVES, 2022b, informação verbal).

Tendo vivenciado essas experiências positivas com as tranças da infância à adolescência, Rana se destacou ao elaborar os penteados afro em seus espaços de

¹⁹ Gomes ([2006], 2019) elaborou, a partir da constância emblemática da expressão “lidar com o cabelo” em suas entrevistas com mulheres negras de cabelos crespos, a noção de “lida” associada ao trabalho: “é o trabalho visto como fardo e não como realização pessoal”. Em outras palavras, o cabelo crespo exige um esforço sofrível e pode significar uma labuta para quem o possui, pois o possuindo, os negros e negras carregam consigo uma marca que comunica o seu pertencimento racial. Possuir essa marca significa carregar uma série de preconceitos e estereótipos racistas indesejados, e por isso, passa a ser algo com que se precisa “lidar”. A “lida” diz respeito à necessidade de interferir, modificar, camuflar e encobrir esta marca que o identifica como inferior.

sociabilidade. Até que alguém a instigou a desenvolver suas técnicas e investir nessa prática como uma profissão:

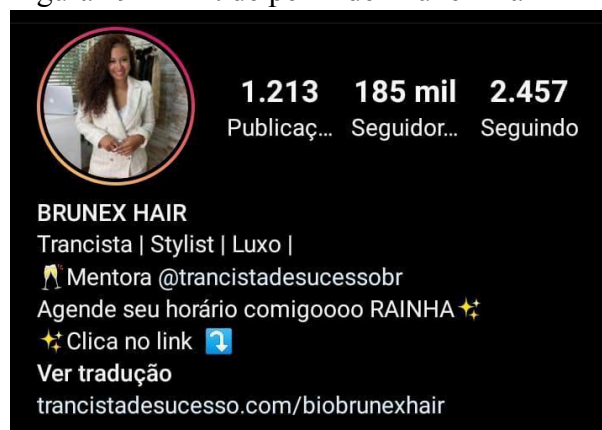
No final de 2020, uma colega da minha mãe me disse que eu deveria tentar investir nas tranças já que sempre estava com vários penteados usando tranças. Nesse momento então percebi que as outras mulheres também deveriam se sentir como eu me sentia: tão livre de poder fazer diferente. Pedi para que minha mãe fizesse na minha irmã para que eu pudesse observar e repetir. (ALVES, 2022b, informação verbal).

Na experiência de Rana a prática e o saber sobre tranças partiram de seu contexto familiar, ela aprendeu a trançar com sua mãe, vendo-a trançar sua irmã e posteriormente, permitindo que Rana treinasse em sua cabeça. Sua vivência confirma como a cultura das tranças é um saber e uma prática da herança africana no Brasil que é preservada, mantida e recriada dentro do seio das famílias negras (SANTOS, 2013; 2019). Porém, sua experiência também confirma como o ciberespaço tem se tornado um meio que possibilita a aprendizagem acerca da prática do trançar, ao permitir novos processos formativos técnicos e crítico-reflexivos. Ela segue contando como aprendeu a trançar:

Minha mãe sempre foi minha modelo, e eu aprendi com ela e na cabeça dela como fazer nagôs, comecei aprendendo as tranças enraizadas, e caçando técnicas no *YouTube*, em *site*, no *Instagram* em todo lugar, fui aprendendo técnicas e aperfeiçoando as minhas, até que decidi que queria trabalhar com isso. (ALVES, 2022b, informação verbal).

As principais influências do ciberespaço citadas por Rana foram dois perfis de trancistas no *Instagram*: @braidsrafa e @brunexhair. No tópico anterior, foi discutida a atuação de Rafa Xavier (dona do perfil @braidsrafa), e a seguir, será analisado o trabalho desenvolvido no perfil @brunexhair, que em março de 2022 contava com 185 mil seguidores e 1.213 publicações.

Figura 19 - Print de perfil de Brunex Hair



Fonte: Brunex Hair (2022).

O perfil @brunexhair foi criado por Bruna Gonçalves²⁰, sua primeira publicação no perfil data de 19 de maio de 2020; mas, a sua história com as tranças é muito mais antiga. Bruna é uma mulher preta de 29 anos; é trancista a 17, começou a aprender a trançar aos 12 treinando no cabelo de uma prima, e aos 14, conseguiu seu primeiro trabalho trançando cabelos em um salão em sua cidade natal, Bauru, município do interior do estado de São Paulo. Sua precoce entrada no mercado de trabalho decorreu do desejo e da necessidade de ajudar sua mãe financeiramente, que sofria com a violência doméstica causada pelo pai de Bruna (GÁLICO, 2019).

Até o terceiro ano do ensino médio, Bruna trabalhou como trancista no período vespertino, e ia para escola pela manhã. Quando teve sua primeira filha, aos 18 anos, decidiu investir nas tranças como sua profissão e abrir um salão. Com uma filha pequena, Bruna precisava levar a criança para o salão enquanto trabalhava, ela conta que isso a inspirou a ajudar outras mães solteiras que não conseguiam trabalhar por não ter com quem deixar os filhos. Desse modo, começou a ensinar gratuitamente, em seu salão, outras mulheres a trançar: amigas, vizinhas e conhecidas (BRITO, 2022).

No ano de 2018, Bruna decidiu investir na oferta de seus cursos e passar a cobrar por eles. No ano seguinte, em 2019, resolveu levar o curso para o ciberespaço para atingir mais mulheres e aumentar seu ganho financeiro. Atualmente, a trancista oferta duas modalidades de cursos: o “Trancista de sucesso” e o “Trancista de sucesso Master”. Ambos os cursos são vendidos e disponibilizados através do *site Hotmart Markelace*. Segundo Bruna, 2.000 alunas e alunos já participaram de seus cursos.

No curso “Trancista de sucesso”, pelo valor de 298,50 reais ou 12x de 29,08, as

²⁰ A trancista também mantém perfis ativos nas redes sociais Facebook, Youtube e Telegram. Contudo, o Instagram será a rede social priorizada para a produção desta análise.

alunas e alunos recebem um login e senha pessoal para acessar a plataforma em que o curso está hospedado; que é composto por 19 módulos e podem ser acessados durante um ano. Alguns dos módulos são: (1) origem das tranças, (2) Conhecendo fibras, cabelos e materiais, (3) introdução à trança enraizada. O curso é destinado tanto para quem está iniciando como para quem já é trancista e busca aperfeiçoar técnicas.

Já o curso “Trancista de sucesso Master” custa 1.997,00 reais ou 12x de 194,56; e é composto por 28 módulos. No perfil @trancistadesucesso, a proposta do curso é explicada através de *stories* fixos:

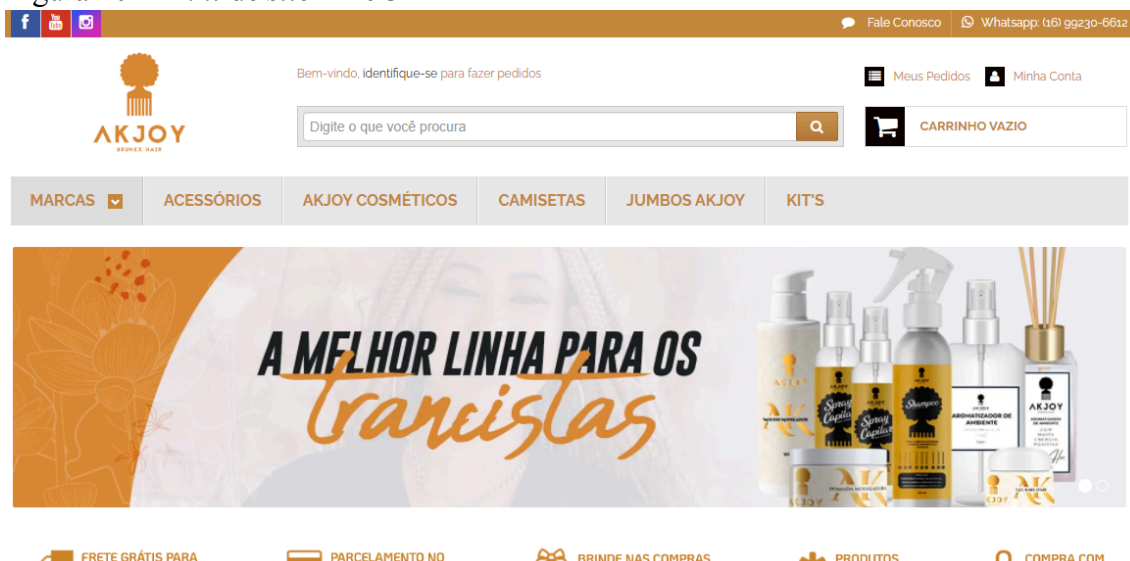
É um curso indicado para quem tem o objetivo de aprofundar ainda mais os seus conhecimentos em tranças enraizadas e tranças soltas, e sobretudo, para quem tem interesse em aprender técnicas de colocação de cabelos orgânicos e mega hair. O curso Master tem por objetivo aumentar as habilidades daqueles que já trabalham com tranças ou realizam funções próximas e pretendem se especializar em outros serviços de colocação. Se ainda não tem a habilidade de trançar, mas trabalha com cachos ou mesmo algo relacionado ao mundo da beleza, esse curso também é totalmente indicado para você! Atualmente, o mercado e também os clientes exigem uma alta demanda de profissionais como nós. Nunca é demais saber realizar outros procedimentos. Todas as aulas são desenvolvidas para que qualquer pessoa possa ter acesso a um conteúdo de qualidade, por isso, gravamos passo a passo detalhadamente para que sua experiência de aprendizado seja a mais completa possível. (GONÇALVES, 2021).

Coincidentemente, a criação dos cursos *online* ajudou a trancista a continuar seu empreendimento durante a pandemia de covid-19. O sucesso da procura por seus cursos também levou Bruna a comercializar de forma *online* cosméticos que ela mesma havia desenvolvido anos atrás, e que antes apenas vendia para suas clientes em seu salão em Ribeirão Preto.

Assim como Rafa Xavier, a trancista Bruna também lançou a sua própria marca de cosméticos voltada para fios trançados, intitulada de AkJoy (iniciais dos nomes de seus filhos). Os produtos da marca são vendidos através do *site* www.brunexhair.com.br; nele, estão disponíveis para compra produtos como *mousse* modelador, gel *baby hair*, *shampoo* limpeza profunda e jumbos diversos; além de acessórios como cabeça de treino e braceletes de suporte para pomadas²¹. Todos os produtos produzidos e comercializados por Bruna estão listados e explicados no catálogo disponível através do *site* https://issuu.com/brunexhairakjoy/docs/cat_logo_de_produtos_-_akjoy.

²¹ Para mais detalhes acerca desses produtos veja capítulo 4.

Figura 20 - Print de site AKJOY

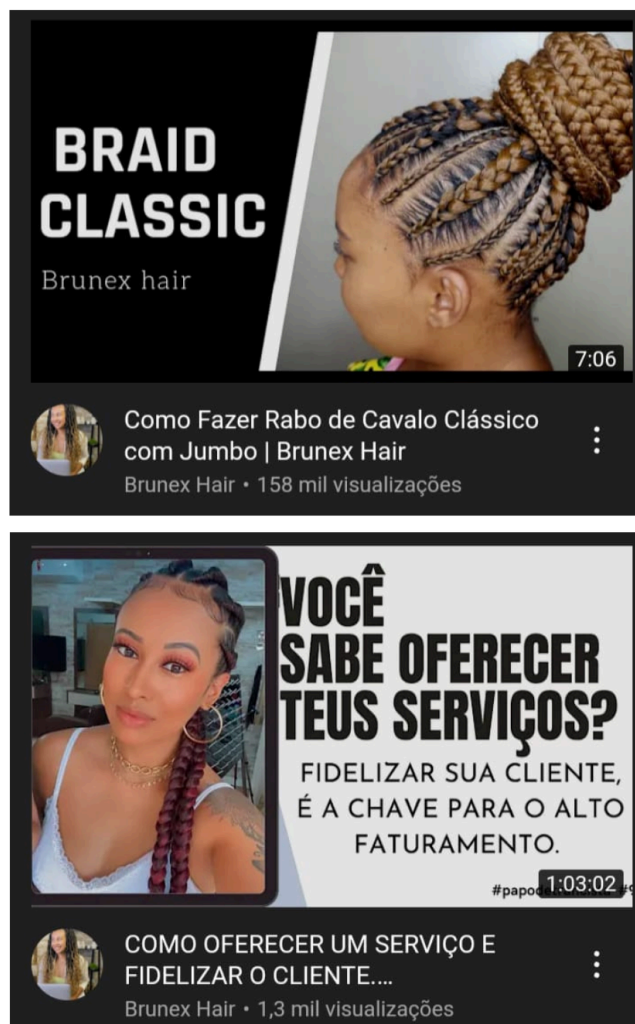


Fonte: Site AKJOY.

Além da divulgação de seu salão, da oferta dos cursos pagos e da comercialização de produtos, a atuação no *Instagram* também apresenta conteúdos formativos gratuitos sobre técnicas, identidade racial e dicas de empreendedorismo, através de *posts*, *stories* e *reels*; ainda que em bem menor quantidade se comparada as publicações de Rafa Xavier. O perfil também está repleto de relatos pessoais, fotografias suas e de seus filhos, inseridos em uma narrativa construída com base em sua identidade enquanto mulher, negra, mãe, trancista e empresária.

Em seu canal no *Youtube*, que conta com 26,7 mil inscritos, há maior disponibilidade de conteúdos formativos, com temas como: (1) Como trançar mais rápido *box braids*; (2) Como dividir as *box braids*; (3) Como fazer rabo de cavalo clássico com jumbo. Veja como esses conteúdos estão postos na plataforma de vídeos:

Figura 21 - *Print* de conteúdo de Brunex Hair em Youtube

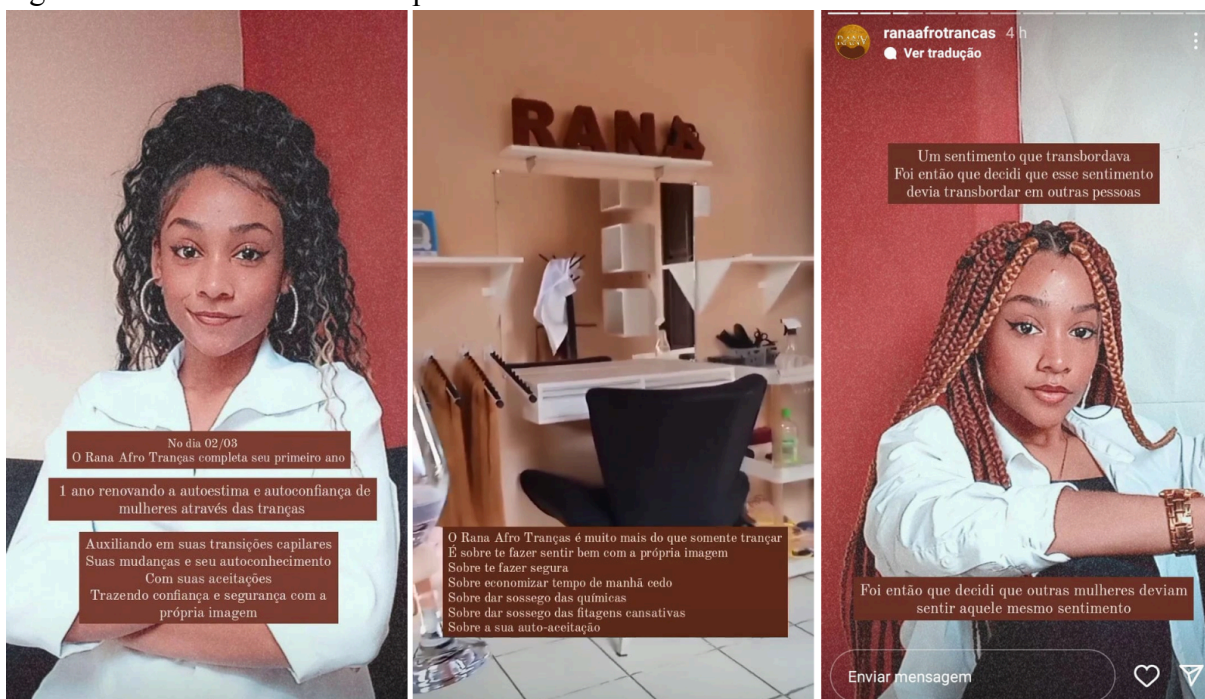


Fonte: Brunex Hair (2020); Brunex Hair (2021).

Diante do que foi exposto sobre a atuação de Bruna, vamos retornar para a experiência da interlocutora Rana – que apontou Bruna como parte importante de sua trajetória rumo a tornar-se trancista – e refletir acerca de como o ciberespaço possibilitou esta conexão e permitiu que Rana desenvolvesse seu conhecimento sobre a prática do trançar e sobre como iniciar sua carreira na profissão.

Rana, que apontou tanto Bruna como Rafa Xavier como referências de aprendizagem no ciberespaço, conta que as conheceu no ano de 2020 e não acessou nenhum dos cursos pagos ofertados pelas duas trancistas. Porém, aproveitou os conteúdos gratuitos produzidos por ambas e em 2022 tomou a iniciativa de criar seu próprio perfil no *Instagram* dedicado a apresentar e divulgar seu trabalho como trancista. Na figura a seguir, apresento *prints* de *stories* publicados por Rana em que fala sobre o começo de sua história como trancista e suas motivações:

Figura 22 - Prints de stories em perfil de Rana



Fonte: Rana Afro Tranças (2022).

Com diversas semelhanças e diferenças, foi possível analisar as atuações de Bruna Gonçalves e Rafa Xavier no ciberespaço e perceber as suas influências na vida de Denise e Rana.

3.4 O empreendedorismo em pauta

É preciso salientar que as influências das trancistas Rafa Xavier e Bruna Gonçalves sobre suas seguidoras também perpassam pelas discussões acerca do ser uma mulher negra empreendedora. Por isso, aqui, se faz necessária uma reflexão acerca do que significa o empreendedorismo posto na realidade social do Brasil, em particular, para mulheres negras pobres.

O tema do empreendedorismo é complexo e precisa ser analisado criticamente no contexto brasileiro. Segundo Santiago (2009), o discurso e apologia do empreendedorismo começaram na década de 1990 no Brasil, e sua valorização apresentou-se como uma forma de inserção no mercado de trabalho diante da retração do nível de emprego. Parte do problema projetado pelo empreendedorismo no país está no fato dele ter sido trazido a partir de um “determinismo neoliberal eivado de soluções transplantadas de dinâmicas empresariais

A partir dos dados apresentados na Figura 36, é possível afirmar que em todos os períodos registrados, as mulheres negras apresentam a maior taxa de desemprego em comparação aos outros grupos sociais da sociedade brasileira. Embora haja uma queda significativa no 2º Trimestre de 2022, a taxa de desemprego se manteve distante dos demais (FEIJÓ, 2022). É interessante ressaltar que, o período em que foi identificado um aumento no número de mulheres que se dedicam ao trabalho de trancista (a partir de 2018), coincide com o aumento da taxa de desemprego entre mulheres negras. Entre 2014 e 2017, as taxas de desemprego aumentaram, influenciadas pela recessão econômica e, embora haja um aumento do número de mulheres ocupadas entre 2018 e 2019, tal tendência foi interrompida durante a pandemia de COVID-19 (FEIJÓ, 2022).

Outra questão apontada por Janaina Feijó é o alto índice de ocupação das mulheres negras no mercado de trabalho informal. Segundo a autora, as mulheres negras apresentam um índice de informalidade acima da média nacional, 43,3% e 40,1%, respectivamente, sendo ultrapassada apenas pelos homens negros brasileiros. É nesse contexto marcado pela alta taxa de desemprego e informalidade que o empreendedorismo se torna uma possibilidade para as mulheres negras brasileiras, agravando situações prévias dessa população como apontado por Luane Bento dos Santos: “O empreendedorismo é um fenômeno do contexto atual e que deixa centenas de trabalhadoras(es) sem direitos mínimos e em condições de trabalho precário” (DOS SANTOS, 2022).

Segundo Feijó (2022), os obstáculos enfrentados pelas mulheres negras brasileiras no mercado de trabalho estão intimamente ligados a questões histórico-culturais. No contexto brasileiro, a inserção da mulher negra no mercado de trabalho se deu, inicialmente, através da escravidão. Enquanto escravizadas, as mulheres negras atuavam em todas as esferas produtivas e reprodutivas: nas lavouras, mineração, trabalho doméstico, comércio etc. (GONZALEZ, 2020). Lélia Gonzalez afirma que, com a Abolição e a consolidação do sistema capitalista, a população negra formou uma *massa marginal*, excluída do mercado de trabalho hegemônico, recorrendo às ocupações “refúgio”, no setor de prestação de serviços pessoais.

Excluída da participação no processo de desenvolvimento (desigual e combinado, não esqueçamos), ficou relegada à condição de massa marginal crescente: desemprego aberto ou não, ocupação “refúgio” em serviços puros, trabalho ocasional, ocupação intermitente, trabalho por temporada etc. Ora, tudo isso implica baixíssimas condições de vida em termos de habitação, saúde, educação etc. (GONZALEZ, 2020, p. 58).

Gonzalez afirma que a exclusão das mulheres negras do mercado de trabalho

hegemônico tem raízes na escravidão, especialmente no trabalho desempenhado pelas mucamas nas casas grandes. O exercício do trabalho doméstico e sexual no interior das casas da elite econômica teria sido vinculado aos estereótipos da Mulata, Doméstica e Mãe Preta²³, representações que associam às mulheres negras à sensualidade, trabalho braçal e submissão. Tais representações naturalizam o “lugar” da mulher negra nos serviços de baixa remuneração e proteção social.

Em consonância com as análises de Lélia Gonzalez sobre o lugar das mulheres negras no mercado de trabalho, Denise Fonseca relata que as experiências de discriminação e exclusão do mercado de trabalho formal foram elementos importantes para buscar cursos de aperfeiçoamento e iniciarem na profissão de trançistas. A busca por autonomia financeira aparece em diversas falas das interlocutoras. Outra questão importante é a autonomia e flexibilidade de horários. Essencial quando pensamos em mulheres negras que são, geralmente, responsáveis não apenas pelo sustento da casa, mas também pelo trabalho doméstico e de cuidado em seus lares (GONZALEZ, 2020).

Portanto, embora o empreendedorismo seja um fenômeno contemporâneo, ele se relaciona diretamente com a experiência histórica da população negra brasileira desde, pelo menos, a Abolição da Escravatura. Segundo Luane Bento dos Santos:

É fato que o empreendedorismo surge num contexto de políticas de retiradas de direitos trabalhistas, precarização da mão-de-obra, diminuição dos postos de serviços, fragmentação da classe trabalhadora (celetistas e contratados), dentre outras problemáticas. Contudo, como argumenta Lindrielli Lemos (2019), a população negra exerce há muito tempo atividades empreendedoras porque sempre ocupou trabalhos precários e informais. Para Lemos (2019, p. 875), “nesse contexto, o afroempreendedorismo não é um caminho novo, ao contrário, é algo realizado constantemente pela população negra” (p. 222).

As ideias e experiências empreendedoras estão presentes nos discursos e na rotina das trançistas. Seus perfis no Instagram apresentam os horários disponíveis, são espaços de marketing digital, divulgação de serviços e produtos comercializados, ferramentas de comunicação com as clientes etc. O *ciberespaço* permite, também, o acesso a cursos e mentorias de aperfeiçoamento profissional. O curso "Programa viver de tranças" de Rafa

²³ Ao analisar as representações sociais acerca das mulheres negras no imaginário brasileiro, Lélia Gonzalez as divide entre a Doméstica, a Mulata e a Mãe Preta. Todas têm sua origem no trabalho das mulheres negras escravizadas no interior das casas grandes. A Doméstica e a Mulata seriam as duas faces da mucama, responsável pela prestação de serviços domésticos e sexuais no período colonial. Essas imagens naturalizam a exploração de seu corpo, tanto para o trabalho braçal e mal remunerado, como para a mercantilização de sua sexualidade. Já a Mãe-Preta se refere à ama, responsável pelo cuidado, educação e socialização das crianças brasileiras. À Mãe-Preta cabe um papel duplo: por um lado ela é representada como um ser sem agência, família ou sensualidade, completamente dedicada ao cuidado das famílias brancas, por outro, ela exerce uma função de resistência, uma vez que, ao cumprir o papel de mãe, ela garantiu a transmissão dos valores e cultura africanos na sociedade brasileira (GONZALEZ, 2020).

Xavier, por exemplo, alia a técnica de trançar com noções de gestão de negócios e organização financeira. Nesse sentido, Luane Bento dos Santos (2022) afirma que

para ser trancista é preciso saber bem a técnica de entrelaçar os fios, ter noções de gestão, saber manusear as redes sociais com todo marketing digital possível, entender que o trabalho das trancista é um negócio como outro qualquer (GIACOMINI, 2021) e, fundamentalmente, compreender que neste ofício não basta saber trançar, é preciso estar disposta(o) a aprender outras aptidões e conhecimentos. (p. 225).

Embora o resgate e a afirmação da estética e valores afro-brasileiros apareça como uma forte motivação para que as interlocutoras optem pela profissão de trancista, as demandas econômicas têm um papel importante. Para a maioria das mulheres desta pesquisa, o trabalho como trancista é a principal fonte de renda - apenas Kessia apontou outra atividade econômica. A opção por empreender na área, associada ao desemprego, experiências de discriminação no mercado de trabalho e o papel como chefes de família, aparece também, em outras pesquisas sobre mulheres negras trancistas, como é o caso da tese de doutorado de Luane Bento dos Santos (2022).

O fenômeno do empreendedorismo está, portanto, relacionado à exclusão e marginalização da população negra, especialmente das mulheres negras, do mercado de trabalho formal desde o pós-abolição. Fazendo, assim, parte da história e da tradição negra brasileira. Tais condições revelam a condição precária das mulheres negras enquanto trabalhadoras, mas também sua capacidade e criatividade em criar estratégias de sobrevivência para si e sua comunidade num contexto atravessado pelo racismo e o sexismo.

4 TRANSIÇÃO CAPILAR, CIBERESPAÇO E TRANCISTAS

4.1 Como o fenômeno da transição capilar contribuiu para o aumento e valorização da profissão de trancista

Neste capítulo são evidenciadas as trajetórias de trancistas que experienciaram processos de transição capilar; que é o termo utilizado para se referir ao período em que uma pessoa deixa de fazer o uso contínuo de alisantes para modificar a textura dos fios naturais de seus cabelos²⁴.

A discussão deste capítulo foi pensada a partir da percepção da correlação, na trajetória de minhas interlocutoras, entre: a experiência de ter passado por transições capilares e o começo da história de algumas mulheres com as tranças – bem como com as experiências de saber-se negra. Pois, para algumas de minhas interlocutoras, o período em que lidaram com a transição capilar foi o momento em que conheceram ou se (re)aproximaram dos penteados trançados afros. A experiência da transição capilar se constituiu, nesses casos, como catalizadora ou parte do processo de tornarem-se trancistas profissionais.

Ao acompanhar os perfis das trancistas na rede social *Instagram*, identifiquei a constante presença da temática da transição capilar nos conteúdos elaborados e compartilhados por elas em suas redes. O tema é explorado em diferentes formatos e de diversas perspectivas; pode ser encontrado em *posts*, *storys* e *reels* publicados pelas trancistas com o intuito de dar dicas e orientações para ajudar suas clientes a passar pelo processo. Como no *post* a seguir publicado por Priscila em seu perfil [@blackworktrancismo_](#); que chama atenção para sua própria experiência e a usa como forma de incentivar e encorajar suas(seus) clientes a passarem pelo processo:

²⁴ O termo será explicado ao longo do capítulo.

Figura 23 - Post de perfil @blackworktrancismo_



Fonte: *Black Work Trancismo* (2021).

Além dos conteúdos de dicas e orientações, o que mais despertou-me atenção acerca da temática da transição capilar nesses perfis, foram os relatos pessoais das próprias trancistas. Veja o *stories* publicado pela trancista Késsia em seu perfil @abebe.trancas:

Figura 24 - *Stories* de perfil @abebe.trancas

Fonte: Abebé Tranças (2022b).

A recorrência do tema durante o trabalho de campo se tornou algo incontestável. O teor pessoal, afetivo e político dos conteúdos publicados relacionados ao tema chamou-me atenção e tornou-se parte intrínseca a este estudo. Diante desta percepção, incluí a seguinte pergunta no questionário de mapeamento para verificação do achado de campo: “Você já passou por alguma transição capilar?”. O resultado confirma a presença da temática na vida da maioria das trancistas, 48 (78,7%) delas responderam que sim e 13 (21,3%) que não.

4.2 O que é transição capilar?

O termo Transição Capilar se popularizou entre os anos de 2012 e 2013 e desde então as discussões envoltas no tema cresceram e se desenvolveram. O termo é usado para designar o período em que alguém abandona a prática de alisamento dos cabelos por

processos químicos e passa a deixar os fios naturais crescerem sem que sejam alisados. Durante esse período o cabelo apresenta texturas diferentes, esse aspecto é descrito como indesejado e desagradável por quem vive a transição. A aparência das texturas distintas é vista como feia e desleixada, essas percepções e julgamentos afetam a autoestima de quem passa pelo processo, e faz com que muitas vezes desistam e voltem a alisar (GOMES, 2017). O processo, com características rituais e progressivas, é definido por Larisse Gomes (2014) nos seguintes termos:

A transição capilar é um processo assim denominado por pessoas que decidem parar de fazer determinados procedimentos químicos, tais como: relaxamentos, alisamentos e/ou escovas “inteligentes” com o objetivo de modificar o formato do fio de seu cabelo. Como a própria expressão indica, é um processo de transição, de mudança e que como a maioria das mudanças implica em transformações, adaptação e a saída de um lugar-comum para outro diferenciado. Diante disso, a aceitação é um elemento que se constitui ao longo do processo e após a decisão de passar pelo o Big Chop (Big chop = grande corte.), termo muito usado entre os grupos e que faz referência a decisão de fazer um corte radical, para tirar toda a parte alisada do cabelo e deixar apenas a parte que cresceu de forma “natural”. Tal etapa no processo revelam conflitos intrafamiliares, o desengavetamento do racismo, de uma estigmatização fenotípica e de uma possível “descoberta” de uma identidade. (GOMES, 2014, p. 2-3).

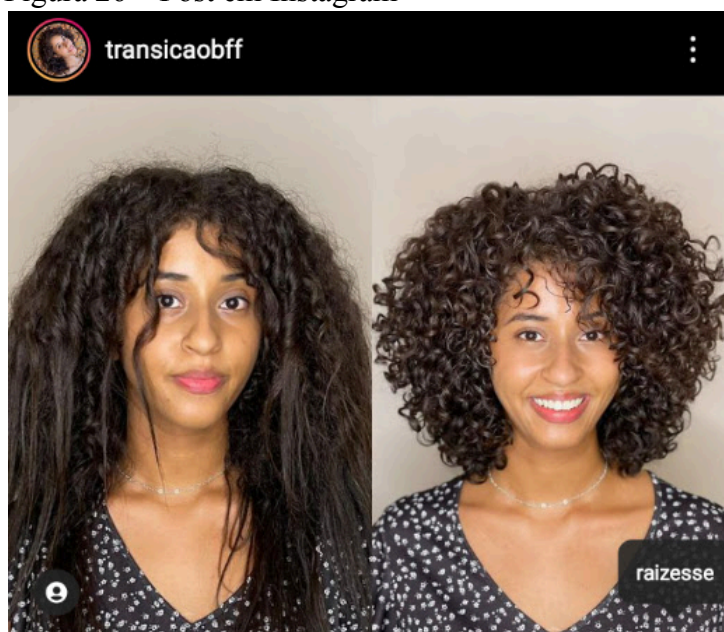
Para ilustrar, a seguir, apresento imagens publicadas na página @transicaobff; nesta conta foram compartilhadas fotos de diferentes momentos de um cabelo em transição capilar:

Figura 25- Post em Instagram



Fonte: Transição bff (2021).

Figura 26 – Post em Instagram



Fonte: Transição bff (2021).

A depender do momento em que o corte total dos fios alisados é feito, a transição pode durar de meses a anos. O tempo de transição dependerá de qual comprimento de cabelo se deseja manter. Algumas mulheres fazem o que é chamado de “*big chop*”, que se refere ao corte da parte do cabelo alisado enquanto o cabelo natural ainda tem poucos centímetros de

crescimento. Entretanto, muitas mulheres não se sentem confortáveis com cabelos curtos e por isso passam por longos processos. Enquanto isso, recorrem a outros meios de alisamento temporário para os novos fios cacheados/crespos que vão crescendo, como o uso de escovas e chapinhas. O ponto negativo é que a alta temperatura necessária nessas técnicas causam o desgaste e adoecimento dos fios ao longo do tempo.

É neste contexto que os penteados trançados afro-brasileiros surgem como uma opção para lidar com as texturas diferentes no cabelo. Os diversos modelos de penteados trançados são capazes de esconder esse aspecto indesejado, além de também manter os fios protegidos e saudáveis. Além disso, para quem decide fazer o “*big chop*”, mas não se sente confortável sem os cabelos longos, as tranças com adição de material sintético são uma possibilidade para manter o comprimento enquanto os fios naturais crescem.

As plataformas de redes virtuais se mostraram importantes para as mulheres durante a transição, pois através do ciberespaço elas puderam acessar e trocar informações, dicas e produtos, além disso, discussões afetivas e políticas foram a floradas e movimentadas. Esse movimento não se formou como exclusivo de mulheres negras, mas de todas que possuíam cabelos cacheados e crespos alisados quimicamente e que desejavam voltar a usar seus fios naturais. Desse modo, essas mobilizações acionam narrativas de aceitação e empoderamento feminino, sem que haja necessariamente teor crítico-reflexivo acerca do racismo.

Apesar disso, as narrativas das trancistas analisadas a seguir estão permeadas por processos de *tornar-se negra/saber-se negra* vivenciados durante e/ou a partir da transição capilar. Diversas são as motivações de mulheres que passam pela transição, mas nas narrativas apresentadas reflete-se sobre o desejo de alisar os cabelos, relacionando com o ensejo de desprender-se de características negras que foram historicamente desvalorizadas e estereotipadas através do racismo e desse modo, aproximar-se da estética branca hegemônica. Assim como relaciona-se o desejo de voltar a usar os cabelos crespos com a aceitação e ressignificação dessas características. As experiências narradas neste tópico são as de Lara, Madja, Rayane e Késsia.

O primeiro relato sobre transição capilar que tive contato foi o de Lara, quando ainda não havia conversado com nenhuma trancista e apenas acompanhava as suas redes sociais. Lara compartilhou sua experiência através de sua página profissional no *Instagram*, @irumbraids. O conteúdo é composto por textos curtos e fotografias suas com seus cabelos no início e fim da transição capilar. Veja a seguir a transcrição do texto e as imagens:

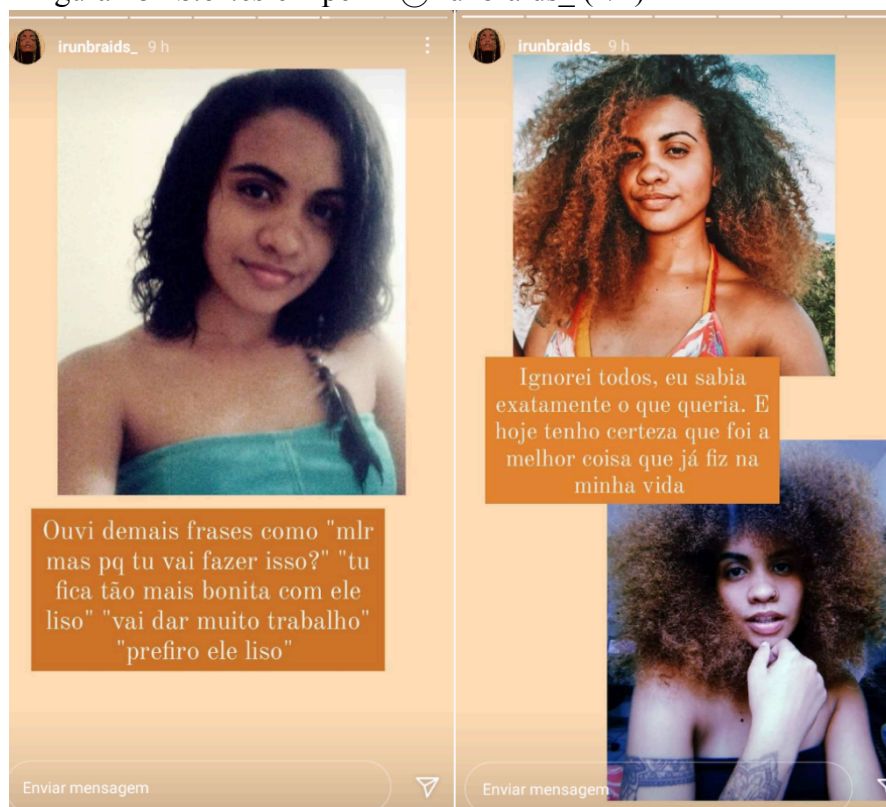
Por volta dos meus 16/17 anos resolvi fazer a transição, foi muito difícil, a fase que eu mais tive minha autoestima baixa, mas mesmo assim não desisti, até que um dia preferi fazer logo meu *big chop*, sozinha em casa cortei meu cabelo bem curtinho. Ouvi demais frases como "mulher mas pq tu vai fazer isso?", "tu fica tão mais bonita com ele liso", "vai dar muito trabalho", "prefiro ele liso". Ignorei todos, eu sabia exatamente o que queria. E hoje tenho certeza que foi a melhor coisa que já fiz na vida (IRUN BRAIDS, 2021).

Figura 27 - *Stories* em perfil @irunbraids_ (1/2)



Fonte: Irun Braids (2021).

Figura 28 - *Stories* em perfil @irunbraids_ (2/2)



Fonte: Irun Braids (2021).

Pode-se identificar no relato de Lara a pressão social que sofreu ao iniciar seu processo de transição. Ela apresenta frases literais do que ouviu e reflete sobre o fato de precisar ignorá-las para conseguir terminar o processo. Assim como em outros relatos que serão apresentados a seguir, a trançista afirma que passar pela transição capilar foi “muito difícil” e afetou sua autoestima, isso se dá justamente pela opinião pública direcionada a negar sua aparência. De acordo com Gomes (2019)

A questão não é com o cabelo em si, mas com os significados que historicamente lhe foram atribuídos no contexto do racismo. O cabelo crespo figura como um importante símbolo da presença africana e negra na ancestralidade e na genealogia de quem o possui. Mesmo que a cor da pele seja mais clara ou mesma branca, a textura crespa do cabelo, em um país miscigenado e racista, é sempre vista como um estigma negativo da mistura racial, e, por conseguinte, é colocado em um lugar de inferioridade dentro das escalas corpóreas e estéticas construídas pelo racismo ambíguo brasileiro. Mesmo que a textura crespa do cabelo não seja exclusiva dos povos africanos, o racismo lhe impõe um reducionismo perverso, e a sociedade brasileira aprendeu a olhá-la como sinal não só de mistura, mas a parte considerada socialmente e “biologicamente” inferior da mestiçagem. (GOMES, 2019, [2006], p.18).

Lara reconhece tal racismo em sua experiência, assim como reconhece o valor de ter superado a pressão estética que lhe foi imposta. Ao compartilhar essa experiência com suas clientes/seguidoras a trançista provoca uma reflexão que tem potencial de transformar

suas visões de si. Outro texto compartilhado por Lara deixa explícita sua pretensão em dialogar com seu público de forma a conscientizar ou potencializar reflexões antirracistas a partir de suas próprias experiências:

Quantos anos sofridos estirando nosso volumão né? Só quem passou uma vida lutando contra o cabelo, passando toneladas de creme pra poder prender naquele rabo de cavalo que deixava nossa cara toda repuxada, chapinhas, escovas, horas com o olho ardendo cheirando aqueles produtos. Tudo para quê? Pra tentar se incluir nos padrões, sermos vistos como belo, sermos desejados ou simplesmente conseguir aquela vaga de emprego. Só quem passou por isso sabe a libertação que é poder soltar nosso cabelo e mandar um f0#@-\$3 para quem diz não gostar, pra quem fala que nos prefere de cabelo liso e diversas outras atrocidades racistas que temos que ouvir diariamente. Nosso black é grito de liberdade, é luta, é ancestralidade... Bora jogar esse cabelo pro alto e mostrar todo nosso poder. (ANDRADE, 2021).

A presença dessas discussões elaboradas pelas interlocutoras no contexto do ciberespaço é um relevante dado observado durante essa pesquisa. A atuação de grande parte das trançistas em suas páginas comerciais no *Instagram* está para além de seu uso enquanto mecanismo de divulgação e logística, elas também são emissoras de discursos, ideias e ativismo político. Estudos realizados em salões de beleza especializados na estética afro já apontaram a presença dessas discussões entre clientes e cabeleireiras. De acordo com Gomes (2019, [2006])

O discurso sobre a construção da beleza negra nos salões nos ajuda a compreender que, na vida social, vários temas culturais e sociais se entrelaçam para gerar a sensibilidade. Ao fazer um penteado, as cabelereiras e os cabelereiros jogam com diferentes aspectos dessa sensibilidade: falam sobre a sua história de vida, escutam experiências, dúvidas e frustrações dos sujeitos, colocam o/a cliente em contato com referências simbólicas africanas, americanas e afro-brasileiras e, quando necessário, falam de seu posicionamento perante o racismo, suscitando longas conversas (GOMES, 2019,[2006], p. 306).

A autora chama ainda considera que:

Durante a realização do trabalho de campo e das entrevistas pude notar como a frequência ao salão étnico e o contato com o discurso, as práticas e experiências que exaltam a beleza do negro possibilitam aos sujeitos uma afirmação do “eu”, uma autopercepção como um ser distinto no mundo, um sujeito mais reflexivo. A introdução do espaço do salão na rotina desses sujeitos coloca-os ante as questões da beleza do negro vividas na família e na infância e os leva a um posicionamento, no qual estão presentes dúvidas e contradições, diante dessa situação. (GOMES, 2019 [2006], p. 307).

Como Gomes (2019, [2006]), que encontrou – em seu trabalho de campo realizado em salões de beleza especializados localizados em Belo Horizonte (MG) – um fluxo comunicacional de ideias que exaltam a beleza do negro e fabricam outras percepções possíveis de si, encontrei em meu próprio estudo de campo – em páginas no *Instagram* situadas no ciberespaço – narrativas que se assemelham em intenção e criticidade. É neste

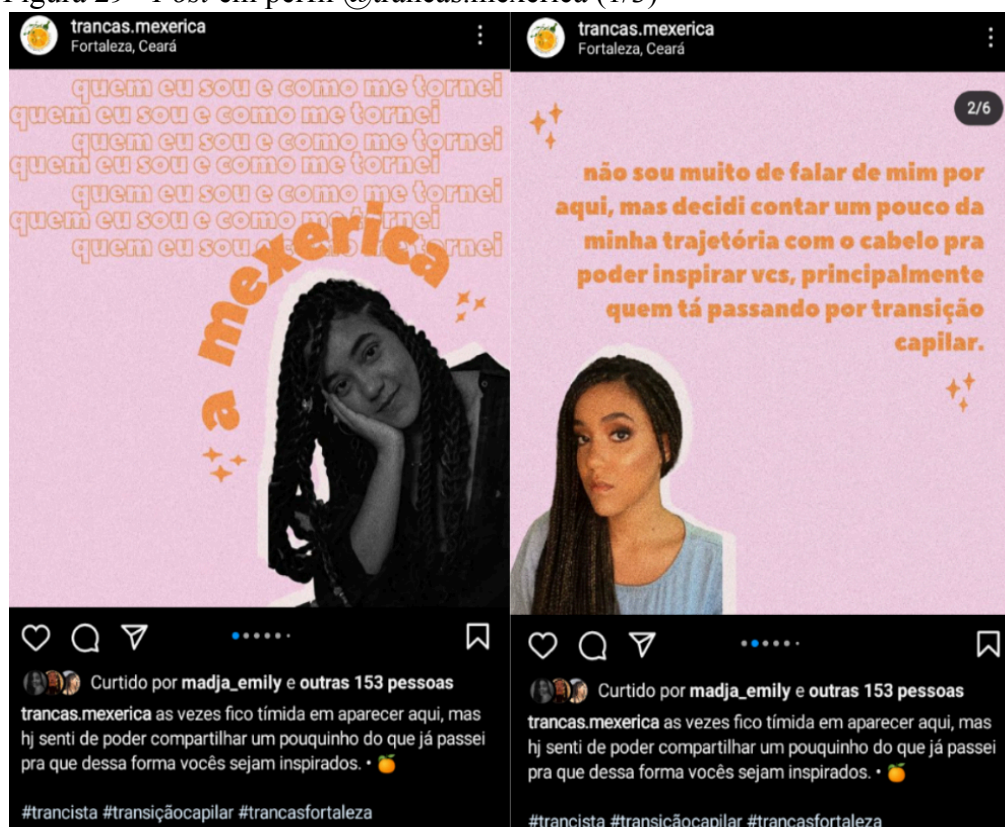
sentido, que o conteúdo elaborado e compartilhado pelas trançistas sobre transição capilar é analisado: tanto como experiência em comum vivenciada por elas que se correlaciona com a profissão de trançista; quanto como fonte de discussões articuladas com questões sociais (gênero, raça e classe) que tensionam reflexões críticas direcionadas para suas clientes/seguidoras.

Assim como o conteúdo compartilhado por Lara, identifico na página da trançista Madja um relato sobre transição capilar que apresenta-se com a intenção de “inspirar” as clientes/seguidoras:

Decidi contar um pouco da minha trajetória com o cabelo pra poder inspirar vocês, principalmente quem tá passando por transição capilar. Alisei meu cabelo pela primeira vez com 9 anos de idade, pois sofria racismo na escola por conta do cabelo cacheado. Meu sonho se tornou alisar meu cabelo e assim foi feito. Passei 11 anos da minha vida alisando e me sentindo bem com a tentativa de me encaixar a padrões, mas aos 20 anos a química já não tinha durabilidade nos fios e assim decidi passar pela transição capilar. Na época em Fortaleza - CE, as possibilidades para se passar pela transição eram poucas. As poucas trançistas que existiam tinham um valor que hoje é considerado fora do alcance, então para poder passar pela transição sem ter o cabelo em duas texturas aprendi a fazer em mim. A partir daí muitas amigas começaram a pedir para eu fazer as tranças nelas, e elas foram minhas primeiras divulgadoras. Em 2018 criei um insta focado em makes (sim KKK comecei com makes) porém o mercado de tranças foi crescendo e dessa forma os clientes procuravam mais o serviço de trança do que de makes. Paralelo a isso eu curso psicologia, e unindo meu conhecimento, estudo da mente humana, ancestralidade, saúde mental do povo preto, minha história com os cabelos, tudo isso resultou no mexerica. Uma forma de unir tudo isso e transformar minhas feridas em esperança na autoestima de muita gente. Assim, passei a não fazer apenas por financeiro, mas por acreditar na possibilidade de proporcionar a outras pessoas o que um dia foi proporcionado para mim. Errei, acertei, aprendi e aprendo a cada dia, as vezes não é fácil, principalmente durante a transição, mas o resultado e identificação com sua identidade e ancestralidade faz total diferença na vida. (Entrevista com Madja Emily Lima, 2021).

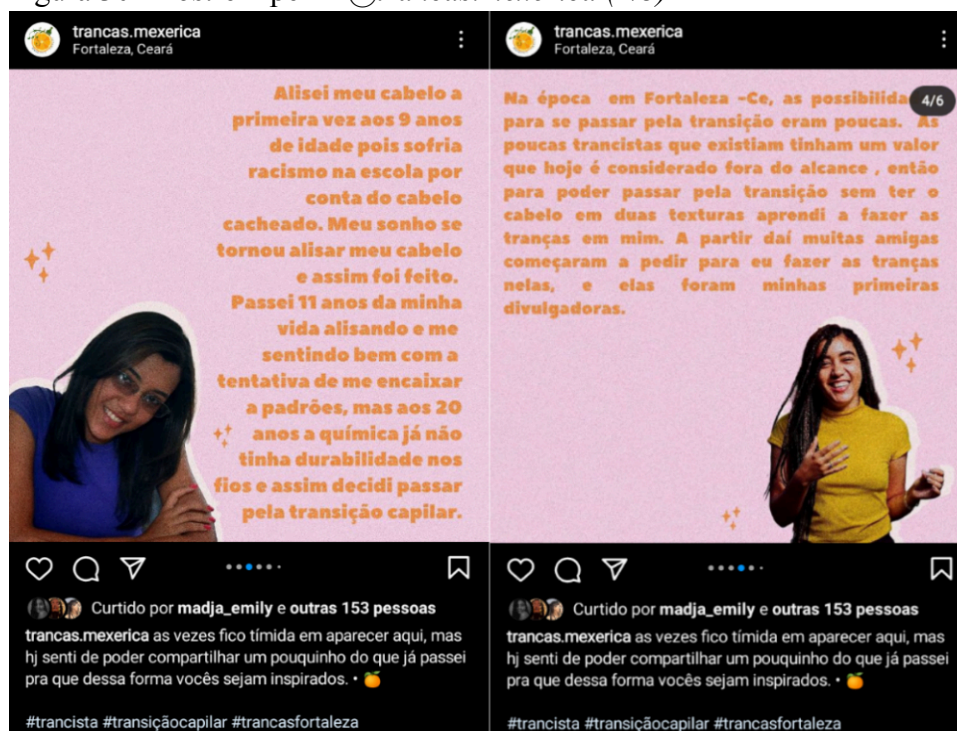
O relato foi compartilhado em sua conta comercial @trancas.mexerica através de um conteúdo imagético, composto pelo texto acima e fotografias de Madja à época de sua transição em diferentes fases. São seis imagens e em cada uma há uma foto, em três delas ela usa o penteado *box braids* e em outra o *twist*. Há também uma foto de Madja com os cabelos alisados e outra com os cabelos com os fios naturais – cacheados e curtos, após fazer o corte da última parte alisada. A frase “quem eu sou e como me tornei quem eu sou” se destaca no conteúdo.

Figura 29 - Post em perfil @trancas.mexerica (1/3)



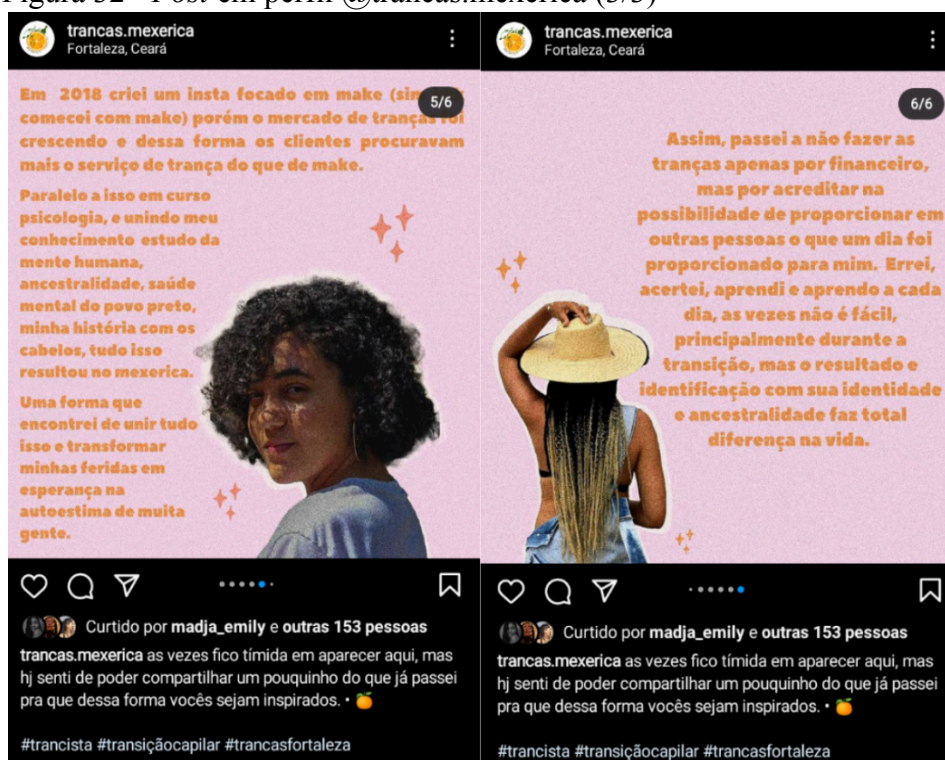
Fonte: Madja Emily Lima (2021).

Figura 30 - Post em perfil @trancas.mexerica (2/3)



Fonte: Madja Emily Lima (2021).

Figura 32 - Post em perfil @trancas.mexerica (3/3)



Fonte: Madja Emily Lima (2021).

Ao identificar a recorrência em que o assunto da transição capilar é abordado pelas trancistas, passo, a partir do relato de Madja, a observar as conexões que são evidenciadas em suas narrativas entre transição capilar e o início de suas carreiras como trancistas. Veja a seguir como um relato da trancista Rayane encontra interseções com as experiências de Madja. No perfil @fazendoasuacabeça, Rayane publicou uma curta produção audiovisual, com cerca de dois minutos de duração, compartilhando relatos de sua história e da criação de sua marca. Ela conta:

O Fazendo a sua cabeça surgiu em 2016 a partir de um processo meu de transição capilar. Eu estava passando pela minha segunda transição capilar, isso foi mais ou menos em 2015 para 2016. Naquela época ainda não se falava em transição capilar, não tinha esse nome, mas eu estava passando e foi um processo de descoberta do meu cabelo e juntamente com esse processo de descoberta também teve o processo de descoberta da minha negritude. Foi onde eu comecei a me reconhecer como mulher negra. E toda a conexão com meu cabelo e toda aquela transição que transcendia a capilar, o Fazendo a sua cabeça nasceu. A partir também dessa necessidade de autonomia, né? Porque, eu uma menina pobre não tinha dinheiro para estar indo fazer tranças. E eu já tinha usado tranças durante muito tempo, antes da transição capilar. Mas era uma coisa que eu gostava e que eu vi que sabia fazer. E eu comecei a trançar minha cabeça e aí uma amiga pediu pra eu trançar a cabeça dela, que aí o amigo dela gostou, que falou pra outro amigo que estava procurando e assim foi aparecendo clientes, amigos, posteriormente, clientes que viraram amigos. (VIEIRA, 2021, informação verbal).

Antes de conhecer sua história já havia despertado minha atenção para um

desenho que enfeitava uma das paredes do salão de Rayane, que visualizei através de fotos compartilhadas no *Instagram*. Nele, havia a imagem de uma mulher cortando com uma faca o que parece ser a parte lisa de seus cabelos. A seguir a fotografia da parede:

Figura 32 - *Stories* em perfil
@fazendoasuacabeça



Fonte: Fazendo a sua cabeça (2021c).

Nas duas experiências acima, de Madja e Rayane, as tranças surgiram em suas vidas como uma forma de lidar com seus cabelos durante o período da transição capilar. Ambas aprenderam a trançar durante esse processo pois não possuíam condições financeiras de pagar um/uma trançista profissional na época. E posteriormente, ambas foram encorajadas por pessoas de seu convívio a trançar profissionalmente. Há também uma reflexão crescente sobre os processos da sociabilidade entre mulheres no ato de trançar. O processo de aceitação do cabelo natural, o compartilhamento das experiências da transição, e dos rituais sociais de trançar-se a si e às outras é parte de uma socialização afro diaspórica que se mantém nas terras brasileiras e que é comum à experiência de mulheres negras que extra as fronteiras

geográficas, do mundo material e virtual. Conforme nos informa Da Costa Cruz, et al (2021):

Em Maputo, capital de Moçambique, é possível presenciar o cotidiano de mulheres, sobretudo de classe média, e seus rituais de cuidados com os cabelos. Geralmente instaladas na parte de fora da casa ou no quintal, o momento de cuidar do cabelo é partilhado com as mulheres da família ouvindo música, vendo videoclipes e conversando ou bebendo sua bebida preferida. Dentre as conversas, estão presentes debates sobre o cuidado com a família e os filhos e as relações com os maridos. Esse momento é vivenciado a partir de variadas trocas: de afetos, do toque e da suspensão do tempo. O toque é algo compartilhado entre mulheres. Uma se acomoda entre as pernas da outra e sente o afago em suas cabeças. O tempo dedicado à beleza, suspende o tempo da dedicação ao trabalho. (DA COSTA CRUZ; GOMES; DOS SANTOS, 2021, p. 20).

Assim, compreendo, a partir desses relatos biográficos, que o uso de penteados trançados é uma possibilidade positiva para as mulheres que passam pelo processo de transição, pois, como dito, as tranças ajudam a lidar com as texturas capilares, sociais e emocionais coexistentes durante o processo, característica que causa incômodo e sentimentos de vergonha a essas mulheres. Nesse contexto, ao mesmo tempo em que estão redescobrando seus cabelos naturais cacheados e crespos, também conhecem os penteados trançados afro-brasileiros e novas formas de diálogo entre si.

Junto ao processo de deixar o alisamento, passar a usar tranças faz com que as interlocutoras também se aproximem de reflexões acerca de suas próprias identidades, pois seus cabelos passam a remeter uma estética negra e se distanciam da imagem que buscavam antes do alisamento – a estética branca e hegemônica. Na narrativa de Rayane fica nítida a elaboração entre passar pela transição capilar, usar seu cabelo crespo e fazer penteados trançados com seu processo de *saber-se negra*. Madja também faz esta relação ao concluir seu texto afirmando que o resultado (da transição capilar e do uso das tranças) resulta na “identificação com sua identidade e ancestralidade” o que faz com o processo faça “total diferença na vida”.

A fala de Madja e Rayane sobre não conseguirem pagar uma trancista profissional com a frequência que gostariam também se repete na experiência de Késsia. Em nenhum dos depoimentos elas especificam quanto custava as tranças na época em que fizeram a transição, mas em 2022, os valores cobrados pelas trancistas nas *box braids* variavam em média de R\$200,00 à R\$400,00; esse modelo é um dos mais populares e mais caros, exige em média de 6 a 10 horas para ser feito por uma/um trancista.

Veja o relato publicado no perfil @abebe.trancas no dia 12 de agosto de 2021 por Késsia:

Eu comecei a trançar outras pessoas em 2020, no final do ano passado, mas a minha experiência própria com as tranças ela começa em 2017, quando eu fiz minha primeira *box braids* com uma trançista maravilhosa aqui de Fortaleza. Eu amei muito, mas as condições financeiras não permitiram que eu fizesse de novo. Eu amei muito as tranças por que cuidar do cabelo natural pra mim nunca foi muito fácil, eu tinha passado pela transição capilar, que é quando você para de fazer química no cabelo e deixa seu cabelo natural crescer. Tinha passado pela transição capilar em 2013, eu ainda estava no ensino médio e pra mim foi um processo muito doloroso, porque eu passei a transição inteira sem ter a mínima noção do que fazer com meu cabelo e então eu fazia chapinha toda semana e isso estragou muito meu cabelo. E aí a praticidade das tranças fez eu amar aquilo, mas eu não tinha condições financeiras de fazer de novo, então aí eu comecei a me trançar sozinha, com linha de crochê que é um material não adequado. Hoje eu não trabalho com linha de crochê, mas eu comecei a fazer com linha de crochê e lógico que não era aquela coisa muito legal as primeiras vezes que estava fazendo. Até que chegou o momento que finalmente em 2020 eu pensei por que não trançar profissionalmente? E aí em 2020 eu comecei no meio da pandemia a busca por cursos, porque a minha técnica não era muito legal, camuflagem não era muito legal, tinha dificuldade de dá nó na trança. Trança nagô sempre foi algo que... muito difícil. Inclusive, acredito que o maior motivo de eu ter ido fazer um curso. Não só por isso, mas também por querer entregar algo melhor. [...] Depois de muita pesquisa eu decidi ir fazer um curso no Rio de Janeiro e fui para o RJ em dezembro do ano passado, que foi quando eu fiz alguns trabalhos, iniciei esses trabalhos com as tranças. Aí fui de ID jovem, sozinha, meti as cara mesmo e fui aprender essas técnicas que eu não sabia. (KESSIA, 2021, informação verbal).

Késsia teve contato com os penteados trançados apenas após sua transição capilar, mas por não saber cuidar de seus cabelos crespos, as tranças surgiram como uma forma positiva de lidar com eles. O alisamento e as tranças apresentam-se na experiência de Késsia como diferentes formas de lidar com seu cabelo crespo. Porém, ao contrário do alisamento, as tranças não alteram em definitivo os fios naturais apagando uma característica negra de sua identidade, ao contrário, as tranças fazem com que ela se aproxime de uma estética negra.

Em conversa comigo, Késsia fala sobre sua história de alisamento e transição:

Então, eu comecei a alisar o cabelo eu tinha mais ou menos uns onze ou doze anos. Eu estava acho que no sétimo ano do ensino fundamental. Eu relatava pra minha mãe que eu sofria muita discriminação por causa do cabelo, meu cabelo sempre foi muito volumoso. Então os colegas de classe sempre falavam muito mal do meu cabelo, chegava em casa chorando e eu lembro que uma vez eu cheguei em casa e minha mãe tinha comprado o alisante pra passar em mim. Então foi em casa mesmo, minha mãe, meu irmão e aí a gente passou. Quando a gente melhorou financeiramente passei a alisar no salão, progressiva e tudo mais. E aí eu lembro que eu fiquei até o segundo ano do ensino médio alisando o cabelo. Só que isso me incomodava muito. Eu decidi parar de alisar uma vez que a minha raiz estava começando a crescer e meus pais não tinham muito dinheiro pra ficar pagando alisamento, mas o maior motivo foi que tipo eu estava num domingo à noite super cansada eu me olhei no espelho e eu tinha que me submeter a fazer chapinha todo fim de semana pra ir pra escola e quando eu não fazia virava piada, então eu fazia chapinha todo dia e nesse dia eu olhei pra mim e eu disse que eu não queria mais aquilo. Eu não queria mais sentir dor. Me incomodava muito, a queimação no couro cabeludo, caspa... Eu sempre tive muita caspa então me incomodava muito que eu passava muito tempo sem lavar o cabelo pra não sair a chapinha. E mesmo assim passava muito tempo com o cabelo preso. Uma das pessoas que me ajudou muito nesse processo foi a Raiza de Cássia, que é YouTuber ainda, eu acho. É das antigas,

acho que isso foi em dois mil e treze. Aí eu parei, cortei meu cabelo bem curto, acho que meu cabelo era tipo na cintura e eu cortei eu mesma em casa cortei, um Chanel e eu lembro que a primeira vez que eu cheguei na escola com o cabelo daquele jeito, nossa, foi horrível, até pessoas de outras turmas vieram comentar sobre o cabelo como estava horrível e eu me senti muito mal, mas eu consegui enfrentar. Tipo: “e daí? Se meu cabelo é assim eu gosto dele assim, eu quero e você não tem nada que falar disso”. Isso pra mim é um processo muito difícil por eu ser uma pessoa muito tímida, né? Hoje eu sou bem menos, mas nossa eu nem falava nada na minha época do ensino fundamental e médio. Então eu lembro que foi esse baque mas eu deixei meu cabelo crescer depois cortei bem curto mesmo. Nunca tive muito apego assim com o cabelo. Então eu cortei bem curtinho. E foi isso que eu passei, nunca tive muita orientação sobre como passar por transição nem sabia o que era. Até porque a Raiza de Cássio eu acho que não tinha passado por transição capilar, o cabelo dela já era daquele jeito. Então foi um processo de aceitação constante, de ouvir aqueles comentários e me sentir mal, mas enfrentar de qualquer forma. E aí passei alguns meses fazendo texturização antes de cortar bem curtinho. (KESSIA, 2022c, informação verbal).

É comum na história de mulheres negras que o racismo na escola e a pressão social façam com que elas alisem os cabelos ainda na infância ou pré-adolescência, durante o ensino fundamental e médio, como nos casos apresentados. Gomes (2017) analisa que para muitas meninas negras o primeiro alisamento “não era algo que partia delas mesmas, mas sim de quem tinha a tarefa de zelar por elas no desejo de que liso seria mais prático para cuidar no cotidiano e aceitável socialmente, afinal, o crespo e o cacheado geralmente é visto como desarrumado” (GOMES, 2017, p.71).

4.3 Uma ambivalência acerca dos usos das tranças

Há neste sentido uma ambivalência acerca do uso das tranças por mulheres negras de cabelos crespos e cacheados – especialmente as tranças que alongam os cabelos; pois ao passo que as tranças podem surgir como uma forma de afirmação identitária através da estética afro, elas também podem significar uma forma de “domar” e “arrumar” esses cabelos, fazendo-os parecer mais próximos da estética branca hegemônica de cabelos longos e lisos.

A trancista Raiane compartilhou a seguinte discussão em seu perfil no *Instagram* @raianebraidss em março de 2021:

“recebo muito mais elogios quando estou com as tranças” já ouvi essa fala de muitas clientes, em sua maioria negras, e, de fato, é verdade. pode-se notar diferença até nas curtidas e reações nas redes. primeiro você acredita que os elogios são pela diferença no visual, cores e formas das tranças, mas será que pode ser algo para além disso? o que leva as pessoas a aceitarem melhor a imagem de mulheres crespas e cacheadas quando estão com as tranças? Apesar de estarmos passando por uma mudança no padrão de beleza e estética, em que as marcas finalmente deram lugar para crespas e cacheadas, ainda sim o padrão para muitas pessoas continua sendo o cabelo comprido e com pouco volume. dessa forma, quando uma mulher com o cabelo black power ou com cachos bem cheios colocam tranças, alcançam de certa forma,

esse padrão de cabelo bem comprido e com menos volume. assim, os elogios e a aceitação vêm com mais facilidade para algumas (óbvio que há exceções). mas Raiane, há algum problema nisso? a resposta é DEPENDE. os elogios em si são ótimos, quem não gosta né? mas essa situação pode ser perigosa. quando uma mulher recebe elogios apenas quando está com as tranças, isso pode torná-la uma dependente delas, pode fazê-la acreditar que sua beleza vem somente das tranças, e que se estiver sem ela está menos bonita. nem preciso falar do quanto isso é problemático né? antigamente o alisamento era a prisão de milhares de mulheres, principalmente pretas, encaixar-se no padrão de cabelo liso e comprido era a meta de muitas. assim, não devemos regredir e colocar as tranças nesse patamar de dependência. devemos repensar sobre isso, observar quem só elogia quando você está o mais dentro do “padrão” possível, observe se isso não está fazendo você se ver de forma distorcida. é preciso estar atenta. o trancismo é um universo cheio de possibilidades para exercer sua criatividade, autoestima e empoderamento, não deve ser tratado como uma dependência ou prisão, como uma vez foi o alisamento. o trancismo é ancestral, um lugar de acolhimento e autocuidado. queria deixar essa reflexão aqui, é a minha visão baseado no que minhas clientes relatam e queria compartilhar com vocês. (RAIANE, 2021).

Raiane aponta que percebe comumente nos relatos das clientes que mesmo as tranças demarcando uma estética afro, elas são mais bem aceitas do que quando as mulheres negras mantêm seus cabelos crespos e/ou cacheados. Sampaio (2020) afirma que

As tranças postiças possibilitam que as mulheres negras consigam sanar as principais características negativas que o cabelo negro tem na sociedade racista: o volume, o difícil cuidado e o comprimento, como se pode observar nesta resposta de uma das inquiridas. As tranças postiças possibilitam que o cabelo fique mais parecido com o liso, escondendo o cabelo negro e trazendo o volume e o comprimento que atende a anseios racistas e machistas (cabelo comprido e pouco volumoso) sem apagar de forma total a identidade negra. (SAMPAIO, 2020, p. 59)

Kilomba (2020) fala sobre as negociações estéticas de mulheres negras com o mundo branco em sua obra “Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano”, no qual dedica um capítulo para discutir as “políticas do cabelo”. Neste capítulo a autora transcreve o seguinte depoimento:

Uma vez tive um namorado (branco) – na época eu usava tranças – um dia eu as desfiz e penteei meus cabelos, cabelos muito lindos, black natural (tocando seu cabelo). E quando ele me viu, ele começou a me insultar, dizendo: “Por que você fez isso, você quer ficar feia?... Olha pra você, olha pro seu cabelo, você tá parecendo uma ovelha!” Isso foi muito duro pra mim... Ele não podia me aceitar... ele não podia me aceitar com meu cabelo natural. Até hoje é assim: muitas mulheres negras estão preocupadas com seus cabelos... elas alisam seus cabelos... Uma vez, uma mulher me disse: “Bem, eu adoraria que meu cabelo caísse, mas ele fica pra cima, assim como o da Alicia!” Era óbvio que ela estava falando que nossos cabelos não são bons. Isso é o que dizem para ela todos os dias. Até mesmo top models negras como a Naomi Campbell têm de alisar o cabelo, você nunca vê como é o cabelo natural dela. Isso não é uma loucura? Nunca vimos o cabelo africano dela! É difícil... porque quando você está com seu cabelo natural as pessoas te xingam. Me xingaram na rua muitas vezes, tipo: “Você sabe o que é um pente?! Ah, bem-vinda à selva! (cantando). Por que você não cuida do seu cabelo?” Eu me pergunto o que é que incomoda tanto nos nossos cabelos... (l 1482 - 3150)

Cruz (2017) afirma que, em determinadas circunstâncias, “a trança é um recurso para dar beleza a um cabelo considerado feio, indesejado” (CRUZ, 2017, p. 178).

5 DIÁLOGOS CONCLUSIVOS

Nessa pesquisa, foi realizada uma análise reflexiva sobre a atuação das mulheres negras na profissão de Trancista na cidade de Fortaleza. Neste trabalho, foram consideradas "trancistas" aquelas que geram renda e sustento por meio da atividade de trançar cabelos. A pesquisa valeu-se da realização de um levantamento bibliográfico, do mapeamento de perfis de trancistas no Instagram, da aplicação de um questionário online e da pesquisa de campo físico que contou com três momentos distintos.

A partir do questionário aplicado, foi constatado que as trancistas são, em sua maioria, mulheres negras e jovens, sendo que a mais jovem tem 15 anos e a mais velha, 44. A maior parte delas (75,4%) iniciou na profissão nos últimos 5 anos e, de acordo com a afirmação das próprias entrevistadas, aprenderam a técnica também pela internet, o que é particularmente interessante quando olhamos para o fato de que a técnica de trançar o cabelo, por muito tempo, foi passada de geração em geração no interior das famílias afro-brasileiras.

A pesquisa demonstrou que, mesmo aquelas que tiveram experiências com a prática desde a infância, ou seja, conheceram-na através de situações inseridas em seu cotidiano, seja com parentes ou amigos, procuram espaços virtuais para aprofundar e compartilhar técnicas e conhecimento acerca desta. A possibilidade de aprender através de trocas virtuais revela a importância do ciberespaço, capaz de conectar pessoas e possibilitar trocas de informações e conhecimentos entre mulheres negras, sendo um dos principais fatores para o aumento no número de mulheres trancistas nos últimos cinco anos. Tais informações revelam a importância do ciberespaço como um lugar de preservação, compartilhamento e reinvenção das tradições afro-brasileiras.

De forma geral, a opção pela profissão de trancista está relacionada às necessidades financeiras de geração de renda e aos obstáculos que essas mulheres enfrentam no mercado de trabalho formal, como relatado por Denise Fonseca. Desde a década de 1990, o empreendedorismo foi apresentado como uma alternativa de inserção no mercado de trabalho perante a diminuição do nível de emprego (SANTIAGO, 2009). Devido às condições históricas que mantém as mulheres negras excluídas do mercado de trabalho, concentradas em ocupações de baixa remuneração no setor de serviços, o empreendedorismo tem se tornado uma possibilidade para as mulheres negras brasileiras garantirem a geração de renda e/ou autonomia financeira.

Dessa forma, devido às condições sócio-históricas as quais as mulheres negras foram submetidas, o empreendedorismo - apesar de ser um fenômeno contemporâneo - pode

ser entendido, assim como as tranças, como uma prática ancestral da população negra. Desde o período da escravidão, “trabalhar por conta” é, frequentemente, a única alternativa para as mulheres negras sobreviverem e garantirem a sobrevivência de sua comunidade. A prática das trançistas cearenses, suas experiências no mercado de trabalho e como empreendedoras está intimamente relacionada com sua condição enquanto mulheres brasileiras negras e pobres.

Ao mesmo tempo, as redes sociais permitem que as mulheres negras empreendedoras estabeleçam entre si uma dinâmica de trocas de informações, conhecimentos e recursos. Tais práticas buscam preparar e fortalecer outras mulheres negras que estejam empreendendo ou desejem empreender. Esse fenômeno pode ser considerado uma forma criativa de resistir às violências que lhes são impostas tanto no mercado de trabalho formal quanto informal.

Ao olharmos especificamente para o contexto cearense, é necessário atentar-se ao fato de a questão racial ainda ser envolta pela negação do racismo e da presença negra. As contradições da história oficial do estado é evidenciada pela importância que a Abolição da Escravidão tem na construção da memória e identidade cearense, ao mesmo tempo em que o negro é apagado a partir de uma fábula de paraíso racial composto por indígenas e brancos. Ou seja, ainda que a população negra esteja presente na região, cria-se uma cultura local que os exclui da identidade e da narrativa do estado.

As trançistas cearenses representam um ponto de resistência a essa negação ao reafirmar a presença, a beleza, e a tradição africana de tranças nos cabelos diante das pressões de embranquecimento impostas pela colonialidade (QUIJANO, 2009). No contexto brasileiro, as experiências com a colonização e a escravidão resultaram na construção de um imaginário onde o branco foi associado ao belo, limpo e civilizado. Em suas páginas, as interlocutoras questionam essa ordem e apresentam referenciais alternativos, inspirados na cultura africana e afro-brasileira.

Tal resistência torna-se ainda mais gritante quando consideramos que a internalização de valores que inferiorizam e animalizam as características fenotípicas negras - no caso, a textura dos cabelos - é parte da perpetuação do racismo enquanto construção ideológica e impacta diretamente o cotidiano e as oportunidades de vida das mulheres negras (GONZALEZ, 2020).

Percebe-se que, para muitas interlocutoras, a percepção da diferença racial se iniciou na infância. No entanto, perceber a diferença racial, perceber-se como "diferente" mostrou não significar, necessariamente, tornar-se negra. Ficou evidente, através das entrevistas, que a profissionalização como trançistas também é uma forma de autoafirmação e

de valorização da identidade negra, bem como uma oportunidade de intervir na vida social, de subverter a submissão à estética branca dominante, e não apenas uma prática transformada em trabalho remunerado com fins de geração de renda.

Como foi falado anteriormente, a prática de trançar os cabelos foi herdada da cultura dos povos africanos, e foi mantida e reinventada através das gerações das famílias africanas e afro-descendentes no contexto brasileiro, conforme as condições e possibilidades aqui determinadas (GOMES [2016], 2019). Se, ao longo do processo histórico, tal prática tenha sido preservada no espaço privado e familiar, atualmente, tem sido uma forma de geração de renda para mulheres negras brasileiras. Nesse sentido, a prática das trancistas dissolve as divisões entre os espaços público e privado, como ficou evidente nos três encontros presenciais, onde o trabalho foi agendado e realizado nas casas das próprias interlocutoras.

Pensando na maneira como a esfera pública se manifesta em uma realidade marcada pelo uso da internet e pela presença nas plataformas de redes sociais, o Instagram aparece como o principal ciberespaço de atuação das trancistas, um espaço no qual compartilham suas reflexões e experiências pessoais. Ao mesmo tempo, este é o principal espaço utilizado para a negociação de orçamentos, agendamentos, divulgação do trabalho e criação de laços e relações com as clientes. O Instagram é um espaço para a publicação e divulgação de conteúdos autorais acerca do trabalho destas mulheres, no qual podem debater e ensinar sobre temas que envolvem não apenas a prática do trançar, mas a vida das trancistas e suas clientes.

Uma das temáticas mais abordadas é a transição capilar. Transição capilar é um termo utilizado para determinar o período em que uma pessoa abandona o uso de alisantes capilares e deixa os fios naturais crescerem. Neste período, é comum que o cabelo apresente diversas texturas, o que impacta a autoestima, uma vez que é tratado como "desgradável" e "feio". A transição pode durar meses e até anos, dependendo das escolhas em relação ao comprimento, fazer ou não um corte drástico (big chop) e da velocidade de crescimento dos fios. Algumas mulheres podem recorrer a alisamentos temporários ou, como abordado neste trabalho, às tranças e penteados afro-brasileiros.

Em relação à transição capilar, as plataformas virtuais são espaços onde mulheres de diversas localidades - não apenas negras - discutem e compartilham experiências e conhecimentos, tanto com teor afetivo, quanto político. Muitas vezes, esses espaços mobilizam narrativas de aceitação e empoderamento, embora nem sempre haja uma discussão crítica-reflexiva sobre o racismo. No caso das interlocutoras, a transição capilar aparece como

um momento onde elas se confrontam com questões próprias do tornar-se negra, na medida em que lidam e negociam com sentimentos de inadequação provenientes de experiências de discriminação racial em relação à textura dos cabelos. A transição também representa uma resistência às pressões sociais em relação ao embranquecimento através do alisamento capilar.

O tema é explorado nos perfis profissionais das interlocutoras de diferentes formas, muitas vezes compartilhando experiências próprias. A partir de dicas, orientações e a partilha de experiências pessoais, as interlocutoras conseguem, ao mesmo tempo, divulgar seus trabalhos e incentivar outras mulheres negras que estão passando pelo processo. No caso das trançistas, a transição capilar é diretamente vinculada aos processos de tornar-se negra/saber-se negra, principalmente no questionamento dos valores estéticos hegemônicos e na valorização de características historicamente atribuídas à população negra brasileira.

É nesse sentido que concluí que, além de uma importante ferramenta de trabalho, o Instagram se apresenta como um espaço onde essas mulheres conseguem elaborar e divulgar suas reflexões acerca da sociedade brasileira, bem como estabelecer trocas e diálogos com outras mulheres negras. O Instagram configura-se, assim, como um espaço de disputa política de narrativas, na medida em que os discursos mobilizados pelas interlocutoras se contrapõem às narrativas e ao imaginário hegemônico, atravessado pelo racismo e o sexismo.

De maneira resumida, as tranças se apresentam tanto como uma forma de afirmação da identidade racial, associada à ancestralidade e herança africana no Brasil, como uma estratégia dessas mulheres para lidar com a transição capilar, possibilitando um fortalecimento da autoestima dessas mulheres. No entanto, em alguns casos, pode ser vista como uma forma de se aproximar da estética branca, uma vez que permite um visual longo e "liso". Como fica evidenciado na postagem de Raiane, que revela que percebe uma maior aceitação dela e de seus clientes quando trançadas. Nesse sentido, pode ser vista como uma forma de "disfarçar" as características próprias dos cabelos crespos e cacheados.

Apesar desta leitura dúbia do papel das tranças na construção da estética destas mulheres, é interessante notar que os relatos pessoais das interlocutoras em suas redes sociais acerca da transição capilar focam no objetivo de os cabelos naturais serem usados soltos, não apenas trançados. As fotos escolhidas pelas entrevistadas nesta pesquisa ressaltam a aparência, o volume e as características específicas dos cabelos cacheados e crespos, indo na contramão de uma leitura que coloca as tranças como uma maneira de "adaptar-se" a uma sociedade branca e racista. A disputa pela narrativa política das tranças e trançistas é abertamente travada no Instagram através de diferentes tipos de conteúdos, como vimos anteriormente nesta pesquisa. Desde publicações mais explicitamente envolvidas em uma

discussão crítica-reflexiva sobre o racismo, até publicações que abordam o tema de maneira mais sutil e distante, focando mais na autoestima e realização individual das mulheres afetadas.

Assim, é importante ressaltar que as mulheres negras são cotidianamente incentivadas a esconder, disfarçar e atenuar as características fenotípicas negras para que possam circular em determinados espaços. As tranças, embora não possam ser desvinculadas da história e cultura afro-brasileira, permitem que alguns elementos do padrão de beleza branco e hegemônico sejam mimetizados sem que se recorra a produtos químicos. Essas percepções são permeadas pelo racismo brasileiro, que cria escalas hierárquicas entre o que é aceitável e não aceitável em determinados espaços. Mesmo nos casos onde há a construção de uma identidade racial negra, as mulheres negras - trançistas e clientes - ainda estão imersas em uma sociedade racista, com todas as suas contradições.

REFERÊNCIAS

- ABEBÉ TRANÇAS. [Sem título]. Fortaleza, 11 abr. 2022a. Instagram: @abebe.trancas. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/CcOaPr1FLdo/>. Acesso em: 14 abr. 2022.
- ABEBÉ TRANÇAS. [Sem título]. Fortaleza, 7 abr. 2022b. Instagram: @abebe.trancas. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/CcOaPr1FLdo/>. Acesso em: 8 abr. 2022.
- AFRO AGUIDI. [Sem título]. Fortaleza, 4 mar. de 2022. Instagram: @afro_aguidi. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Car85YzugeE/>. Acesso em: 24 abr. 2022.
- AFRO HAIR SALÃO JALMIRA LIMA. [Sem título]. Fortaleza, 11 mai. 2021. Instagram: @boxbraids_ce. Disponível em: https://www.instagram.com/boxbraids_ce/. Acesso em: 11 mai. 2021.
- AFRO HAIR SALÃO JALMIRA LIMA. [Sem título]. Fortaleza, 2022. Instagram: @boxbraids_ce. Disponível em: https://www.instagram.com/boxbraids_ce/. Acesso em: 23 mar. 2022.
- ALVES, Alê. ANGELA DAVIS: “Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela”. **El país**, Salvador, 27, jun, 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/27/politica/1501114503_610956.html Acesso em 10 jul 2020.
- ALVES, Rana. [**Sobre o uso de tranças na infância**] Whatsapp. 19 jan. 2022a. 12:40. 1 mensagem de texto via Whatsapp.
- ALVES, Rana. [**Conversa entre Rana Alves e pesquisadora**] Whatsapp. 19 jan. 2022b. 12:40. 3 mensagens de texto via Whatsapp.
- ANDRADE, Lara. **Quantos anos sofridos estirando nosso volumeão**. Fortaleza, 18 mar. 2021. Instagram: @irunbraids. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CMk_KWNlvSI/. Acesso em 3 abr. 2021.
- BARROS, Zelinda. Feminismo negro na Internet: cyberfeminismo ou ativismo digital? **Academia Edu**, (200?). Disponível em: https://www.academia.edu/1497162/Feminismo_negro_na_Internet Acesso em: 15 de abr de 2022.
- BLACK WORK TRANCISMO. [Sem título]. Fortaleza, 2021. Instagram: @blackworktrancismo. Disponível em: https://www.instagram.com/blackworktrancismo_/. Acesso em: 15 mar. 2022
- BRAIDS RAFA. [Sem título]. Belo Horizonte, 6 mar. 2022a. Instagram: @braidsrafa. Disponível em: <https://www.instagram.com/braidsrafa/>. Acesso em 6 mar. 2022.
- BRAIDS RAFA. [Sem título]. Belo Horizonte, 6 mar. 2022b. Instagram: @braidsrafa. Disponível em: <https://www.instagram.com/braidsrafa/>. Acesso em: 6 mar. 2022.

BRAIS RAFA. [Sem título]. Belo Horizonte, 3 dez. 2020. Instagram: @braisrafa. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CIVxK7LJgye/>. Acesso em 8 mar. 2022.

BRITO, Carina. Empreendedora fatura R\$ 820 mil com serviços para cabelos com tranças. **Pequenas Empresas Grandes Negócios**. 25 fev. 2022. Disponível em: <https://revistapegn.globo.com/Mulheres-empendedoras/noticia/2022/02/empreendedora-fatua-r-820-mil-com-servicos-para-cabelos-com-trancas.html> Acesso em: 25 abr. 2022.

BRUNEX HAIR. Como fazer rabo de cavalo clássico com jumbo. Youtube. 15 abr. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-EepobzfGrc>. Acesso em: 5 abr. 2022.

BRUNEX HAIR. Como oferecer um serviço e fidelizar o cliente. Youtube, 13 set. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7kCjyU-EZQ>. Acesso em: 5 abr. 2022.

BRUNEX HAIR. [Sem título]. Ribeirão Preto, 7 mar. 2022. Instagram: @brunexhair. Disponível em: <https://www.instagram.com/brunexhair/>. Acesso em: 7 mar. 2022.

BYRD, Ayana D.; THARPS, Lori L. **Hair Story: Untangling the Roots of Black Hair in America**. New York: St. Martin's Griffin, 2014.

CAPITU. [Sobre o uso de tranças na infância] Whatsapp. 23 de ago 2021. 17:36. Whatsapp. 1 mensagem de texto via Whatsapp.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003

CRUZ, Denise Ferreira da Costa. **Que leveza busca Vanda?: ensaio sobre cabelos no Brasil e em Moçambique**. 2017. 206 f., il. Tese (Doutorado em Antropologia) Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

EMILY, Madja. **Um pouco da minha trajetória com o cabelo**. Fortaleza, 5 abr. 2021. Instagram: @trancas.mexerica. Acesso em: 9 jul. de 2021.

ESTÉTICA PRETA. [Sem título]. Fortaleza, 6 mar. 2022a. Instagram: @esteticapreta_. Disponível em: https://www.instagram.com/esteticapreta__/. Acesso em: 6 mar. 2022.

ESTÉTICA PRETA. [Sem título]. Fortaleza, 23 fev. de 2022b. Instagram: @esteticapreta_. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CaVjaYKILjT/>. Acesso em: 24 fev. 2022.

FANON, Franz. **Os Condenados da Terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

FAZENDO A SUA CABEÇA. [Sem título]. Fortaleza, 11 mai. 2021a. Instagram: @fazendoasuacabeca. Disponível em: <https://www.instagram.com/fazendoasuacabeca/>. Acesso em: 11 mai. 2021.

FAZENDO A SUA CABEÇA. [Sem título]. Fortaleza, 2021b. Instagram: @fazendoasuacabeca. Disponível em: <https://www.instagram.com/fazendoasuacabeca/>. Acesso em: 11 mai. 2021.

FAZENDO A SUA CABEÇA. [Sem título]. Fortaleza, 25 mai. 2021c. Instagram: @fazendoasuacabeca. Disponível em: <https://www.instagram.com/fazendoasuacabeca/>. Acesso em: 26 mai. 2021.

FAZENDO A SUA CABEÇA. [Sem título]. Fortaleza, 8 out. 2020. Instagram: @fazendoasuacabeca. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CGFQMtIVod/>. Acesso em: 14 abr. 2022.

FERNANDES, Priscila. [**Sobre o uso de tranças na infância**]. Instagram. 22 jul. 2021. 09:40. 1 mensagem de texto via Instagram.

FERRAZ, Nerival. Torne o seu marketing um imã! **Design Culture**, 28 jun. 2016. Disponível em: <https://designculture.com.br/torne-o-seu-marketing-um-ima> Acesso em: 25 abr. 2022.

FERREIRA SOBRINHO, José Hilário. "**Catirina minha nega, Teu sinhô ta te querendo vende, Pero Rio de Janeiro, Pero nunca mais te vê, Amaru Mambirá**": o Ceará no **tráfico interprovincial - 1850-1881**. 172 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005.

FONSECA, Denise. [**Sobre como Denise pensa sua relação com a profissão de trancista**]. Instagram. 20 set. 2021a. 16:08. 1 mensagem via Instagram.

FONSECA, Denise. [**Sobre o uso de tranças na infância**]. Instagram. 21 set. 2021b. 20:15. 2 mensagens de texto via Instagram.

FONSECA, Denise. [**Conversa entre Denise Fonseca e pesquisadora**]. Instagram, 21 set. 2021c. 8 mensagens de texto via Instagram.

FUNES, Eurípedes Antonio. Negros no Ceará. In: SOUZA, Simone de. (Org.) **Uma Nova História do Ceará**. Fortaleza: UFC, 2002, p. 106.

GALEAZZI, Isabelle. [**Sobre Isabelle sentir-se “diferente”**]. Whatsapp. 28 set. 2021a. 17:53. 1 mensagem de áudio via Whatsapp.

GALEAZZI, Isabelle. [**Conversa entre Isabelle Galeazzi e pesquisadora**]. Whatsapp. 28 set. 2021b. 14:39. 2 mensagem de áudio via Whatsapp.

GALEAZZI, Isabelle. [**Conversa via Instagram entre Isabelle Galeazzi e pesquisadora**] Instagram: 08/09 dez. 2020. 8 mensagens de texto via Instagram.

GÁLICO, Vinícius. Muito além da beleza, trancista conta como as tranças empoderam as mulheres negras: Bruna Nekis, a Brunex, dedicou sua vida às tranças em uma história de dificuldades, superações e conquistas. **SoluTudo**. Bauru, 17 jul. 2019. Disponível em: <https://conteudo.solutudo.com.br/bauru/historias-inspiradoras-bauru/muito-alem-da-beleza-trancista-conta-como-as-trancas-empoderam-as-mulheres-negras/> Acesso em: 25 abr. 2022.

GOMES, Larisse Louise Pontes. "**Posso tocar no seu cabelo?**" **Entre o liso e o crespo: transição capilar, uma (re) construção identitária?** Dissertação (mestrado) - Universidade

Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis, 2017

GOMES, Nilma Lino. **Corpo e cabelo como ícones de construção da beleza e da identidade negra nos salões étnicos de Belo Horizonte**. Tese (Doutorado em Antropologia) Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia, São Paulo: 2002.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolo da identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

GONÇALVES, Bruna. [Sem título]. .Ribeirão Preto, jun. 2021. Instagram: @brunexhair. Disponível em: <https://www.instagram.com/stories/highlights/17923507279675691/>. Acesso em: 5 abr. 2022.

GONZAGA, Luiz. Compositor: Guio de Moraes. **No Ceará não tem disso não: RCA/BMG**, LP 1988 [1950].

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

hooks, Bell. Alisando o Nosso Cabelo. **Coletivo Feminino Marias**, 9 de mai de 2008. Disponível em: <http://coletivomarias.blogspot.com/search?q=hooks> Acesso em: 15 de abr de 2022.

IBGE. Brasil: 500 anos de povoamento. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Rio de Janeiro, 2000.

INSTAGRAM. Como lidamos com conteúdo potencialmente prejudicial no Feed e no Stories. **Instagram**, 20 jan. 2022. Disponível em: <https://about.instagram.com/pt-br/blog/announcements/how-we-address-harmful-content-on-feed>. Acesso em: 25 abr. 2022.

IPECE. Informe Nº 187 Dezembro/2020. **Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE)**. Fortaleza, Ceará: Ipece, 2020.

IRUN BRAIDS. [Sem título]. Fortaleza, 2 jul. 2021. Instagram: @irunbraids. Acesso em: 2 jul. 2021.

JACK TRANÇAS.[Sem título]. Fortaleza, 2022. Instagram: @jacktrancas. Acesso em: 22 jul. 2022.

JEANNERET, Yves. Analisar as redes sociais como dispositivos infocomunicacionais: uma problemática. In: TOMAEL M.I.; MARTELETO, R.M. (Org.) **Informação e Redes Sociais: interface de teorias, métodos e objetos**. Londrina: Eduel, 2015, p. 11-31.

JOSSO, Marie Christine. **A transformação de si a partir da narração de histórias de vida**. Porto Alegre/RS, n. 3 (63), p. 413-438, set./dez. 2007

KEMP, Simon. DIGITAL 2022: another year of bumper growth. London, **We Are Social Ltd.**, 26 jan. 2022. Disponível em:

<https://wearesocial.com/uk/blog/2022/01/digital-2022-another-year-of-bumper-growth-2/>. Acesso em: 27/03/2022.

KÉSSIA. [**Sobre Késsia sentir-se “diferente”**]. Whatsapp 24 jan. 2022a. 12:41 1 mensagem de áudio via Whatsapp.

KÉSSIA. [**Sobre o uso de tranças na infância**]. Whatsapp 27 fev. 2022b. 11:48. 1 mensagem de áudio via Whatsapp.

KÉSSIA. [**Sobre a transição capilar de Késsia**]. Whatsapp 27 fev. 2022c. 2 mensagens de áudio via Whatsapp.

KÉSSIA. **Comecei a trançar outras pessoas**. Fortaleza, 12 ago. de 2021. Instagram: @abebe.trancas. Disponível em: <https://www.instagram.com/tv/CSfSZ9lI7JN/>. Acesso em: 24 abr. 2022.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. [recurso eletrônico] 1 ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2020.

LEMOS, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulinas, 2002

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. São Paulo: Loyola, 1998.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** São Paulo: Ed. 34, 1996

LINHARES, Paulo. **Cidade de água e sal: por uma antropologia do litoral do Nordeste sem cana e sem açúcar**. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2013.

MARTELETO, Regina Maria. **Análise de redes sociais: aplicação nos estudos de transferência da informação**. *Ci. Inf.*, Brasília, v. 30, n. 1, p. 71-81, jan./abr. 2001

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Lisboa: Antígona, 2017

MEXERICA TRANÇAS. [Sem título]. Fortaleza, 11 mai. 2021. Instagram: @trancas.mexerica. Disponível em: <https://www.instagram.com/trancas.mexerica/>. Acesso em: 11 mai. 2021.

MEXERICA TRANÇAS. [Sem título]. Fortaleza, 11 mai. 2021a. Instagram: @trancas.mexerica. Disponível em: <https://www.instagram.com/trancas.mexerica/>. Acesso em: 11 mai. 2021.

MIGNOLO, Walter. **Colonialidade: O lado mais escuro da modernidade**. RBCS, v.32. n. 94. 2017.

MONIQUE. **Por que eu faço?** Fortaleza, jun. 2021 . Instagram: @afrodiite_braids. Disponível em: <https://www.instagram.com/stories/highlights/17877067265445067/>. Acesso em: 3 jul. 2021.

MOSSERI, Adam. Diretor do Instagram (ed.). Controle o seu feed do Instagram com Favoritos e Seguindo. **Instagram**, 2022. Disponível em: <https://about.instagram.com/pt-br/blog/announcements/favorites-and-following>. Acesso em: 25 abr. 2022.

NOIVAS NEGRAS. **Especialistas em celebrar a sua história e ancestralidade em seu Dia da noiva.** Belo Horizonte. Instagram:@maalum.oficial . Disponível em: <https://www.instagram.com/maalum.oficial/> Acesso em: 25 abr. 2022

NZINGA TRANCISMO. [Sem título]. Fortaleza, 12 mar. de 2021. Instagram: @nzinga.trancismo. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CMUqbZAI6Q/>. Acesso em: 24 abr. 2022.

PATEL, Neil. O Que é Thumbnail: Para Que Serve, Onde é Usada e Como Criar. **NP Digital**. c2022. Disponível em: <https://neilpatel.com/br/blog/thumbnail-o-que-e/#:~:text=Uma%20thumbnail%20%C3%A9%20uma%20imagem,utilizadas%20como%20sin%C3%B4nimo%20de%20miniaturas>. Acesso em: 25 abr. 2022.

PAZ, Tatiana Santos da. **Ativismo em rede e processos formativos decoloniais articulados por mulheres negras no Youtube.** 2019. 205f - Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação, Fortaleza (CE), 2019.

PIZA, Mariana Vassallo. **O fenômeno Instagram: considerações sob a perspectiva tecnológica.** Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais com habilitação em Sociologia) Departamento de Sociologia, Universidade de Brasília, Brasília-DF, 2012.

PNAD. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2018.** Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, 2018.

PRIMO, Alex; VALIATI, Vanessa; LUPINACCI, Ludmila; BARROS, Laura. Interações e práticas no Facebook. **Contracampo**, Niterói, v. 37, n. 02, pp.152-171, ago. 2018/ nov. 2018.

PRÓ AFRO COLLAB. [Sem título]. Fortaleza, 11 mai. 2021. Instagram: @proafrocollab. Disponível em: <https://www.instagram.com/proafrocollab/>. Acesso em: 11 mai. 2021.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas.** Buenos Aires: CLACSO, 2005.

QUINJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Orgs). **Epistemologias do Sul.** Coimbra: Edições Almedina, 2009.

RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo Guimarães. **Dicionário de Comunicação**. 4 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2001.

RAIANE BRAIDS. [Sem título]. Fortaleza, 11 mai. 2021. Instagram: @raianebraidss. Disponível em: <https://www.instagram.com/raianebraidss/>. Acesso em: 11 mai. 2021.

RAIANE. **Recebo muito mais elogios quando estou com as tranças**. Fortaleza, 19 mar. de 2021. Instagram: @raianebraidss. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CMnjBgyH-pm/>. Acesso em: 24 abr. 2022.

RANA AFRO TRANÇAS. [Sem título]. Fortaleza, 19 mar. de 2022. Instagram: @ranaafrotrancas. Disponível em: <https://www.instagram.com/ranaafrotrancas?igsh=MTAwd29oa3psOTdvcQ==>. Acesso em: 24 abr. 2022.

RIBARD, Franck. FUNES, Eurípedes A. Fortaleza, uma cidade negra na “Terra da Luz”. In: FUNES, Eurípedes A.; RODRIGUES, Eylo Fagner Silva; RIBARD, Frank (Orgs). **Histórias de Negros no Ceará** [recurso eletrônico] Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020

ROQUE, Rafaela Xavier. Site de vendas. **Shopee**. 2022. Disponível em: <https://shopee.com.br/braidsrafa?smtt=0.0.9> Acesso em: 25 abr. 2022.

SAMPAIO, Livia Cassemiro. **Mulheres negras e o cabelo: racismo, sexismo e resistência** [Em linha]. Dissertação (Mestrado em Estudos Africanos) Lisboa: Iscte, 2020.

SANTAELLA, Lúcia. **Cultura e artes do pós-humano**. São Paulo, SP: Paulus, 2003.

SANTIAGO, Eduardo Girão. Muitos são chamados, poucos os escolhidos: a disseminação do empreendedorismo e a nova configuração das políticas de trabalho no modelo de acumulação flexível. **IX Jornada Internacional de Políticas Públicas**, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2019.

SANTOS, Luane Bento dos. **Bens culturais afro-brasileiros: o ofício de mulheres negras trançadeiras em debate**. Brasília-DF, v. 8, n. 2, jun./dez. 2019

SANTOS, Luane Bento. Aspectos éticos, estéticos e identitários no cotidiano profissional de trançadeiras “afro”. **VIII Semana de Ciências Sociais PUC-Rio**. Resistências, GT - Ocupação: espaços de direito e resistência, 2016.

SANTOS, Luane Bento. **Para além da estética: uma abordagem etnomatemática para a cultura de trançar cabelos nos grupos afro-brasileiros**. Dissertação (Mestrado em Relações Etnicorraciais) Programa de Pós-graduação em Relações Etnicorraciais, CEFET, Rio de Janeiro, 2013.

SOUSA, Antonio Vilamarque Carnaúba de. **Da “Negrada Negada” a Negritude Fragmentada: O Movimento Negro e os discursos identitários sobre o negro no Ceará (1982-1995)**. Dissertação (Mestrado em História Social) Departamento de História, Universidade Federal do Ceará, 2006.

SOUSA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

STUDIO NAY OLIVEIRA. [Sem título]. Fortaleza, 11 mai. 2022. Instagram: @studionayoliveira. Disponível em: <https://www.instagram.com/studionayoliveira/>. Acesso em: 14 abr. 2022.

TEIXEIRA, Silmara. **Atividades presenciais suspensas**. Fortaleza, 6 mar. 2021. Instagram: @yabatrancas. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CMFgwm2laBX/> Acesso em: 3 abr. 2021.

TOMAÉL, Maria Inês; ALCARÁ, Adriana Rosecler; CHIARA, Ivone Guerreiro Di. Das redes sociais à inovação. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 34, n. 2, p. 93-104, maio/ago. 2005

TRANSIÇÃO BFF. [Sem título]. Fortaleza, 6 mar. de 2021. Instagram: @transicaobff. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CMFgwm2laBX/> Acesso em: 3 abr. 2021.

VIEIRA, Rayane. **Como o Fazendo a sua cabeça surgiu**. Fortaleza, 21 ago. 2021. Instagram: @fazendoasuacabeca. Disponível em: <https://www.instagram.com/tv/CS1V8UgCTes/>. Acesso em 5 jan. 2022.

WALKER, Alice. Cabelo oprimido é um teto para o cérebro. **Portal Geledés**, 2011. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/cabelo-oprimido-e-um-teto-para-o-cerebro/>. Acesso em: 23 de abr de 2022.

WHATSAPP. In: **WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre**. Flórida: Wikimedia Foundation, 2022. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=WhatsApp&oldid=62940886>>. Acesso em: 24 abr. 2022.

XAVIER, Rafa. **Como ter conteúdo sempre?** Belo Horizonte, 28 maio 2021a. Instagram: @braidsrafa. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CPbf2I_JPPd/ Acesso em.8 mar. 2022.

XAVIER, Rafa. **Ancestralidade e Cultura: a importância das trançistas para a manutenção da estética afro-brasileira**. Belo Horizonte, 12 abr. de 2021b. Instagram: @braidsrafa. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CNkcBq5pki9/>. Acesso em 6 mar. 2022.

XAVIER, Rafa. **Canso de dizer que não é só saber trançar**. Belo Horizonte, mar. 2021c. Instagram: @braidsrafa. Disponível em: <https://www.instagram.com/stories/highlights/18079987765268818/>. Acesso em: 3 mar.2022.

XAVIER, Rafa. **Como surgiu Braids Rafa? [Quem é Rafa Xavier – parte 2]**. Youtube, 17 fev. 2022a. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=N4fLSZk7JKE&t=17s>. Acesso em: 3 mar. 2022.

XAVIER, Rafa. [Sem título]. Belo Horizonte, 2022b. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCU2IvSwo9eGg-XciFEjng7w>. Acesso em: 3 abr. 2022.

YABÁ TRANÇAS. [Sem título]. Fortaleza, 6 mar. 2021a. Instagram: @yabatancas. Disponível: <https://www.instagram.com/p/CMFifMul313/>. Acesso em 3 jul. 2021.

YABÁ TRANÇAS. [Sem título]. Fortaleza, 2021. Instagram: @yabatrancas. Disponível: <https://www.instagram.com/p/CMFifMul313/>. Acesso em 3 jul. 2021.

RECUERO, Raquel. Redes sociais na internet, difusão de informação e jornalismo: elementos para discussão. **Metamorfoses jornalísticas**, 2009, v. 2, p. 1-269.

APÊNDICE A - TABELA DE MAPEAMENTO DE PERFIS DE TRANCISTAS NO INSTAGRAM ATUANTES EM FORTALEZA

Quantidade	Perfis no Instagram	Publicações	Seguidores	Seguindo
1	@afro_aguidi	640	4.021	213
2	@boxbraids_ce	578	3.940	3.078
3	@afro.Encanto	59	595	474
4	@amotranças_mega_hair	2.121	12.600	1.652
5	@blackworktrancismo_	86	5.749	3.379
6	@braids.iana	61	2.363	257
7	@fazendoasuacabeça	315	3.399	996
8	@girassol.braids	61	422	730
9	@larissa.alves-4telie	132	7.525	1.273
10	@hb_trancas_afro	123	1.445	1.311
11	@irunbraids_	122	1.322	893
12	@boxbraids_isa	138	1.378	1.848
13	@ivytrancas	56	798	777
14	@jacktrancas	1.010	13.100	4.225
15	@jdtrancase	575	3.249	443
16	@mafrica.afrohair	131	2.103	1.796
17	@trancas.mexerica	43	2.045	254
18	@nanda_afro	23	133	209
19	@studionayoliveira	598	11.800	916
20	@nzinga.trancismo	30	1.454	1.013
21	@proafrocollab	73	7.418	3.938
22	@raianebridss	245	2.820	418
23	@rastafari_ce	35	172	201
24	@studioraxta	45	1.987	495
25	@styleafroroots	305	2.016	94
26	@trancas_afroo	207	2.419	1.215
27	@trancasamandasousa	763	13.800	68
28	@trancismoafro	801	3.780	3.371
29	@trancasvera	933	3.187	427
30	@yabatrancas	272	1.868	570
31	@okinka_afrobraids	120	915	724
32	@afrodiite_braids	38	354	328
33	@alves_braids	51	1.379	692
34	@studiololibraids	18	522	224
35	@todetranca_fortaleza	60	1.518	1.118
36	@dreadsmalino	74	1.998	417
37	@dreadsfortal	784	6.435	1.629
38	@dalatranca	107	602	931

39	@_mara_tavares	473	4.689	1.549
40	@josewlemos	84	1354	709
41	@kah_braids	83	1.876	2.545
42	@kilviaafro	481	1.006	1.091
43	@hair.braidsr00	32	204	411
44	@afrodivass	10	145	62
45	@isxatelle	32	551	288
46	@braidsbyleticiaf	40	7.457	1.624
47	@trancaspitu	61	1.679	484
48	@nega.lyne	143	596	704
49	@saleshairmakeup	48	1.552	776
50	@eva_braids	163	3.068	7.334
51	@trancaslanys	260	6.088	2.037
52	@tu_de_tranca	250	1.777	625
53	@abebé-tranças	58	339	225
54	@afro_trix	73	1.714	330
55	@esteticapreta_	100	1.502	389
56	@zabellebraid	269	1.091	1.377
57	@rafinhadorastafari	90	293	260
58	@afrobraidsstudio	18	311	343
59	@azevedo.braids	7	124	117
60	@black_braids	61	267	34
61	@blacck_woman	126	684	61
62	@pinheiro_hair	24	321	79
63	@ayacabelos	5	133	24
64	@mariatrancasnago	53	866	762
65	@ostudiofernandaalves	190	4.223	547
66	@ranaafrotrancas	83	668	148
67	@salao_afr	36	1.591	245
68	@faztrancaemmim	328	2.383	679
69	@lorrane-trancas01	55	1.547	221
70	@esteticaafro_	24	2.213	109
71	@dijatrancas	523	1.583	1.433
72	@kriolabraids	127	260	319
73	@leckinha_boxbraids	26	66	29
74	@liubraids	258	602	600
75	@_clarabraids	28	525	412
76	@vi_trancas	181	547	224
77	@anegatrancista	222	746	812
78	@aldilene_silva	199	242	133
79	@studiodeboralucialves	12	356	256
80	@claudiane_afrohair	37	395	241
81	@atelielifronte	362	4.660	233
82	@solar_trancas_fortaleza	3.043	7.889	7.245

83	@afrika_gold	14	345	50
84	@boxbraids_fortalezace	129	965	859
85	@aline_trancista	893	1.925	1.345
86	@karinetrancas_	299	1.150	507

Fonte: Dados coletados pela pesquisadora

APÊNDICE B – TABELA DE TRANCISTAS QUE RESPONDERAM AO QUESTIONÁRIO

Quant.	Trancista	Perfil no Instagram	Idade	Raça	Origem	Principal renda
1	Silmara Teixeira	@yabatraças	24	Preta	Fortaleza - CE	Não
2	Amanda Souza	@trancasamandasouza	27	Preta	Brasília	Sim
3	Priscila Fernandes	@blackwoorktrancismo	31	Parda	Fortaleza - CE	Sim
4	Isabelle Galeazzi	@nzingatrancismo	22	Parda	Porto Velho - RO	Sim
5	Rayane Vieira	@fazendoasuacabeca	28	Preta	Fortaleza - CE	Sim
6	Celina Pereira	@fazendoasuacabeca	25	Preta	Maranguape- CE	Sim
7	Nathália Arruda	@proafro – Nathalia	24	Preta	Fortaleza - CE	Sim
8	Lara de Andrade	@irunbraids	23	Preta	Fortaleza - CE	Sim
9	Jalmira Lima	@boxbraids_ce	37	Preta	Piauí	Sim
10	Madja Emily Lima	@trancasmexerica	24	Preta	Fortaleza - CE	Sim
11	Isabelle	@boxbraids_isa	15	Parda	Fortaleza - CE	Sim
12	Monique Vitória	@afrodiite_braids	17	Preta	Ceará	Não
13	Tháís Oliveira	@studioraxta	19	Parda	Fortaleza - CE	Sim
14	Hevylla Valente	@lollibrais	18	Parda	Fortaleza - CE	Sim
15	Roberta	@girassolbraids	25	Branca	Fortaleza - CE	Não
16	Iana da Silva	@braids.iana	17	Branca	Fortaleza - CE	Sim
17	Andreza Mikaelly	@tranca_afroo	21	Branca	Fortaleza - CE	Sim
18	Tainara Ellen	@afroencanto	19	Preta	Fortaleza - CE	Sim
19	Larissa Alves	@larissa.alves4telie	24	Branca	Fortaleza - CE	Sim
20	Samira Barbosa	@rastafari_ce	22	Parda	Ceará	Não
21	Laris	@trancaspitu	21	Preta	Fortaleza - CE	Sim
22	Kailane Souza	@kah_braidss	19	Parda	Fortaleza - CE	Sim
23	Lais Blaine	@dreadsfortal Lais	23	Parda	Fortaleza - CE	Não
24	Maria Michelly Leite	@mafrica.afrohair	27	Preta	Juazeiro do Norte - CE	Sim
25	Isadora Silva	@styleafroroots	20	Branca	Fortaleza - CE	Não
26	Isabelle	@isxtelie	17	Preta	Fortaleza - CE	Sim
27	Nayara Oliveira	@studio.nayaraoliveira	28	Parda	Ceará	Sim
28	Alyne Ewelyn Santos	@nega.lyne	30	Preta	Ceará	Sim
29	Rosalina	@amotrancas_mega_hair	36	Preta	Fortaleza - CE	Sim
30	Tchitchu	@okinka_aftobraids	26	Preta	Bissau - Guiné Bissau	Sim
31	Denise Fonseca	@estetica Preta	23	Preta	Fortaleza - CE	Sim
32	Thainá Lima	@blacck_woman	20	Preta	Fortaleza - CE	Não
33	Antonia Cibelle	@zbellebraid	22	Preta	Ceará	Não
34	Fernanda Alves	@ostudiofernandaalves	24	Preta	Macapá - AP	Sim
35	Débora Cristina Santos	@trancasvera	33	Preta	Ceará	Sim
36	Evelaine de Souza	@evabraids	21	Preta	Belém - PA	Sim
37	Cadi Dabo	@dijatraças	29	Preta	Bissau - Guiné Bissau	Sim
38	Capitu	@trancismoafro	25	Preta	Fortaleza - CE	Sim
39	Yasmim Vasconcelos	@faztrancaemmin	21	Branca	Fortaleza - CE	Sim

40	Elenilce	@leckinha_boxbraids	33	Preta	São Luís - MA	Não
41	Elisa	@liubraids	39	Preta	Salvador - BA	Sim
42	Jéssica Libania	@salao_afr	18	Preta	Fortaleza - CE	Sim
43	Ana Clara Lins	@_clarabraids	17	Preta	Fortaleza - CE	Sim
44	Vitória Lydia	@vi_trancas_	21	Preta	Fortaleza - CE	Sim
45	Ana Tereza Araújo	@anegatrancista	38	Preta	Ceará	Sim
46	Maria da Conceição	@mariatrancasnago	23	Preta	Pacoti - CE	Não
47	Victhória Aparecida	@amotrancia_mega_hair	22	Preta	Fortaleza - CE	Sim
48	Aldilene Silva	@aldilene_silva	26	Preta	Fortaleza - CE	Sim
49	Claudiane Silva	@claudiane_afrohair	21	Preta	Fortaleza - CE	Não
50	Kelle	@ateliaefronte	20	Preta	Fortaleza - CE	Sim
51	Jessica Bezerra	@proafrocollab	29	Parda	Fortaleza - CE	Não
52	Raphaella	@tu_de_tranca	35	Parda	Fortaleza - CE	Sim
53	Débora Lúcia	@jdtra	21	Parda	Fortaleza - CE	Sim
54	Jaqueline Silva	@boxbraids_fortalezace	23	Parda	Fortaleza - CE	Sim
55	Tayná Aires	@esteticaafro	20	Preta	Ceará	Sim
56	Lany Rodeigues	@trancaslanys	27	Preta	Fortaleza - CE	Sim
57	Liana Patrícia Alves	@ranaafrotrancas	18	Preta	Fortaleza - CE	Sim
58	Tiffany Cunha	@solar_trancas_fortalez a	25	Branca	Ceará	Sim
59	Aline	@aline_trancista	31	Parda	Fortaleza - CE	Sim
60	Karla Karine	@karinetrancas_	23	Parda	Fortaleza - CE	Sim

Fonte: Dados coletados pela pesquisador

APÊNDICE C – TABELA DE BAIRROS APONTADOS COMO LOCAL DE ATUAÇÃO DAS TRANCISTAS POR NOME DE SUAS CONTAS NO *INSTAGRAM*

Quant.	Perfil no Instagram	Bairro de atuação
1	@yabatraças	Messejana
2	@trancasmandasousa	Henrique Jorge
3	@blackwoorktrancismo	Ancuri
4	@nzingatrancismo	José Bonifácio
5	@fazendoasuacabeca	Centro
6	@proafro	Aldeota
7	@irunbraids	Benfica
8	@boxbraids_ce	Messejana
9	@trancasmexerica	José Walter
10	@boxbraids_isa	Antônio Bezerra
11	@afrodiite_braids	Siqueira
12	@studioraxta	Siqueira
13	@lolibraids	Não respondeu
14	@girassolbraids	Conjunto Ceará
15	@braids.iana	Messejana
16	@tranca_afroo	Parque Santa Monica
17	@afroencanto	Quintino Cunha
18	@larissa.alves4telie	Messejana
19	@rastafari_ce	Sabiaguaba
20	@trancaspitu	Messejana
21	@kah_braidss	Não respondeu
22	@dreadsfortal	Antônio Bezerra
23	@mafrica.afrohair	Damas
24	@styleafroroots	Planalto Ayrton Senna
25	@isxtelie	Henrique Jorge
26	@studio.nayaraoliveira	Jardim América
27	@nega.lyne	Centro
28	@amotrancas_mega_hair	Conjunto Esperança
29	@okinka_aftobraids	Parquelândia
30	@esteticapreta	Barra do Ceará
31	@blacck_woman	Não respondeu
32	@zbellebraid	Jardim das Oliveiras
33	@ostudiofernandaalves	Conjunto Ceará II
34	@trancasvera	Parangaba
35	@evabraids	José Walter
36	@dijatranças	Jardim Guanabara
37	@trancismoafro	Serrinha
38	@faztrancaemmin	Vila Manoel Sátiro
39	@leckinha_boxbraids	Parque Dois Irmãos
40	@liubraids	Messejana

41	@salao_afr	Passaré
42	@_clarabraids	Boa Vista
43	@vi_trancas_	José Walter
44	@anegatrancista	São João do Tauape
45	@mariatrancasnago	Parque São José
46	@aldilene_silva	Mondubim
47	@claudiane_afrohair	Jardim das Oliveiras
48	@atelieafronte	Conjunto Ceará
49	@tu_de_tranca	Conjunto Esperança
50	@jdtracase	Jardim Iracema
51	@boxbraids_fortalezace	Canidezinho
52	@esteticaafro	Messejana
53	@trancaslanys	Aerolandia
54	@ranaafrotrancas	José Walter
55	@solar_trancas_fortalez a	Pici
56	@aline_trancista	Jardim Guanabara
57	@karinetrancas_	Canidezinho
58	@abebe.trancas	Jangurussu

APÊNDICE D – FORMULÁRIO VIRTUAL DE MAPEAMENTO

09/04/2022 09:09

Mapeamento de trancistas atuantes na cidade de Fortaleza

Mapeamento de trancistas atuantes na cidade de Fortaleza

Este mapeamento foi idealizado por Ana Beatriz Juvêncio Gonçalves para pesquisa de dissertação no Programa Associado de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Ceará (UFC) e da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro- Brasileira (UNILAB).

O objetivo deste formulário é que contribua para a produção de um estudo capaz de construir o primeiro registro acadêmico acerca da atuação de trancistas na cidade de Fortaleza/CE. Assim, busco contribuir para a construção e valorização da história das trancistas no Estado e no país. Almeja-se futuramente a realização de entrevistas em profundidade com as colaboradoras deste mapeamento que tenham disponibilidade e interesse em continuar a participar da pesquisa. A realização das entrevistas foi adiada devido ao contexto da pandemia de covid-19.

***Obrigatório**

1. Nome da trancista *

2. Nome de sua marca ou página no Instagram

3. Estado e cidade de origem *

4. Estado e cidade em que reside *

5. Idade *

09/04/2022 09:09

Mapeamento de transistas atuantes na cidade de Fortaleza

6. Gênero *

Marcar apenas uma oval.

- Mulher
- Homem
- Não binária
- Outro: _____

7. Você tem uma religião? Se sim, qual? *

8. Escolaridade *

Marcar apenas uma oval.

- Ensino fundamental ou 1º grau completo
- Ensino fundamental ou 1º grau incompleto
- Ensino médio ou 2º grau completo
- Ensino médio ou 2º grau incompleto
- Superior/Graduação completo
- Superior/Graduação incompleto
- Pós-graduação: especialização, mestrado, doutorado (completa ou incompleto)
- Outro: _____

9. Ainda estuda? Se sim, o que? *

09/04/2022 09:09

Mapeamento de trancistas atuantes na cidade de Fortaleza

10. Raça *

Marcar apenas uma oval.

- Branca
- Preta
- Amarela
- Parda
- Indígena

11. Qual seu estado conjugal? *

Marcar apenas uma oval.

- Solteira
- Casada
- Viúva
- Divorciada
- Outro: _____

12. Possui filhos? *

Marcar apenas uma oval.

- Nenhum
- Um filho
- Dois filhos
- Três ou mais filhos

Sobre os cabelos da trancista

09/04/2022 09:09

Mapeamento de trançistas atuantes na cidade de Fortaleza

13. Qual desses tipos de cabelo mais se aproxima com os seus fios naturais? *

Marcar apenas uma oval.

- Lisos
 Ondulados
 Cacheados
 Crespos

14. Você já usou procedimentos químicos para alisar seus cabelos? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não

15. Se sim, quantos anos tinha na primeira vez?

16. Você já passou por alguma transição capilar? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não

17. Se sim, com quantos anos?

Sobre o trabalho enquanto trançista

09/04/2022 09:09

Mapeamento de trançistas atuantes na cidade de Fortaleza

18. Como se denomina profissionalmente? *

Marcar apenas uma oval.

- Trançadeira
- Trancista
- Cabelereira
- Outro: _____

19. Atua trançando cabelos a quanto tempo? *

Marcar apenas uma oval.

- 0 a 2 anos
- 3 a 5 anos
- 6 a 10 anos
- 10 a 20 anos
- mais de 20 anos

20. Como você aprendeu a trançar? (Marque no mínimo uma opção) *

Marque todas que se aplicam.

- Com um familiar
- Com um(a) amigo(a)
- Curso presencial
- Pela internet
- Sozinha

21. Acerca de quanto tempo você possui um perfil no Instagram para divulgar seu trabalho? *

Marcar apenas uma oval.

- 0 a 2 anos
- 3 a 5 anos
- mais de 6 anos

09/04/2022 09:09

Mapeamento de trançistas atuantes na cidade de Fortaleza

22. Quem cria e publica o conteúdo no Instagram que divulga seu trabalho? *

23. Além do Instagram, você possui ou já possuiu outro perfil em alguma rede social virtual voltado para seu trabalho de trançista? Se sim, qual ou quais? *

24. Além do trabalho de trançista você vende algum produto através de seu perfil no Instagram? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não
 Às vezes

25. Trançar é sua principal fonte de renda? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não

26. Onde você atende as/os clientes? (Marque no mínimo uma opção) *

Marque todas que se aplicam.

- em minha casa
 em meu salão
 no salão em que trabalho
 na casa da(o) cliente

Outro: _____

09/04/2022 09:09

Mapeamento de trancistas atuantes na cidade de Fortaleza

27. Em seu trabalho você costuma desenvolver alguma relação com clientes posterior ao atendimento? *

Marcar apenas uma oval.

- Não
- Às vezes
- Sempre
- Outro: _____

28. Qual a principal forma de divulgação de seu trabalho? (marque pelo menos uma alternativa)

Marque todas que se aplicam.

- Site e/ou blog
- Redes sociais
- Participando de feiras e eventos
- Indicação e boca a boca
- Parcerias com outras empresas

Outro: _____

29. Existe alguma coisa que você deseja acrescentar acerca de sua contribuição no preenchimento deste questionário e participação deste estudo?

09/04/2022 09:09

Mapeamento de transistas atuantes na cidade de Fortaleza

30. Ao aceitar esse termo você estará confirmando as informações e dados que constam no formulário como verídicos e condizentes com a realidade. *

Marcar apenas uma oval.

Li o termo e aceito

Obrigada por participar!

Caso possua dúvidas, contribuições ou sugestões entre em contato por meio do e-mail beatrizjuvencio8@gmail.com ou pelo WhatsApp (85) 997413155.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

APÊNDICE E – DISTRIBUIÇÃO DE TRANCISTAS POR BAIRRO

